An aerial photograph of a small village nestled in a valley. The foreground shows rolling green hills with scattered trees, some with autumn-colored foliage. The village in the middle ground has several buildings with red-tiled roofs and a prominent white church spire. The background features more rolling hills under a clear, bright blue sky. A semi-transparent grey rectangular box is overlaid on the left and center of the image, containing the title text.

HISTÓRIAS de GENTE SIMPLES

Virgínia da Glória Morais Azevedo

Virgínia da Glória Morais Azevedo

HISTÓRIAS de GENTE SIMPLES

2016

Título: Histórias de gente simples

Autor: Virgínia da Glória Morais Azevedo

Edição: Câmara Municipal de Alfândega da Fé

Fotografia: Virgínia Azevedo - F. Lopes

Revisão: Francisco José Lopes

Paginação: João Carlos Gil Carrilho Póvoa

Data de edição: agosto de 2016

Impressão e Acabamento: Clio by Rip, Artes Gráficas

Depósito legal n.º 413917/16



Dedicatória

Ao Nelito, à Dora e ao António.

Aos meus cinco netos: Simão, Gonçalo, Vitória, Maria e Santiago.

À memória da minha mãe e ao meu pai que me transmitiu o amor à terra,
o gosto pelas palavras e de quem herdei o jeito para as rimas.

A todos os homens e mulheres de mãos calejadas do nosso Nordeste Transmontano.

Agradecimentos

Escrevo estas minhas vivências e lembranças para que não se perca com a minha memória um passado que, feliz ou infelizmente, já não tem presente.

Deixo aqui os meus sinceros agradecimentos:

À Câmara Municipal de Alfândega da Fé, por promover esta publicação;

À Doutora Berta Ferreira Milheiro Nunes, Presidente da Câmara Municipal;

À Professora Sílvia Lamas pelo contributo dado a esta publicação;

À Dr.^a Ana Margarida Duque Dias, responsável pelo Centro Cultural de Alfândega da Fé, pela colaboração e interesse demonstrado;

À Junta de Freguesia de Sambade, nas pessoas do Ricardo Pimentel e do Diogo Raimundo;

E um agradecimento muito especial ao Professor Francisco José Lopes, por ter dispensado o seu tempo precioso como historiador, para se debruçar sobre “*Histórias de gente simples*”, tão simples como quem as escreveu e lhe ter feito acreditar que as mesmas, embora pertencendo ao passado, não devem ser esquecidas no futuro.

Virgínia da Glória Morais Azevedo

Histórias de um Mundo que está a acabar...

Este livro com histórias contadas quase na primeira pessoa, histórias vividas que evocam tempos passados, é um testemunho único na forma e no conteúdo.

Não sendo um livro etnográfico é rico em informações sobre os trabalhos agrícolas, as festas, a alimentação e a forma de cozinhar e comer os alimentos que se produzem localmente, sendo um relato pormenorizado de um tempo passado, que embora com grandes mudanças ainda tem continuidade no presente.

Num tempo de fome e de pobreza muito se fala do que se come, como se come, como se cozinha, fala -se do *"binho"* (que dá força para trabalhar...) e da água da fonte que embora *"crie rãs na barriga"* é boa e fresquinha e não se pode passar sem ela.

Come-se mais na altura dos trabalhos em grupo, em particular as segadas, nas malhadas, na matança do porco e nas festas e os garotos em grande número e sempre presentes (por vezes a estorvar...) estão sempre com *"galga"*.

Pouco se fala das crianças na escola, embora *"andassem à escola"* mas de crianças que ajudam os adultos nos trabalhos de casa (as raparigas) ou do campo (rapazes e raparigas). A maioria dos adultos, principalmente as mulheres, não aprenderam a ler nem a escrever e têm *"muito desgosto por causa disso"*; poucos são os que conhecem as letras, porque desde pequenos tiveram de ajudar em casa.

As mães *"defendem"* os filhos e os pais têm pouca paciência com eles.

Alguns homens nestas histórias gastam o pouco que têm nas tabernas e dão maus tratos às mulheres e aos filhos.

Mas neste mundo de pobreza que era Portugal na primeira metade do séc. XX, ainda havia os mais pobres dos pobres, os ciganos, que andavam de terra em terra a pedir para poderem comer.

Já não há segadas nem malhadas neste século XXI em Sambade, porque o cereal deixou de ser uma das principais culturas em Trás-os-Montes como foi até aos anos oitenta do século passado, mas as castanhas e o azeite continuam a ser importantes, sendo actualmente as culturas mais lucrativas da Serra de Bornes (em tempo Serra de Monte Mel).

As crianças já vão à escola e a vida mudou muito; à ditadura seguiu-se a democracia e a entrada para a União Europeia e o país progrediu, assim como a vida das famílias, mas as histórias deste tempo de pobreza e fome, de trabalhos agrícolas duros, mas também de festa, de partilha e entreatada, ficam bem retratadas nestas histórias contadas por quem as ouviu ou as viveu, como a autora.

Este é um testemunho para memória futura que a autarquia tem o maior gosto em apoiar.

Berta Nunes

Presidente da Câmara de Alfândega da Fé

Gentes de poucos teres e haveres! Gentes de muitos saberes!

O microcosmos de uma aldeia serrana captado por uma menina com os cinco sentidos bem despertos que tudo gravou na memória. Talvez a premonição do valor desse presente a preservar no futuro!

Depois...a consciência disso e a passagem ao registo. E assim surgiram, resgatadas do passado, figuras que a autora presentifica. Não se demora nas descrições visuais, mas sim nos diálogos intensos pela materialidade do linguajar do povo, pelo relato pormenorizado das tarefas, pelos valores morais referidos ou inferidos numa correnteza de regato que se faz mar ao longo das narrativas.

Nestas histórias o ver subordina-se ao ouvir. As personagens agem, mas o que sobressai e se sobrepõe são os sons, a fala...a alma. A autora dá vida ao *Zé Até Ver*, à *Mercês*, às mães e filhas, aos casais, porque lhes dá voz.

A vida inicia-se com a voz, a morte é a ausência dela.

Felicitó a Gina por este testemunho de vivências da nossa infância e agradeço que nos tenha recordado as agruras desses tempos difíceis que foram os alicerces das mulheres e homens fortes da nossa geração – rijos como os castanheiros!

Maria Sílvia Cardoso Lamas

Prefácio

Há coisas na vida que nos deixam perplexos. Ao longo da minha existência, muito mais do que aquilo que escrevi e assinei, tem contado aquilo a que emprestei o meu humilde contributo para que gente da minha terra, desconhecida de tudo e de todos, pusesse cá fora, ao alcance do público, as palavras que andavam esquecidas no fundo das gavetas... e da vida!

A escrita é frequentemente um refúgio das nossas vivências, daquelas que verdadeiramente nos construíram como pessoas, mas o receio de que nos falte a qualidade suficiente para tornar públicas essas palavras e os sentimentos que dentro delas vão embrulhados, priva-nos a todos de não chegarem às nossas mãos muitos textos que foram escritos no silêncio da nossa humildade.

Já tive o ensejo de romper com muitos desses silêncios de escrita e vou manter esse desígnio como uma necessidade cultural, minha e da nossa gente. Se alguém, no silêncio da sua reflexão, se dá ao trabalho de escrever sobre as coisas da vida, sejam reais ou ficcionadas, por que razão nos havemos de privar de tamanha coragem?

Hoje escrevo de novo sobre a aventura de mais um dessas pessoas, que quase a “*medo*” me mandou, há uns tempos, alguns textos. E mais uma vez se repetiu uma história já minha conhecida. Não fazia ideia que se dedicasse sequer a escrever as suas vivências e estava longe de imaginar que o conseguisse com a qualidade que se comprova nos textos e poemas que compõem este livro.

Como todos nós sabemos, a educação é, em primeiro lugar, um acto de democracia, o único caminho conhecido para que as pessoas se tornem cidadãos participativos e interventivos e nos devidos tempos assumam o futuro como continuidade de um passado que outros, antes de si, lhe legaram.

Dentro da educação, a leitura é, sem dúvidas, um esteio que rapidamente se transforma em viagem pela vida e pelo mundo. Mas no final, a capacidade de escrever sobre essa vida e sobre esse mundo fica apenas reservada aos mais audazes, façam eles parte dos académicos consagrados, ou sejam simplesmente os anónimos do Povo que, afinal, são quem faz a história!

A escrita de Virgínia Morais inspira-se de forma profunda nas recordações de infância sobre as vivências de uma determinada população, neste caso de Sambade, desde sempre a segunda maior localidade do concelho de Alfândega da Fé (em determinados momentos chegou mesmo

a ter mais população e dinamismo comercial do que a sede do concelho) e onde, graças a um saudável bairrismo e à conjugação de esforços entre a autarquia local, o seu movimento associativo e a Câmara Municipal, tem sido possível conservar inúmeras tradições.

No entanto, se é certo que os textos deste livro vivem em boa parte desse património etnográfico, não ficaria completa esta nossa apreciação se não se fizesse um justo destaque à capacidade criativa da própria autora, podendo mesmo dizer-se que em todas estas histórias existe uma clara intenção ficcionista o que, juntamente com uma forma descritiva simples, mas recheada de vocabulário local, dá como resultado uma leitura agradável que certamente todos os leitores constatarão.

Considerando que estes são os primeiros textos que a autora torna públicos e que, como em todos os livros de outros autores, eles foram sujeitos a alguma revisão linguística, poderão algumas pessoas, que lhe desconheciam este gosto pela escrita, ser levadas a pensar ter havido intervenção de terceiros para melhorar o conteúdo destas histórias. Desenganem-se desde já. Os textos que agora se apresentam são os que originalmente a autora escreveu, sem alterações significativas de conteúdo e forma linguística, nenhuma alteração na arquitectura das histórias e apenas alguma uniformização do vocabulário local, que vai todo assinalado a itálico.

Estas histórias que Virgínia Morais nos apresenta não são propriamente contos, mas algumas delas estão muito próximas disso, particularmente aquelas em que a ficção é mais evidente

Assim sendo, embora conscientes do risco que estas classificações sempre comportam, parece-nos que não será de todo despropositado estabelecer três grupos, ou temáticas, se preferirem, não rejeitando a circunstância de em alguns casos todas as características se encontrarem no mesmo texto: os mais auto-biográficos (“*Coqueluche*”, “*Avós-Mães com açúcar*” e em parte “*A Festa de Agosto*”); os que apresentam uma forte componente ficcionista (“*A Azeitona*”, “*Os Bêbados*”, “*Os Pastores*”) e finalmente os de maior profundidade na descrição etnográfica (“*A Malhada*”, “*O Entrudo*”, “*Os Casamentos*”) embora, como já se referiu, seja evidente que esta última característica está presente em praticamente todos os textos.

De uma forma geral a escrita de Virgínia Morais caracteriza-se pela *simplicidade* linguística, capacidade criativa e ficcionista, descrição etnográfica e uso do vocabulário local, devendo acrescentar-se uma outra, não menos relevante, que é a construção de diálogos, permitindo que muitos destes textos possam ser facilmente adaptados à representação teatral, e todas elas se encontram, por exemplo, nesta passagem:

“-Mas atão conta-me lá, como te vistes com o teu pai quando lá chegastes com a cabra manca?
- Como me vi? Mal, pois claro, a fiska voou por cima do telhado da corriça que nunca mais a vi. Vês esta orelha? Num sei, mas parece-me que nunca mais vai a ficar do tamanho da outra e relambório? Fugi que só parei em casa, certo que a minha mãe me ia a dar algum apoio. Qual quê?! Se num me escapava ainda levava mais, ela também quer melhor àquela cabra do que a mim. Sabes que quando nasceu a minha irmã Clara a minha mãe esteve muito doente e num tinha leite p’ra

lhe dar de mamar, foi quando o meu pai comprou a cabra Branca, tinha-lhe morrido o cabrito e como tinha muito leite foi ela que criou a minha irmã. Diz que mal chegava a casa subia as escadas e ia-se escarranchar em cima do berço que estava na varanda, p'rá garota mamar.

- Aí está a razão da tua mãe gostar tanto dela e tu também gostas, dela e de todas, que eu bem sei. É como eu, quando o meu pai resolve vender ou trocar alguma é uma choradeira lá em casa, às vezes nem consigo dormir. São as nossas companheiras dos pequenos e longos dias, todas elas nos conhecem e sabem quando estamos tristes. Olha a Peinadinha e a Bemposta que se vieram deitar aos teus pés, estão a olhar p'ra ti, como se te quisessem consolar.

- Já vistes Zé, até já sei o nome das tuas cabras.

E riram os dois, abraçados às cabritas.” (in “Os Pastores”)

Referimos que uma das características era a *simplicidade* da escrita e propositadamente colocámos a palavra a itálico. É que para nós essa apreciação está longe de significar *fácil*, tanto mais que sempre entendemos que isto de escrever com *simplicidade* só é fácil para quem nunca se atreveu a escrever duas linhas seguida!

Como se disse, muitos destes textos contêm descrições etnográficas importantíssimas e que importa preservar, não passando despercebido o especial contributo que a autora dá em assuntos como a gastronomia local, em alguns casos de forma tão pormenorizada que certamente permitirão experimentar as ementas!

Para a presente edição optou-se por uma regra de escrita em que o falar tradicional surge sobretudo nos diálogos dos vários personagens dos textos, sem prejuízo de se manterem alguns vocábulos nas partes descritivas da autora. Em qualquer dos casos uns e outros vão assinalados a itálico, tendo-se mantido a ortografia anterior ao acordo ortográfico.

Francisco José Lopes

2016-07-26



O Entrudo

Nos meses de Dezembro e Janeiro o frio e o vento cieirol transformavam a paisagem do Nordeste Transmontano numa espécie de terra moribunda, as árvores completamente despidas, a vegetação queimada pela geada e os *piçorros* dependurados nas telhas velhas das casas, fazia com que, com o frio e a falta da luz do sol, as pessoas se isolassem. Mal saíam de casa, apenas para ir buscar lenha e tratar dos seus animais.

No Inverno as pessoas, andavam mais tristes, mais melancólicas, repercutindo-se na sua forma de vestir, usavam cores escuras, predominando o castanho, o azul-escuro e o preto.

As mulheres usavam lenços de merino na cabeça e xailes de lã para se protegerem do frio, os homens, vestiam capotes e samarras feitas de lã e de *sorrubeque*, usavam quase sempre chapéu. Calçavam meias de lã e algodão feitas à mão e socos com *brochas*, para não escorregarem no gelo e na neve.

As casas eram pequenas, sem nenhuma condição de habitabilidade, não havia água canalizada ou saneamento e o único aquecimento que possuíam era a lareira.

O escano e os bancos de madeira, ou de cortiça, que se encontravam bem perto do lume, eram pouco confortáveis, e mal a noite se aproximava, os seus corpos cansados da monotonia e da inércia em que permaneceram durante todo o dia, esperavam pelo anoitecer para se irem deitar.

Numa dessas noites frias, em Fevereiro, por entre o silêncio e a escuridão da noite, romperam uns sons, com ecos prolongados, saídos de um objeto estranho, era o corno de um boi, preparado para o efeito.

- António! Ó *Tónio*, estás acordado? Estás ouvir isto?

- São os *carteadores*, já os tinha estranhado este ano. Temos o Entrudo à porta, do que estavas à espera? Devem estar na seara, *p'ra* se ouvirem assim tão bem!

- Como é que aquelas almas do diabo andam por aí com este frio? Escuta, como gosto de os ouvir! Trazem-me saudades, mas *tamém* tão boas lembranças, do meu tempo de rapariga. Agora já *num* me importa com o que eles dizem, mas quando era rapariga e os ouvia *cartear*, até o coração me saltava do peito.

- Pois olha, se era preciso, quem *num* deve, *num* teme. Deixa-os andar que eu quando era novo *tamém* já andei, lembras-te, quando numa dessas noites me meti contigo e disse, *p'ra* toda a gente ouvir, que nos havíamos de casar os dois?

- Atão *num* me havia de lembrar? O meu pai é que *num* achou graça nenhuma, ficou tão danado, havias de ver, *p'ró* outro dia nem olhava a direito *p'ra* mim e *p'rá* minha mãe. Disse que se te apanhasse a jeito que era até capaz de te dar uma *verdascada*, se tivesse com quê.

- *Bô*, valia a pena, quando a gente é nova o que quer é divertir-se, *num* é? *Num* pensa e *bota* cá *p'ra* fora o que lhe vai no coração. Eu a pensar que tinhas gostado! Afinal enganei-me!

- Não que *num* gostei! Nessa noite já *num* cerrei os olhos, há quanto tempo eu estava à espera que pedisses autorização ao meu pai *p'ra* namorarmos? Agora, dizeres assim, *p'ra* toda

a gente ouvir, fiquei toda *emproada*. P'ró outro dia vi algumas, até das que se faziam minhas amigas, olharem p'ra mim *roedinhas* de inveja.

- Escuta, estão a falar da Olívia, da filha do Cachopo.

- *Caramba*, há coisas que *num* se dizem, mesmo que seja verdade, toda a gente sabe que ela *lhe* vai a ter ao moinho, agora o resto, a gente já o sabe. São *bilhacos*, aproveitam-se destas alturas p'ra falar mal de quem *num* gostam, e se são casadas ainda p'ra pior. Já têm dito valentes mentiras, e olha que isso é levantar falsos testemunhos que podem prejudicar muito certas pessoas, digo-to eu.

- É verdade, mas depois destes meses de Inverno, dias tão frios e tristes, quando os ouço lembra-me o Entrudo de antigamente e tudo o que nós brincámos nesse dia fanfarrão. Lembra-te *Tónio*, daqueles Entrudos, em que passavas aqui à porta um *ror* de vezes, a cavalo na tua burrica Janota? Levavas a cara tapada, com um pano de renda, na ponta *dum* pau a bexiga do porco, cheia de ar. Batias-nos com ela na cabeça, o que vale é que *num* feria nada. Toda a gente perguntava, quem é aquele, quem é aquele? Eu, caladinha, dizia cá p'ra mim, é o meu António! Conhecia-te bem, até aquele ano em que te vestiste de mulher!

- Pois foi, p'ró que me havia de dar? Vesti um vestido da minha mãe, tapei a cara bem tapadinha com a renda e um chapéu de palha que me emprestou a minha irmã Lucinda. Quando fui a tua casa levava uma caixa de pó-de-arroz e *despejei-a* na tua cabeça e na das tuas irmãs, p'ra fazer boa figura, já se vê. Despejei-a umas poucas de vezes durante o dia, mas *num* era pó-de-arroz, que era caro! Era farinha, íamos a roubá-la ao forno da *ti* Maria. Estáveis a *matabichar*. O vosso lar era grande, mas também eris tantos. Dei uma mãozada ao teu pai e outra à tua mãe, todos ficastes a perguntar, quem será? Mas eu depressa me pus a mexer, com medo dele, claro, namorávamos às escondidas e nessa altura os pais *num* eram como agora.

- Pensas que *num* te conheci? *Atão num* te vi a mão empanada, eu soube que te tinhas cortado na véspera do Entrudo quando estavas a enfeitar o carro dos bois do *ti* Francisquinho. Ainda te lembras do que estávamos a comer ao *matabicho*?

- Sei lá! Já foi há tanto tempo.

- Nesse dia bebíamos sempre leite com café, ou com cacau. De manhã cedo, os cabreiros e os donos das ovelhas mandavam canecas de leite à nossa casa. Nós não tínhamos leite, mas tínhamos *binho*, azeite e matávamos sempre o porquito. A minha mãe mandava-nos a casa das pessoas amigas e das vizinhas mais pobres, a levar uma garrafa de *binho*, um quartilho de azeite, até um bocado de *chicha* gorda e uma chouricita, p'ra cozerem nesse dia. Havia muita gente que não matava porco, e o Entrudo sem *chicha* de porco *num* era Entrudo, *atão* ele é um *chicheiro* e um lambão, como *lhe* chamava a minha avó. O peguilho *tamém* era bom. Salpicão frito passado por ovos, ou linguiça assada, um queijinho dos duros, de ovelha e as rosquilhas *num* podiam faltar. *Num* faltavam em casa de ninguém, porque quem *num* as podia fazer, mandava os garotos de casa em casa a pedir a *rosquilhinha*. À noite, *num* podia faltar o pé e a orelha do porco, cozida na panela de ferro, e o salpicão dos ossos. Era uma festa muito alegre o Entrudo,

num era só *p'lo* rancho melhorado, era *tamém p'la* folia, saíamos de manhã e só íamos a casa quando nos dava a fome. *P'rás* raparigas, era o único dia que podiam vestir calças, ninguém reparava. A mim ficavam-me bem as do meu irmão Eduardo, ele era mais novo do que eu, mas como era mais franzina, a camisa branca, a jaqueta dele e aquele chapéuzinho domingueiro, ficava-me mesmo a matar. Depois do almoço vestíamo-nos *p'ra* ir na contradança. Era bem bonita aquela farda que o prof. Vilares mandou fazer: saias rodadas, e bem garridas, com lenço igual, blusas brancas e as nossas *socas* pretas com meias de renda até ao joelho. Às vezes ponho-me a pensar, como é que aquelas *soquinhas*, com tanta dança, não nos saltavam dos pés? E a *figuraça* que fazíamos? O nosso bairro era o que levava sempre a melhor contradança, andávamos *p'raí* um mês a ensaiar as danças naquele armazém do dr. António, deitávamo-nos sempre tarde e mal, mas *num* nos queixávamos com o sono. Logo de manhazinha, quando nos chamavam, *num* eramos *mancos* a levantar! Se nos queixássemos *num* nos voltavam a deixar ir. Ainda me lembro do primeiro beijo que me roubastes, foi num desses ensaios. Eu fiquei tão corada, o que valeu foi que a luz do gasómetro era fraca, ninguém *dou* por nada. Queres que te diga? Foram os tempos mais felizes da minha vida!

- Até e nós, os rapazes, saímos do ensaio e íamos direitinhos *p'ró* curral do *ti* Francisquinho, a enfeitar os carros que haviam de sair no desfile. Andávamos uma semana sem dormir, cada noite enfeitávamos um, pedíamos as colchas finas de caxemira e de seda emprestadas a quem as tinha, arranjavamos umas folhas e alguns arbustos que não se queimaram com a geada e enfeitávamo-los conforme podíamos, depois saíam os carros dos bois, puxados pelos burros, e por alguma mula, ou macho, à frente da contradança. A *ganapada* em cima dos carros, vestidos de caretos, faziam uma *algazarra* que já *num* precisávamos de grande música.

- Às vezes os do bairro de além *num* se ficavam atrás, lembras-te daquele ano que até fizeram um carro em forma de avião e outro *dum* barco? Ficou tudo de boca aberta.

- Pudera, juntaram-se os doutorzinhos todos que andavam lá *p'ra* Coimbra a estudar, vinham com aquelas ideias novas das *ingenharias* e *num* admira, fizeram boa figura!

- Nesse ano o Entrudo foi valente, veio cá muita gente de Alfândega e das outras aldeias, andavam os dois bairros ao despique. As raparigas até tivemos duas deixas, à falta *duma*. As do bairro de cá leram-nas na praça das Mentiras, na varanda da Marquinhas e as do bairro de lá foi no Santo Cristo, na varanda dos Veríssimos, lembras-te das minhas?

- Lembra-me lá agora, deviam ser bonitas, que eu *num* deixava que *tas* fizessem feias. Algumas eram bem picantes, à conta que era Entrudo, aproveitávamos *p'ráchincalhar* as pobres das raparigas, *p'ra* falarmos mal delas, mas olha que às vezes arranjava-se ali cada barulho, as raparigas choravam, as mães barafustavam e até nos tratavam mal e quando elas tinham irmãos e os pais ainda eram novos, se nos apanhavam, *codeavam-nos* o lombo, pela certa! Mas *tamém*, sempre se disse: “*No Entrudo passa tudo*”. E era verdade, quando acabavam de ler as deixas iam todos a cear e à hora do enterro juntavam-se de novo no largo. Choravam, berravam, atrás do caixão, faziam-lhe um pranto que só visto! Agora, *num* sei se eram eles ou o *binho* que traziam

no bucho! Era com cada *borracheira* que alguns chegavam a dormir junto da fogueira, com o garrafão ao pé, olha que a geada *num* lhe chegava!

- Olha, já se calaram! Ainda bem que *num* acordou nenhum garoto, senão ficavam cheios de medo e vinham *a enfiar-se* na nossa cama.

- Calaram-se eles e calamo-nos nós, que *inda* é cedo. Toca a dormir que lá *p'rás* sete da manhã já andam aí os das trompetes, a tocar a alvorada!

O Entrudo

O Entrudo é euforia

Liberdade extravagância

É crítica mascarada

Mas também é “*Contradança*”.

É sopro de nostalgia

De quem não gosta ou não quer

Das brincadeiras do Entrudo

É perfume de mulher.

É a magia do poema

Que se fez *p'ra* ser cantado

É cartear noite adentro

Acordar sobressaltado.

É a coragem escondida

Numa máscara que cai

É silêncio sem medida

Duma vida que se esvai

É coragem é liberdade

De quem gosta de brincar

É viço de mocidade

É noite e dia a cantar.



As Cascatas

Dias grandes e quentes são os do mês de Junho, mês dos Santos Populares. Mês de muito trabalho, mas também de muita folia.

O Santo António é mais contido, mais dedicado a novenas e orações, o S. João é, sem dúvida, o mais bairrista. Com cascatas, sardinha assada, vinho e fogueiras, festeja-se por todo o lado e, por fim, o S. Pedro, já meio cansado, devido às folias dos seus amigos, mesmo assim teima em manter a tradição.

No largo das Mentiras já se respira um ar de festa. Foi tudo bem varrido, revestido o fontanário com eras e verdura, é ali que vai nascer a cascata do S. João.

Em casa da Amália anda tudo num rodopio. O Carlos foi com outros rapazes ao Souto da Velha cortar os paus de castanho bravo, para fazerem os arcos que irão proteger o interior da cascata.

O Miguel, mais novo um ano do que o Carlos, prepara umas tábuas que encontrou no palheiro do pai, que irão servir para fazer os degraus, para dar relevo ao suposto altar, onde irá realçar a imagem do S. João. É bom que todos compreendam que este evento visa glorificar o Santo.

A meio da tarde, no referido largo, encontram-se rapazes e raparigas e dando cada um a sua opinião, vão transformando e embelezando a cascata.

- *Atão* raparigas, como é que estão os preparativos *p'ra* logo à noite?

- *Ó ti* Joaquina, está tudo meio *amanhado*, a cascata está quase pronta e olhe bem para o nosso S. João, *a ver* se o conhece! Fomos *a buscá-lo* à capela, mas olhe que foi um *bico dobra p'ra* convenceremos o senhor Padre, disse que só *nos o* emprestava se houvesse alguém que ficasse por ele! Tivemos que pedir ao senhor Professor *p'ra* ficar pelo Santo! Mas assim a cascata é outra coisa! Já viu? Com um Santo benzido e tudo! Mete muito mais respeito!

- E estes vasos todos e tão bonitos, *aonde* os fostes *buscar*?

- Os vasos de mangericos e de *hortenses* trouxemos nós de nossas casas, e os rapazes *tamém* trouxeram uns quantos vasos de mangericos, *num* sei onde os tinham, mas estavam bem escondidos!

- Olha os *atraganados*! Por isso é que durante a noite desaparecem os vasos de manjericos das varandas e dos peitoris das janelas, elas bem se queixaram, mas nenhum se acusou!

- Está-me a parecer que hoje alguns ainda vão *a ser* reconhecidos... Se forem do bairro *dalém* vai ser o *bô* e o bonito!

- É só para reinarem filha! É a mocidade! Olha que *num* vão a roubá-los às velhas! Eles querem é meter-se convosco e ver-vos zangadas!

- Pois sim, nós *tamém*, se *num* quiséssemos que eles os roubassem não os deixávamos à mão de semear, recolhíamo-los *p'ra* dentro, *num* era?

- Mas afinal a cascata só consta de Santos e de flores?

- *Num* senhora! E de *comerzana*, está-se mesmo a ver. O sardineiro, o senhor Amâncio,

deixou-nos aí duas caixas de sardinhas, reluzem como a prata, já lhe pusemos o sal para as assarmos logo à noitinha, o pão cozeu-nos uma fornada a *ti* Maria do Forno, cada uma trouxe uma quarta de grão e mandamo-lo moer no moinho da Junça. O caldo verde está a cargo das mulheres mais velhas, a *ti* Adelina, já pôs dois *panelões* de ferro ao lume, com as batatas a cozer e a minha madrinha está a *talhar as coubes*, é ela que o talha todos os anos, deixa-o tão fininho que aquilo depois das batatas *esmagadinhas* é só uma fervura.

- *Atão* e as danças e a música?

- A música fica a cargo dos rapazes, parece que vêm aí uns de Gebelim que tocam muito bem *rialejo pr'á animar* a festa. E cá? O que há mais é músicos, a nossa banda tem tantos rapazes que tocam tão bem! O bombo, as trompetes, a caixa e uns clarinetes *tamém* ajudam. Olhe que por falta de música, *ti* Joaquina, *num* havemos deixar de dançar.

- *Atão* logo à noite *num* vai faltar aqui gente *p'ra* comer e beber e se for de graça... Ah! rapariga, o largo enche-se.

- E não há-de ser só por causa disso e *atão* a cascata? *Vossemecê* já viu como está bonita? Se for preciso ainda podemos pedir mais uns santinhos e mais vasos aos vizinhos.

- Aprumai-vos, olha que eu fui a espreitar a do Santo Cristo e eles *tamém* fizeram uma cascata encostada à casa grande, está muito enfeitada, tralha *num* lhe falta! Assim que me viram começaram a falar umas com as outras, *p'ra* que eu ouvisse e vos viesse a contar. *Tamém* a verdade é que só lá fui a *bispar*, *p'ra* vos avisar, é claro, *num* quero que façais má figura. Disseram que *inda* haviam de começar a assar as sardinhas primeiro do que vós e que o senhor Zé Maria já lhe tinha oferecido um cântaro de *binho*. Sabes como são, uns invejosos, *num* podeis fazer nada que eles querem logo imitar!

- *Num* me admira nada, pois que assem lá as sardinhas primeiro do que nós, até nos fazem um favor, assim quando vierem *p'ráqui* já vêm de barriga cheia e já sobram mais *p'ra* nós! *Duma* coisa eu tenho a certeza, *p'ra* estar tão bonita como a nossa *inda* lhe há-de faltar muito, só o Santo! Aonde vão eles arranjar um Santo *benzidinho* como o nosso? Bem sabe que as pessoas ligam muito a essas coisas, e depois o nosso Bairrinho sempre foi melhor em tudo, é no Entrudo é nas Cascatas, e na Festa? Quem é que enfeita melhor as ruas *p'ra* passar a procissão? Somos nós, está visto. Já *num* falando nos teatros, donde são os melhores artistas? Os do Bairrinho *tamém* somos mais do que eles, por isso *num* há que ter medo.

- Já mandastes alguém ao Bairro do Meio? São poucos, mas às vezes *tamém* fazem alguma coisa *p'ró* S. João.

- Já lá fui *a* espreitar e até perguntei, assim como quem *num* quer a coisa, se *num* faziam a Cascata. A *ti* Alice disse que só a faziam *p'ró* S. Pedro, porque vinham as meninas *estudantas*, as fidalgas do Porto e elas sim, é que sabiam como fazer uma Cascata em condições, com marchas e tudo.

- Ai sabem!? Pois olha, sempre as *cria* ver medidas nas minhas socas a dançarem aí uns jogos de roda! Emproadas, são o que elas são! Mas *p'ra* estas festas *num* nos chegam aos calcanhares!

- Eu também lhe disse: *Atão* logo à noite apareçam por lá, vocês *ande* ver o que é festa e fartura. Pão, sardinhas assadas, *binho* e uma *malguinha* de caldo de *coubes num* há-de faltar a ninguém. E a música? Foi encomendada, vão ficar todos de boca aberta! Ai vão, vão!

As Cascatas

Uns paus ao alto, forrados
Com eras e madressilvas,
Uns arquinhos enfeitados
No largo pelas raparigas.

Uns vasos todos floridos
Que pediam emprestados
Colocavam em cascata
Com a ajuda dos namorados.

Com musgo e serradura
Se faziam os caminhos,
Bem no alto da cascata
Colocavam os Santinhos.

S. João, ou Santo António
Grandes Santos populares.
S. Pedro, Chave do Céu,
Venerado nos altares.

Por ciúmes ou por malícia
Se havia outra na Aldeia
Uns diziam... esta é bonita!
A do Bairrinho é tão feia.

À tarde ou à noitinha
O povo para relaxar
Corria a ver a cascata
Ouvir música e dançar.

Conversa de Santos

S. João disse a S. Pedro:

-Tu nem vais acreditar

O que dizem lá na terra

Sobre mim, sobre o casar.

-De Santo casamenteiro,

Noutro tempo porque não?

Hoje com tanto divórcio

Deus Te livre S. João.

-Não me meto em casamentos,

Desses que só dão sarilhos,

Que só trazem sofrimentos

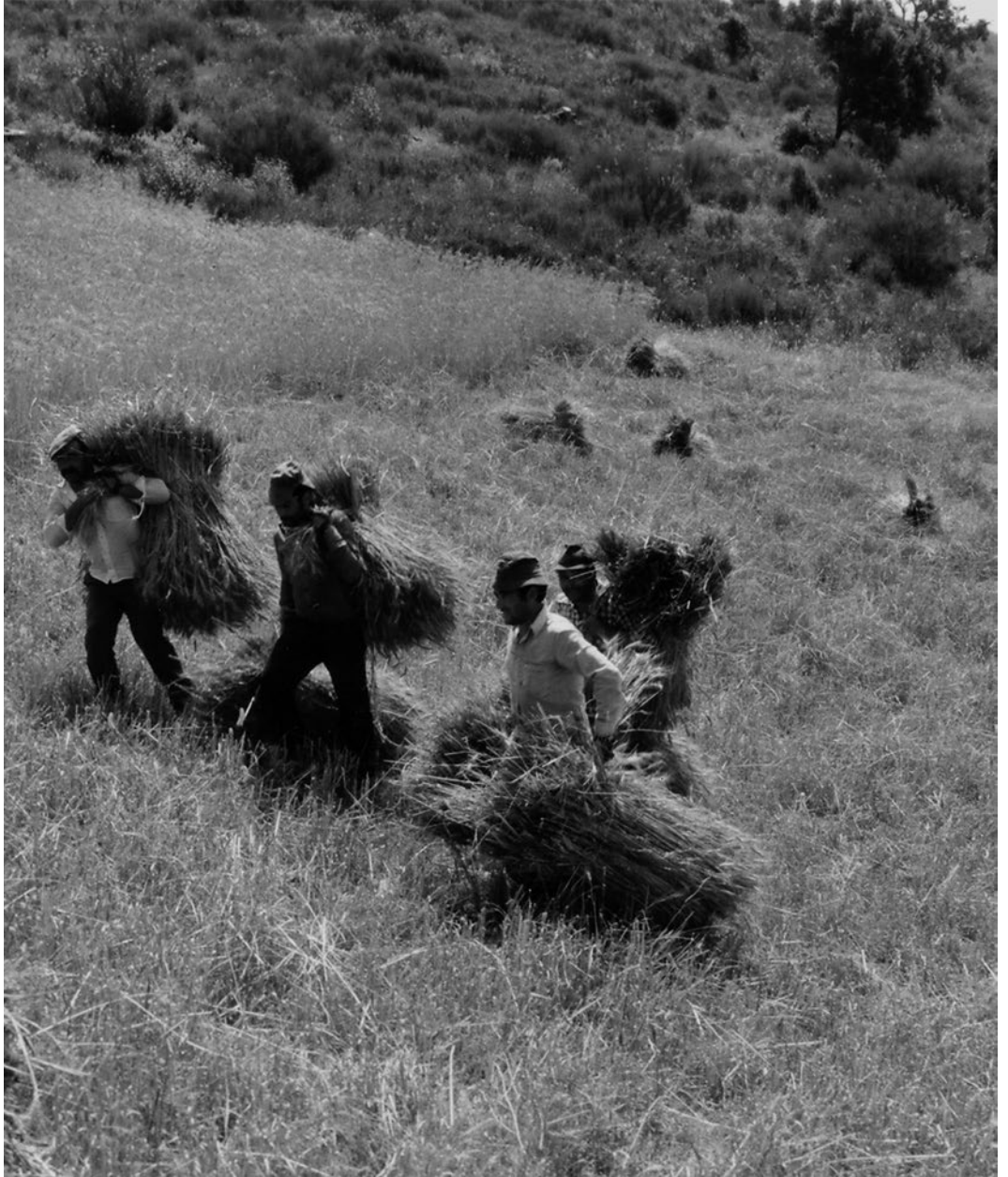
Ao casal aos próprios filhos.

Tu Pedro que estás à porta,

Se por lá vires o Senhor,

De Santo casamenteiro

Que me livre por favor.



As Segadas

No final de Junho os campos do Nordeste Transmontano vestem-se de amarelo doirado.

O trigo e o centeio já estão maduros, prontos a ser ceifados e encaminhados para a eira.

As gordas espigas inclinam-se, vergadas com o peso do grão e com a brisa suave a sua ondulação só se compara às ondas do mar em tempo de calmaria.

Na casa dos Cunhas vive-se numa grande euforia e azáfama. É necessário ceifar o trigo das leiras, antes que o grão se perca e que a passarada debulhe parte das espigas.

- Ó Zé, afinal quantos segadores levamos amanhã? É preciso saber quantos são, por causa da comida, nunca faltou comida na nossa mesa, então *p'ros* obreiros, *num* é agora que quero que falte, é que seria por aí um falatório.

- *Atão*, vai o teu irmão, o Zé da Burra mais o filho, *inda* é um garoto, mas é trabalhador, se *num* segar junta e *acarra* os molhos, o *ti* Acácio vai à *torna jeira*, depois lá vou *p'ra* ele, o Gago, *num* fala muito, mas trabalha bem, eu e os nossos dois rapazes, já somos oito. Já segamos muito pão durante todo o dia. É levantar cedinho que *p'la* fresca é que se anda bem.

- Dissestes à tua irmã *p'ra* me vir ajudar aqui com as merendas?

- Não que *num* lhe havia de dizer, é que ficaria toda *enxofrinada*, vem ela mais a *ganapada* toda, como seja *p'ra* comer, *num* te preocupes que vais cá ter muito quem coma.

- E quem trabalhe, *conho*, comida *num* vai a faltar, matei o galo da crista caída, era o maior, e dois coelhos, já dá muito bocado, refogadinhos com batatas cozidas, as postas de bacalhau já estão *demolhadinhas p'ra* fazer as *Sopas da Segada*. *Num* é *p'ra* me gabar, mas as sopas que eu faço nunca ficam secas como as *dalguma* gente, ficam molhadinhas com a água do bacalhau e o azeite, que nestas alturas *num* o poupo, era só o que faltava, *tamém*, *p'ra* dizer a verdade, é do que eu mais gosto. Casadinhos de trigo e centeio, com o *azeitinho rijado* com alho e um bocadinho de pimento por cima das lascas do bacalhau e dos ovos cozidos partidos às rodelinhas finas, já me estão a saber bem!

- *Catano*, é isso mesmo, em casa minha *num* há cá fomes, quem trabalha tem de comer, o pior são os *raparigos*, que *num* fazem nada e estão sempre *esgalgados* com a fome, os *catanos*, parece que *num* comem há meses, deixa que nestes dias tiram a tripa de miséria!

- Lá estás tu outra vez a implicar com os garotos, estão-se a criar, depois de criados *num* há-de faltar quem os mande, até lá tem que se lhe encher a barriga.

- Vá, *atão* eu já me vou deitar, estou cansado e amanhã há muito trabalho pela frente. *Num* te esqueças de dizeres aos rapazes que se deitem a tempos e horas para madrugarem, *num* quero que os segadores fiquem aí à espera deles.

- Está bem, *home*, eu trato de os chamar cedinho, *inda* tenho que fazer. Quero deixar tudo bem *arrimado*, vou dar um jeito neste lar que está todo untado, a nossa Mariazinha tombou o prato das batatas com o azeite *p'ra* cima do *escano*. Hei-de deixar o *mata-bicho* meio amanhado, quero partir um bocado de presunto e lavar o queijo de ovelha que está na panela vidrada com o azeite, e deve estar *ruinzinho*, vou a ver se ainda se arranja também um *salpicãozito* no fundo da talha. As nozes, os figos e as azeitonas já ficam em cima da mesa, depois, o *binho* é contigo.

- Está bem, amanhã eu trato disso e agora vê se te calas e deixa-me dormir.
- Deus nos dê boa noite.
- Ámen.

Quando a Alice se foi deitar o Zé dormia há mais de duas horas, dormia profundamente, como que a carregar baterias para o dia seguinte. A Alice, fosse devido ao cansaço, ou às preocupações que a assolavam com os preparativos das merendas para a *Segada*, não conseguia dormir, sentia um certo nervosismo, mas também uma alegria imensa de poder ter algo de seu, o suor dos seus rostos havia de lhe dar o sustento do ano inteiro, sim, porque o pão era o alimento mais importante e que não devia faltar em nenhuma casa. Adorreceu tarde, mas foi a primeira a acordar.

- Zé, ó Zé, acorda, parece que está a começar *àclarar*, só faltava que viessem os segadores e nós na cama, que vergonha! *Num* te esqueças que ainda tens que *acomodar a cria* antes de saíres, deixa-me a burra *aparelhada*, *p'ra* depois vos levar o almoço, ela às vezes é meia maluca *inda* me dá algum coice a mim ou às panelas, aperta-lhe bem a *cilba*.

O Zé vestiu a roupa mais usada e fresca que tinha e dirigiu-se para o curral, mal abriu a porta começou aos berros:

- Alice! Ó Alice, anda cá depressa ajudar-me a meter os porcos no *cortelho*, estes danados *sairam-se* e foram *p'rá loje* da burra, *arre diabo*, ela até bate *cum* a cabeça na parede com o que está de assustada, *raios parta* os porcos, *fossaram* tudo, tiveram tempo em toda a noite, os desgraçados, deixa que hei-de ir ao *ti* Ferrador que me faça um *arganel p'ra* cada um, que depois eu dou-lhe o *fuçadouro*.

- Pronto *home*, já estão no *cortelho*! Estou *esbrinçada*, diabos, que me cansaram logo de manhã e logo hoje!

- A burra está pronta, os *alforges poê-los* depois tu, senão ainda pensa que estou a prepará-la *p'ra* ir *p'rálguna* festa e *bota-se* a fugir.

- E *num* vai? *Atão* com tanta comida a cheirar-lhe bem e tanto *raparigo* atrás a fazer algazarra, a burra *num* há-de pensar que é dia de festa, anda mas é *p'ra* cima que já está aqui o pessoal *p'ra* *matabichar*.

- Ó Artur, enquanto o pai *num* vem vai lá tu à pipa, leva esta jarra de barro, que os homens precisam de beber uma pinga, *num* te demores, e vocês comam por onde o virem, que comida *num* vai a faltar, se Deus Nosso Senhor quiser!

Os segadores vão chegando um a um para o *mata-bicho* em casa do Zé e da Alice.

- Ora *atão*, Deus nos dê bons dias! Ainda mal se vê, mas aqui dentro sempre temos a candeia *p'ra* vermos a comida e a caneca do *binho*, vamos lá ver se damos cabo das leiras, ó *ti* Alice!

- Haveis de dar, se Deus quiser, *tende* cuidado com as *seitouras p'ra* *num* vos cortareis, por volta das dez lá estaremos com o almoço, vou já tratar de fazer uma fogueira, ele *num* apetece muito, mas as panelas *inda num* fervem ao Sol!

- Bom dia Alice, já estou atrasada? Estive a compôr a roupa aos garotos *p'ra* se vestirem quando acordarem, olha que *num* demoram aí, levantam-se sempre com uma *galgueira*.

- Ainda vens a tempo, acabei *d'acender* o lume, vou já pôr as panelas com água *p'ra* que vá aquecendo.

- Onde tens as cebolas que eu tas descasco, metem-se a cozer com o bacalhau, que ficam as águas mais *gostosinhas*.

- Come primeiro mulher, a mesa ainda está posta, olha que *inda* há *binho* na jarra, bebe uma pinga, que é bom e sei que tu gostas.

- Com o presunto e o queijo cai bem uma pinga, *atão* estas azeitoninhas estão mesmo a pedi-la.

- As bolas de *sertá inda* as fiz ontem à noite. O bacalhau era pouco, mas com os ovos e a salsa ficaram bem boas, estão amarelinhas, é dos ovos caseiros. Enquanto partes o pão *p'rás* sopas eu vou já preparando as cestas *p'rás* meter nos alforjes, leva-se o bocado do presunto, o queijo de ovelha, o resto do salpicão e as azeitonas para merendarem à tarde, escusamos de andar com esta tralha toda *p'ra* baixo e *p'ra* cima. Deixamos tudo na cesta e dependuramo-la no sobreiro grande. Parece que já *num* falta nada. Ó Maria, *num* é preciso irmos as duas a levar o almoço, vou eu mais as tuas garotas. A Madalena vai *escarranchada* em cima da burra e leva o cântaro de barro à frente dela, que é para beberem a água fresquinha, a Mariana leva-a *p'la* rédea, *num* se espante.

- *Bô!* E *num* se irá a verter a água do cântaro?

- Não, que o teu irmão fez-lhe uma rolha de cortiça. Enquanto *num* chegamos tu vais adiantando o jantar, que lá *p'rá* uma, o mais tardar, querem comer outra vez. O frango já está ali a refogar na panela de ferro, os coelhos são mais tenrinhos, chega bem refogá-los quando eu vier, aprontas o caldo, quando começar a ferver *bota-lhe* uma caneca de água fria *p'ros* feijões irem ao fundo, que se cozem mais depressa, depois é só *meter'ilhas coubes*, já estão cortadas no tacho de esmalte. Meti-lhe *tamém* um bocadinho de *chicha* gorda que lhe dá bom gosto e não é preciso *botar-lhe* tanto azeite, se tiveres vagar *desbulha* as batatas e mete-as na panela, mas só se põem a cozer depois *da* carne estar meia gusada.

- Eu sei Alice, vai descansada, olha os garotos! *Tamém* querem ir convosco, atrás da merenda, está visto.

- *Homessa*, deixa-os vir, mas que *num* me espantem a burra, senão lá se vão os alforjes e a comida, dá daí o garrafão do *binho*, que está debaixo dessa saca molhada, assim conserva-se fresquinho, já me esquecia do melhor!

As leiras ficavam a uma boa meia hora de caminho, a burra caminhava devagar, de carregada que ia, a Alice levava o garrafão de vinho à cabeça em cima duma rodilha que fizera com duas giestas que tirara da vassoura. Com a sua perícia e equilíbrio segurava-o sem a ajuda das mãos.

- Graças a Deus chegámos *em* bem! Espera aí garota, que já te ajudo a descer da burra, dá-me o cântaro da água, tu aí, Lena, estende a toalha nessa sombra, o que vale é o sobreiro

grande *p'ra* comerem e descansarem um pouco, também com este calor! Começa a pôr as coisas em cima da toalha, a panela das sopas, as azeitonas, os pratos e os garfos, *abonda* daí os copos que estão na cesta, dentro do alforge, o pão está do outro lado. Pronto, sentai-vos aí à sombra garotos, que já vos dou de comer, deixai servir primeiro os segadores, mas não vos *afligides*, porque a comida chega *p'ra todos*. Ó Zé, vinde almoçar, vá, que não posso estar aqui o dia todo, tenho *que* ir acabar de fazer o jantar.

- Vamos rapazes, comi e bebi, temos *que* lhe pegar com gana, as leiras são grandes e o pão está espesso.

- Já está tudo composto? E vós, garotos, já *num* quereis mais? Vamos arrumar a louça e a meter tudo no alforge, metemo-nos ao caminho mais a minha burra Janota e vamos aprontar a janta, porque daqui a duas horas já temos *que* cá estar outra vez.

O regresso foi mais rápido, a burra tinha cumprido bem a sua tarefa, já não havia o perigo do almoço não chegar ao destino.

- *Atão* Alice, os segadores gostaram do almoço? E os garotos deram muito trabalho?

- Não que *num* haviam de gostar, e as sopas estavam pouco boas. Estes *atraganados*, à ida portaram-se bem, estavam com o *sentido* na merenda, à vinda queriam vir todos a cavalo na pobre da burra, fizeram uma barulheira pegada em todo o caminho, até a burra vinha assustada com as orelhas em pé, bem lhe disse que só podiam vir as duas mais pequenas e que a burra não tinha albarda para caberem todos, mas mesmo assim vieram todo o caminho a refilar. Ao jantar não vão connosco, vou só eu e tu, *tamém* com este calor, só se vão lá a cansar.

- Pois claro, ficam cá todos, e no fim que arrumem a casa, lavam a louça e varrem a cozinha, a varanda e as escadas, ouvistes Mariana?

Se com o almoço a burra ia carregada, com o jantar ainda ia mais, os alforges iam cheios de panelas de esmalte, era a refeição mais completa, vários pratos de carne, as batatas cozidas com a casca, o arroz, e uma panela de caldo de gradura que custava a suportar à pobre da burra em cima do lombo.

- *Catano*, nas Segadas, as mulheres não fazemos outra coisa senão fazer e *acarrar* comida, e ele aquece mal.

- É tempo dele, se nós nos queixamos com esta *calorada* que apanhamos nos caminhos, fará os pobres dos segadores, todo o Santíssimo dia ao *esturreiro* do Sol, é preciso tratá-los bem, chegar-lhe a comida a miúdo e a pinga para se aguentarem. Dizem que lá *p'ró* Sul, no Alentejo, as mulheres *tamém* segam como os homens, e que *inda* aquece mais do que aqui.

- Isso *num* sei, mas lembras-te da *ti* Marquinhas, diz que segava tanto como um homem e que na Segada do *ti* Malhadas *arrebentaram-se-lhe* as águas e teve o *raparigo* logo ali, atrás dum *rilheiro*, tiveram que os levar *p'ra* casa no carro dos bois do *ti* Zé da Ponte, levava o garoto embrulhado no avental.

- Vida de pobre Alice, vida de pobre. Agora, quando alguma mulher tem um filho fica na

cama um *ror* de tempo e *inda* come uns caldinhos de galinha, *num* fui eu, quando nasceu o meu Antoninho *p'ró* outro dia bem tive de me levantar a fazer o caldo, estavam ali todos de roda de mim, esfomeados e olha que passado uma semana já estava no ribeiro a lavar os farrapos.

- Pois foi Maria, logo calhou ser naquele maldito Inverno em que tive aquela pneumonia que me ia levando *ó outro*, e *num* te pude *acudir*, bem me custou.

- Olha, com a conversa nem demos *p'lo* caminho, toca lá a burra com cuidado até ao sobreiro *p'ra* não saltar a tampa da panela do caldo e *arramar-se* por cima da burra, *inda* mais que está a escaldar.

- Boa tarde e *bô* proveito, comam à vontade que a burra nem quer ir muito carregada com as sobras, têm aqui galo e coelho estufado, as batatinhas são também muito boas, colhemolas na horta da *ti* Josefa, fizemo-la de meias, nunca tivemos batatas tão boas, parece que têm açúcar, não é *Zézito*?

- Sei lá minha mãe, das batatas *tamém* num desgosto, mas desta *chichinha* nem se fala!

- *Bota* aí o *binho* ó Alice, que os homens precisam de beber.

- *Atão* *ti* António, como é que está o galo? Está *bô*?

- Se está Alice, já cá canta no meu bucho e olha que cá *p'ra* mim nunca cantou tão bem como agora, mas olha que o coelho *num* *stá* pior, é como eu gosto mais, da *chicha* com este molhinho *p'ra* me encher de batatas cozidas.

- Ó *Zé*, *atão* tu e os rapazes não sois capazes de estenderem a toalha e *poréns* a merenda em cima? Deixo-vos tudo aqui na cesta à sombra do sobreiro, escusava de vir cá outra vez, *inda* tenho que vos preparar a ceia, que dizes? Vou-me à horta da casa *a* buscar umas *coubes*-galegas e faço-vos um caldinho verde.

- Ó *ti* Alice, *num* faça muita coisa *p'rá* noite, a gente vai tão cansado que o que precisa é *duma* cama *p'ra* descansar o esqueleto.

- Está bem, nós cá pomos a merenda, mas vê lá se acautelas a cesta, se aparece por aí algum cão vadio lá se vai a merenda e nós ficamos a ver navios.

- Penduro-a aqui neste galho, que aqui *num* lhe chegam.

- Ó Maria esmaga a batata do caldo bem *esmagadinha*, que já talhei as *coubes*, mas só as meto quando eles chegarem, enquanto dão uma lavadela às mãos e à cara cozem-se as *coubes* e fica o caldo verdinho, *boto-lhe* um *olhinho de azeite* quando estiver pronto, sabe que *regala*.

O caldo está pronto há muito tempo, o Sol já se foi deitar, os segadores sobem a rua, arrastando o próprio corpo, conforme vão chegando sentam-se na varanda, ou nos degraus das escadas. Alice não os manda ir para a mesa, traz a malga do caldo e coloca-lha entre as mãos. Com o garfo de ferro apanham as couves e sorvem a água que fica no fundo da malga.

Quando a dona da casa vem ver se querem mais alguma coisa já não vê ninguém, apenas as malgas vazias espalhadas pelo chão, à espera que alguém as recolha e as lave.

As segadas

O trigo loiro que há nas searas
Já está maduro, pronto a ceifar,
As espigas cheias, de grão curvadas
Até parecem as ondas do mar.

De manhã cedo, já de *seitoura*
Na cinta presa, matam o bicho
Homens valentes comem e bebem
Pão, azeitonas, vinho e chouriço.

Trabalho duro que os espera
Ceifando trigo de sol a sol,
Vale-lhes a pinga, a água fresca
Não serve ao homem que seja mole.

Formando filas em longos sulcos
Vão-se afoitando com frases soltas,
“Força rapazes, vamos em frente”,
Durante o dia e nas horas mortas.

A merenda é boa, só pode ser,
Sopas escoadas com bacalhau,
Com carne fresca comem batatas,
Bebem o vinho que não é mau.

Escorre-lhes a água pela testa abaixo
E de camisa sempre suada
Esperam pela ceia em casa dos donos
Dos campos loiros, é noite entrada.

Depois da ceia, meios curvados
Regressam a casa, vão-se deitar
Caiem na cama, estão tão cansados
Nem tempo têm *p’ra* namorar.



A Malhada

Na semana passada o cereal das leiras foi ceifado e colocado em *rilheiros*, um amontoar de molhos de cereal à espera do transporte no carro dos bois para a eira, a fim de serem malhados.

A máquina, ou seja, a malhadeira, irá moer os molhos de trigo e de centeio, a palha sairá nos seus dentes e o grão cairá nos sacos de linho que se encontram *dependurados* na parte lateral da mesma.

O dia da Malhada era um dia de festa, o processo era idêntico em todas as casas que tinham cereal e sempre precedido de preparativos indispensáveis ao culminar desta tarefa tão árdua, mas tão importante e que tanta satisfação proporcionava ao casal.

Em casa do Manuel António viviam-se dias de muito trabalho, tanto mais que a par desta tarefa havia outras não menos importantes, como a rega das hortas, o arrancar das batatas, a colheita e seca do feijão e das casulas.

Nesta época do ano há muito trabalho, por isso o casal mal tinha tempo para conversar, o campo e os filhos absorviam-nos completamente, era à noite, quando se deitavam, que combinavam o que iam fazer no dia seguinte.

- Ó *Manel*, *atão* já sabes quando temos lugar na eira *p'ra* pormos o nosso cereal? Está na altura de o malharmos, já falaste com o *ti* Zé da Eira?

- Já falei, só estou à espera que acabem de malhar o pão do senhor Paçó, *p'ra* começar *ácarreja*, ele tem muito cereal, é uma casa rica, ora, enquanto *num* desocupar a eira não posso lá por o nosso.

- Porque *num* falas com o feitor dele, o Celestino? Nós nem precisamos da eira toda, chega-nos bem um bocado *p'ra* pormos o nosso *rilheiro*, assim fazias *ácarreja* mais descansado, escusavas de andar à pressa e se calhar de noite *ácarrear* o pão.

- Tu bem falas, mas enquanto os bois e o carro do Noco *num* estiverem desavagados *tamém num* podemos fazer *ácarreja*, temos que ir uns atrás dos outros. Se for preciso *acarrá-lo* de noite, *num* faz mal, as noites andam claras, é lua cheia e depois tenho a ajuda dos nossos rapazes, *num* te preocupes.

- Neste tempo das *acarrejas* sinto uma tristeza, acordo com o gemer dolorido do carro dos bois a meio da noite e faz-me lembrar todas as desgraças que há neste mundo, a fome, as doenças e a morte dos nossos rapazes que foram *p'rá* tropa lá para as Áfricas e que *num* voltaram. Deus queira que quando os nossos forem a tirar o número já *num* haja essa maldita guerra.

- *Vá*, *atão*, *num* adianta estares com esses pensamentos, tu sozinha *num* consegues mudar o mundo, dorme-te mulher e deixa-me dormir, que amanhã temos *que* levantar cedo. *Num* te esqueças que temos de ir arrancar as batatas do Lombeiro.

- Maria, ó Maria! Já começastes de fazer os *bencelhos p'rápertarmos* as *fachas* de palha? E os sacos de linho *p'ra* ensacarmos o grão? Olha que amanhã começamos a fazer *ácarreja* e lá *p'ra* Quarta ou Quinta já malhamos nós.

- Os sacos estão lavados desde o ano passado, que *num* sou pessoa de guardar as coisas sujas, tu bem o sabes, e a tulha já está limpinha *p'ra* despejarmos o grão. Agora, os *bencellos*, tenho que *pôr* o *colmo* de molho, vou pô-lo esta noite e faço-os amanhã. Já falei à Rita do Toino, a minha cunhada Alice e a *ti* Polisa *tamém* me hão-de ajudar, a ver se ficam bem feitos, *p'ra num* se desatarem. Tenho *que* ter é olho no Carlos Peixeiro, costuma vir às Terças com os peixinhos do rio, enfiados no vime, compro-lhe dois ou três quilos, arranjo-os e bem *fritinhos* vão que nem ginjas. Ó *home*, se fores à horta traz-me um ramo *bô* de salsa, *p'rás* bolas de *sartã*, tenho ali duas postas de bacalhau demolhado, com os ovos das nossas *pitãs* faço uma tachada de bolas, soprem muito e toda a gente gosta. *Vai a buscar* o presunto à adega que havemos de partir um bocado, com um *salpicãozito* do porco e um queijo de ovelha, dos que estão na talha de barro, umas malgas de azeitonas, já ajuda a fazer a merenda. E o *binho*? Esse é que *num* pode faltar, *tamém* com tanto calor se *num* fosse a *pinga* e a água fresca ninguém se aguentava à frente da malhadeira.

- À frente e atrás, digo-to eu, olha que o *ti* Chico, que está a dar serventia à malhadeira, *num* é o que apanha menos calor e menos pó. Quando chega à meia tarde só se lhe reluzem os olhos, a *moinha* da palha cobre-o todo.

- É verdade, é um trabalho muito duro, até *p'rás* mulheres, que estamos todo o dia à frente da malhadeira a amanhoar a palha *p'ra* fazer as fachas. E as mãos? Enchem-se de calos, por causa do *arrocho*. Mas quando vejo a nossa tulha atestadinha de grão fico tão contente, só em pensar que temos ali o sustento da nossa casa, encher os sacos de grão, mandá-lo moer ao moleiro da Junça e com a farinha fazermos o nosso pãozinho todo ano, até me esqueço destes trabalhos, abençoado trabalho que nos mata a fome. É verdade, *atão* este ano não fazemos um pouco de *colmo p'ra* enchermos os *xiragões* das camas por altura da Festa de Nossa Senhora?

- *Num* havemos de fazer?! *Inda* há-de ser antes do dia da Malhada, já pus uns *molhos* de centeio do mais comprido na eira e amanhã logo de madrugada eu e os rapazes levamos os *malhos* e é de repente que fazemos ali umas *fachas de colmo*.

- Ainda bem, depois vou lá ter, levo-vos uma *côdea* para *matareis o bicho* e no fim ajudo-vos *apanhar* o grão e a varrer a eira.

- Chega bem ires lá *p'rás* oito, levantas a garota antes de ires e leva-a contigo, senão se acorda e *num* vê ninguém, *espírito-se* toda.

- *Bô*, ela é pouco *medricas*, tem medo de tudo, vê lá tu que no outro dia acordou aos gritos a dizer que estava um velho atrás da porta, se calhar tem falta de palavras de batismo. Tu escolheste-lhe aquele padrinho, o teu tio, que é um *grolo* mal-amanhado, cá *p'ra* mim ele nem sabe rezar o Pai-Nosso, quanto mais o resto. Hei-de falar com o senhor Padre *p'ra* ver se lhe põe mais umas palavrinhas, *num* entrem os espíritos na garota e nos *deiam* cabo dela.

- Quais espíritos? Deixa lá os mortos em paz, tu bem sabes que eu *num* acredito nessas coisas.

- *Num* acreditas? Se te contasse o que aconteceu com a minha avó Adelina...

- Já sei, já ouvi essa história um *ror* de vezes, mas cá *p'ra* mim isso era fome, e quando uma

peessoa tem muita fome até é capaz de ouvir os chocalhos no alto da Ladeira e os sinos da igreja no fundo das Fontes.

- Já vi que *num* adianta, tu *num* acreditas em nada, vamos mas é ao que interessa. *Atão* quem vai *p'ra* nós a malhar? Os homens, porque as mulheres já as ganhei eu à *torna-jeira*. Preciso de saber quantos somos, *p'ra* fazer a merenda, *num* quero que fique ninguém a olhar *p'rá* toalha à procura da comida.

- Os homens são os mesmos da *segada*, as mulheres já sabes quem são, agora conta com os garotos, que são o dobro dos malhadores.

- E depois, que é que te interessa a ti os garotos? *Tamém* têm direito à vida, têm que se criar e *num* é só com *porrada*.

- Caramba, *num* é preciso ficares assim, só porque *num* acredito nos espíritos.

- Como as mulheres são sempre poucas na eira, com as merendas cá me ajeito eu e as duas garotas da Alice, deixo os peixes fritos de véspera e depois é só fazer as bolinhas de *sartã p'ra* chegarem à eira ainda meias mornas, senão ficam logo duras. Ainda tenho *que* cozer uma fornada de pão, cozo amanhã, a seguir à Marquinhas, já falei com a Maria do Forno, com este calor é *num* instante que *leveda*, o forno anda bem *caldeado*, com duas ou três giestas aqueço-o *p'ra* cozermos nós.

- Queres que te leve a lenha o forno? Deixo-a ali à porta, *num* está tempo de chuva, por isso não há perigo de se molhar.

- Pode ser, *escuso* de andar eu e os garotos *por* as ruas a puxar às giestas.

Aproxima-se o dia da Malhada, cheira a pão quente no quarto do lar, a *canastra* está na varanda pronta para transportar a merenda, os garrafões de vinho, que foram cheios na pipa, repousam na parte mais fresca da adega e os *bencilhos* já se encontram na eira, junto do *rilheiro*, tapados com umas sacas de sarapilheira encharcadas de água, para não secarem.

- Pronto mulher, o cereal está todo na eira, *ache*, temos lá um *rilheiro* que em pobres como nós *num* há outro igual! Temos que *le* dar e bem *p'rácabarmos* a malhada amanhã, *num* queria pagar dois dias à malhadeira e ao *ti* Zé da Eira. Temos que começar cedo e *num* perder tempo.

- Comer e beber *num* vos há-de faltar, disse à tua irmã *p'ra* mandar os dois garotos mais velhos logo de manhã *p'rá* carrarem a água da Fonte do Bairrinho, que é bem fresquinha, têm que *abondar* aos homens e às mulheres a *miúdo*, nestes dias bebe-se muita água *p'ra* tirar a *moínha* das golas. Eles ainda *num* podem com o cântaro, mas pedi a remeia à Mariana e com a nossa *num* hão-de deixar faltar a água na eira.

- Está-me cá a lembrar! *Atão num* seria melhor *aparelhar* a burra, pôr-lhe os *alforges* e metermos lá as *remeias p'rácarrar* a água? Olha que a fonte *inda* é longe, depois ao cima, *num* sei se os garotos dão conta do recado!

- *Bô!* Se dão! Eles já têm força e assim andam entretidos. Já vistes aquela *ganapada* toda a escorregar *p'los* medeiros da palha todo o dia? E depois a burra com este calor e com a mosca *num* anda bem, o melhor é ficar na *loje* sossegada.

- *Carambas*, às vezes até parece que tens mais amizade à burra do que a mim!

Maria não respondeu, abanou a cabeça e continuou com os preparativos da merenda.

No dia da Malhada a eira estava cheia de gente, garotos a correr dum lado para o outro, os homens a tirar a palha da frente da malhadeira, um dos filhos do casal a *abondar* os molhos do centeio ao *ti* Chico que ainda estava cheio de *moínha* do dia anterior, as mulheres mais novas corriam com grandes braçadas de palha e colocavam-na no *bencelho* das mais experientes, que a amanhavam e deitando-se sobre ela apertavam a *facha* o mais que podiam, com a ajuda do *arrocho*.

Não era local de grandes conversas, o barulho da malhadeira não o permitia e o *vagar* não era nenhum, andava toda a gente *num* rodopio, os aguadeiros munidos com um *púcaro* de esmalte não tinham mãos a medir.

O Manuel teve de ir a casa buscar mais sacas e aproveitou para apressar a Maria e a merenda.

- Ó Maria, tu *num* te demores com a merenda, olha que o pessoal já tem fome, vê lá se precisas que te leve alguma coisa *p'rá* eira.

- Podes levar o *binho*, põe-no à sombra do *medeiro p'ra* não aquecer, estou *à* acabar de compôr a *canastra*, já lá vou a ter.

- Mariana, mete aí esses copos, mete *tamém* os pucarinhos de esmalte *p'ra* beberem os garotos, senão ainda partem os *pipinhos*. Pronto, só já falta tapar a canastra com esta toalha, ajuda-me a pô-la à cabeça.

O caminho não era íngreme, mas não era nada fácil levar a *canastra* em cima da cabeça com toda aquela merenda. Maria caminhava devagar, com o pescoço hirto. De vez em quando uma das pernas parecia que cedia ao peso que transportava. Quando chegou à entrada da eira o Manel já lá estava gritou para o filho:

- Ó Artur, ajuda aí a tua mãe a tirar a *canastra* da cabeça, que vem *derreada*. Enquanto pões a merenda na toalha as mulheres que acabem *d'atar* a palha que está a fazer estorvo à frente da malhadeira. Homens, ó homens, tirem as sacas que já estão cheias de grão e ponham outras vazias na malhadeira. Vá, agora vamos *a comer*, que já o ganhámos, sentem-se onde puderem, no chão, em cima dessas sacas, comam o que virem e que gostarem mais. *Ti* Antónia, quer *binho*, ou água?

- Qual água *Manel*, eu sou lá mulher de beber água, tu *num* vês que a água cria rás na barriga e depois, com esta rica merenda, quem *num* bebe um copito?

- Pronto, já estão todos satisfeitos? E vós, garotos, *num* quereis mais? Sendo assim, vamos arrumar o resto da merenda. Enquanto *num* se fazem horas de comer outra vez fico aqui a dar uma ajuda, *num* trouxe o *arrocho p'rá* pertar as *fachas*, mas *boto-vos* a palha. Mais logo vou a casa *a buscar* mais pão e mais *binho* que é o que vai fazer falta, *peguilho* ainda há ali muito na *canastra* e água fresca *num* se acaba na Fonte do Bairrinho.

E assim, entre merendas e trabalho árduo, se passava o longo dia da Malhada.

- Que dia *home!* Estou *derreada*, mas estou tão contente com o grão na tulha e a palha no

palheiro, *caramba*, que os nossos malhadores deram-lhe bem, até os *raparigos*, *num* pararam, os danados.

-Pudera! Contigo a mandar mulher, a *sarna* nunca nos há-de atacar.

A Malhada

A malhar na eira,
Com muita alegria,
Geme a malhadeira
Ao romper do dia.

O Sol crepitando
Em braseiro ardente
Vai molhando o rosto
Do homem valente.

A mulher mais fraca
Sugando o suor
Com moinha arrasta
A força do amor.

Debulhando a espiga
Crestado do sol
Cresce o pão na eira
Na Paz do Senhor!

Sustento dos pobres,
Corpo de Jesus,
Que na hóstia Santa
Ao Céu nos conduz.



A Festa de Agosto

Tempos quentes e felizes, estes que antecedem a Festa de Verão em honra de Nossa Senhora das Neves. Já se ceifou e malhou o cereal, as tulhas estão cheias e a casa farta.

As batatas de cedo já estão na adega para se comerem e levarem os filhos e familiares quando vierem à festa. Hão-de ir com os carros bem carregados, ou então bem encaixotadas no comboio, ou na carreira.

As hortas estão no auge da produção, com o feijão-verde, tomate, pimentos, pepinos, alface, cenouras, etc. Nas hortas enchem-se os cestos e carrega-se a burra, o macho, ou a mula, com legumes e a erva para a cria.

No final do Inverno, no fim da última postura, *deitou-se* a galinha, a perua, até as pombas começaram a chocar, nasceram os pintos, os perus, os borrachos e durante vários meses foram alimentados com milho, trigo, farelos e verduras.

Os galos de crista vermelha arribitada passeiam-se no curral e nas eiras contíguas às casas de habitação, assim como os perus *encachoeirados*, que fazem as suas guerrilhas uns com os outros, defendendo as suas damas. O pombal está cheio de borrachos, engordaram nos campos cobertos de espigas loiras de trigo, o seu cereal predilecto, saem os coelhos debaixo das *fachas* de palha, do meio da lenha, até da *manjedoura* da burra, onde vão roubar o feno.

É o açougue do lavrador, os familiares e amigos hão-de vir à festa, e então o que se lhe há-de pôr na mesa? Sim, porque ao talho só os mais ricos é que lá se *assumam*.

O dinheiro é pouco, mas comida na mesa não há-de faltar, matam-se os galos mais gordos, os coelhos. Por vezes o peru, que se embebeda de véspera com aguardente, para a carne ficar mais saborosa, ou quiçá, para não ver o cutelo!

A garotada juntou uns tostões com a venda do *cornelho* e escondeu-os religiosamente dentro do buraco mais recôndito da taipa do quarto. É vê-los no Sábado e no Domingo de Festa de volta das doceiras a comprar as amêndoas dos piquinhos, cheias de açúcar e a beberem as garrafinhas de licor de fiolho.

A semana que antecede a Festa e os três dias que ela dura são, sem dúvida, os melhores dias do ano.

Um dos pontos altos da Festa e que ninguém perde é a representação do teatro no Sábado à noite, com actores amadores de Sambade, muito bem ensaiados pelo mestre Ribeiro.

Há mais de um mês que os jovens se juntam, todas as noites, no salão da Casa do Povo, para ensaiarem o teatro.

Numa das famílias mais numerosas de Sambade vivem-se dias de grande azáfama e muita alegria.

- Ó minha mãe, afinal quem é que vem à nossa Festa, este ano? Será que vamos ter a casa cheia, como no ano passado?

- *Homessa*, a casa não está cheia todo ano? *Atão*, só nós somos dez, mais os teus avós, quando calha, e ainda te parece que a casa está vazia?

- *Num* é isso minha mãe, eu quero dizer que, para além de nós, quem vem mais?

- Vêm os tios de Valpereiro, mais os garotos, são seis, de Vilarelhos vêm os nossos amigos, a *ti* Teresa e o *ti* António e as filhas, são pelo menos mais cinco, e depois *tamém* temos que dizer às tuas primas da Gouveia *p'ra* virem, se quiserem, senão a tua tia fica toda *enxofrinada!*

- Temos que contar com os músicos, devem ser *p'rai* uns quatro, que o pai *num* se compõe com menos, todos os anos somos mordomos, até o ano passado, que a mãe estava na cama, tinha nascido o nosso Toninho no Sábado da Festa e o pai apareceu-nos cá com cinco músicos! Lembra-se?

- *Atão num* me havia de lembrar? *Inda* ralhei com ele, mas *num* adiantou, disse-me *p'ra num* me preocupar, que vós havíeis de dar conta do recado.

- E demos, minha mãe. Ficamos aflitas, ao mesmo tempo, mas depois, com a ajuda da tia, correu tudo bem, *vossemecê* também já tinha deixado tudo meio *amanhado!* *Num* estou a perguntar quantos somos, por *vias* da comida, é por *vias* das camas. É preciso fazê-las de lavado, os *xiragões* foram todos cheios de *colmo* novo, por isso podem dormir em qualquer um.

- Pois sim. Mas ainda é cedo *p'ra* fazer as camas de lavado, chega bem mudá-las à medida que forem chegando, senão *tendes* que dormir vós no chão, ou mais apertados, enquanto *num* vêm as visitas. Só lá *p'ra* Sexta é que devem vir, por isso *inda* temos tempo. Antes da Festa *inda* tenho que cozer uma fornada de pão, estou à espera que o moleiro da Junça me traga a farinha. Já levou o grão há mais *duma* semana e até já se demora, mas *tamém* nesta altura é quando tem mais trabalho, toda a gente quer cozer. *Tamém* temos que fazer os folares de carne. *Há que tempos que* andamos a guardar os ovos. Os mais pequenos já estranharam *num* comerem os ovos estrelados com as batatinhas fritas, tenho-os enganado, digo-lhe que as *pitãs* não têm posto, a ver se chegam também *p'ra* fazer uns *calços*, que se comem muito bem ao *mata-bicho*.

- Era melhor cozermos na Quinta, que assim ainda a ajudo, porque na Sexta temos que ir todo o dia *p'rá* Casa do Povo a enfeitar o salão. Á noite temos o ensaio geral, já fizemos os bilhetes e numerámos as prendas *p'ró* bazar, este ano temos muitas. *Tamém*, corremos as aldeias todas do concelho a pedir, só nos falta acabar de fazer o fustão.

- Quanto tempo demorais a fazer isso? Vejo-vos sempre de tesoura em punho com as mãos todas cheias de grude, só a farinha que já me gastastes!

- Já fizemos algum, fizemos *tamém* umas florinhas de papel que *vossemecê* vai ficar admirada, parecem *de certo!* Agora temos que os *dependurar* no tecto e nas paredes do salão, para o enfeitar! Até parece que é a primeira vez que vai ao teatro!

- E bem gosto de ir, só tenho pena que o teu avô nunca me tenha deixado entrar em nada dessas coisas, nem a um bailarico podíamos ir, eu e as tuas tias! Era andar atrás das cabras e atrás dele, sempre *ardidas* com tanto trabalho e calor, e eu que era tão alegre e gostava tanto de me divertir! Foi sempre uma coisa que me deixou triste e depois, por azar, o teu pai *tamém num* era nada de festas! Olha, nem de solteira, nem de casada... Gostava tanto de dançar, de me *advertir!*

- Por isso é que *vossemecê*, quando vem cá o senhor Ribeiro a convidar-nos *p'ra* entrarmos no teatro, ou nas contradanças, faz sempre com que o pai nos deixe ir!

- Às vezes bem *remoques* ouço, quando vindes tarde dos ensaios e temos que madrugar, se *num* vos levantai logo que vos chamo já me está a *moer o bicho* do ouvido. – “*Porque a culpa é tua. Se num fosses tu num as deixava ir, inda ande falar mal delas*”, um *ror* de coisas, às vezes até lhe digo: deixa as garotas, *p’ra* triste cheguei eu, que nunca fui senhora de nada. Mas depois, ele bem gosta de vos ver no palco, a representar. E quando a garota começa a cantar sozinha? Até se lhe riem os olhos e a mim só me apetece chorar. E as cantigas que ela canta? São tão bonitas! Diz que é o senhor Ribeiro que lhe faz a letra e a música, olha que é preciso ser-se muito sabido para *enversar* assim tão bem.

- Mas olhe que o nosso pai também sabe fazer versos bem bonitos!

- Pois sabe! E escrever? *Num* há cá quem o *embilhe*, fez a quarta com o professor Vilares e ele ensinou-lhe muita coisa, depois sempre gostou de ler, *inda* por cima *encolocaram-lhe* sempre estes serviços da escrita, na Junta, na Casa do Povo, e cartas? Farta-se de escrever *p’ra* uns e *p’ra* outros, *p’rós* que são como eu, burros como socos que *num* conhecem uma letra do tamanho *dum* boi. Tenho um desgosto tão grande de *num* saber ler, ainda é maior do que *num* me deixarem dançar.

- Burra? Isso é que *vossemecê num é, num* aprendeu a ler porque *num* a deixaram ir à escola, mas, nas contas, ninguém a *embilha*, tomara eu *de* fazê-las assim, tão bem.

- Mas deixemo-nos de coisas tristes, afinal do que é que consta o teatro?

- É como dos outros anos, quando a Casa do Povo estiver cheia de gente, já sabe que as filhas da frente são *p’rás* pessoas mais importantes cá da terra, *inda* com o pano corrido, o senhor Ribeiro vem à frente a dar as boas vindas às pessoas e a desejar que gostem muito do que se vai *a* representar e *tamém* pede desculpa se alguma coisa *num* correr tão bem. Depois, abre-se o pano e já estamos todos no palco, as raparigas todas vestidas de igual, com aquelas saias rodadas às flores, blusa branca e os lenços da cabeça iguais ao pano das saias, as socas pretas com as meias brancas de renda. Os rapazes de calças pretas, camisas brancas e lenço ao pescoço igual à nossa saia e *tamém* têm uma faixa vermelha à cinta. Logo que esteja tudo em silêncio começamos a cantar, nós o refrão e a nossa garota, que está à frente, no meio do palco, canta sozinha a outra parte da cantiga, que é a “*apresentação*”.

- Canta o quê? Sabes algum verso?

- Eu *num* sei cantar tão bem como ela, mas é assim:

“*São cravos e rosas*

Que nós vamos mostrar

Estrelas formosas em noite de luar

Encantos da serra

Que Deus nos quis dotar

Sambade linda terra

Vai bailar e vai cantar”...

- É bem bonita, e depois, o que há mais?

- A seguir é o drama, é onde eu entro. Chama-se “*A Rosa do Adro*”. É uma história tão linda! Leve o lenço, *que se vai* encher de chorar. Segue-se mais um bailado, onde entramos todos. Depois vem a comédia, chama-se “*Os Cinco Sentidos*”, aqui *tamém* entra a nossa garota. *Vai-se de* encher de rir, a peça é muito engraçada, mas o diabo da garota tem mesmo jeito. O senhor Ribeiro até disse que havia de ir *p’ró* teatro, *p’rá* Inatel ou lá o que é. Acho que isso é lá *p’ra* Lisboa!

- *Bô!* *P’ra* Lisboa! Até *p’ra* vos deixar ir aqui é o *bô* e o bonito, quanto mais *p’ra* Lisboa, ele que *num ande* a meter *crocas* na cabeça da garota.

- Os mais pequenitos *tamém* andam contentes que nem uns cucos. Têm lá uns versinhos *p’ra* declamar, que os fez a dona Branca. *P’rá* despedida temos uma cantiga muito bonita e deitamos flores *p’rás* pessoas que estão a assistir.

- As que *fizestens* de papel?

- *Num* senhora, são *de certo*, que as foram buscar a Macedo. Pronto e acabou-se o teatro. Como vê, antes da meia-noite ninguém arreda pé da Casa do Povo.

- Isso sei-o eu, depois temos *que vir a* dormir, que no Domingo logo de manhã, antes da primeira arruada, é preciso acomodar os músicos e os garotos.

- *Bô, p’rá* cama? Era o que mais faltava. *Atão* tanto trabalho, tantos ensaios e *num* havíamos de ficar no bailarico? Veja lá se convence o pai *p’ra* nos deixar lá ficar. Ficam as outras todas e nós vamos a reboque *p’ra* casa?

- Vamos lá ver se o convenço, mas olha que se vós *ficareis*, ele *tamém* fica. Se o *num* conhecesse! Cá por mim, *num* me importo e até podeis ficar mais um *cibinho* na cama no Domingo, eu e a tua tia havemos de dar conta do recado com o almoço. A carne há-de ficar temperada de véspera, levanto-me cedo, aqueço o forno e ponho lá tudo a assar, fazemos a canja, o arroz e a salada, as batatas ponho-as a assar no tabuleiro da carne.

- E nós depois, quando nos levantarmos, fazemos a letria e uns *milhinhos* doces *p’rá* sobremesa. Deixamos a mesa posta antes de irmos à missa e à procissão, as colchas *ande* ficar fora da mala *p’ra* botar no corrimão da varanda *aquando* passar a procissão. Assim chega vir uma de nós a seguir à missa e estendê-las. As garotas encarregam-se das pétalas das flores *p’ra* botar a Nossa Senhora.

- Ó minha mãe, *vossemecê* lembra-se do que nos aconteceu no ano passado, na noite do arraial?

- Ai, se me lembro! E que susto! O teu pai estava tão aflito que até já se lhe vinham as lágrimas aos olhos.

- Pois foi, à tarde fomos acompanhar Nossa Senhora até Covelas e mandei a canastra da merenda e os garotos no carro de bois do *ti* Luciano, ele ia carregado com aquela garotada toda,

tantas merendas. Eu estava morta por ir *a* dançar os jogos de roda com as outras, vai daí, estendi a merenda mais cedo do que o costume, *p'ra* me despachar, *inda* nem sequer tinham *botado* o fogo-de-artifício. Juntou-se ali mais tralha de volta da canastra, e a merenda era pouco boa! Folar, presunto, salpicão, queijo, azeitonas e o resto da carne assada. Sabe como é. O pai chama sempre todo o *bicho careto!* Depois, apareceu lá o *ti* Artur com umas melancias madurinhas, foi vê-las desaparecer, ainda escondi uma *p'ra* lha trazer a *vossemecê*, mas a *ti* Maria *num lha* deixou trazer, até me assustou ao gritar-me aos ouvidos:

- Ó rapariga queres matar a tua mãe? Onde já se viu, dar melancia a mulher parida? Dá-lhe mas é caldos de galinha.

- Estou a ver, a seguir arrumastes a canastra e fostes *p'ró* bailarico e *num* te *lembrastes* mais da garota.

- Ai, nem me fale nisso, que *inda* hoje me arrepio toda! Cada vez que me lembra quando chegámos a casa e demos *p'la* falta dela, ia morrendo de susto, já passava das quatro da manhã. Fomos os últimos a vir, o pai teve *que* fechar a capela e a casa das almas, ele e os outros mordomos e ninguém viu que a garota ficava a dormir na casa das almas! Eu bem *na vi*, sentada em cima do balcão, mas quem adivinhava que ela se havia de dormir e cair *p'ra* dentro da tulha do grão? O que nós corremos por esse caminho acima até Covelas, *num* sei porque arte nos pusemos lá. Primeiro *inda* fomos à capela, a ver se teria lá ficado nalgum canto, vimos atrás do andor, do altar, na sacristia, depois lembrei-me de repente de a ter visto na casa das almas, espreitámos *p'ra* dentro da tulha, lá estava ela, dormia como um anjo.

- Eu nem quero pensar o que seria se tivesse acordado e se visse ali sozinha, da maneira que é uma *medricas espritava-se* toda. Coitado do pai, apanhou uma *espetada*. Com ela às costas desde Covelas até casa, chegou cá *derreado*, *inda* por cima já estava a ser de dia, nem nos deitamos, às oito já tínhamos aqui os músicos outra vez. Eu e a tia tivemos que arrumar tudo, tratar do almoço, depois, por todas, *acarramos* as prendas *p'ró* adro *p'rárrematação*. À noite estava tão *esbrinçada* que *num* fui *manca* a ir *p'rá* cama. Ainda fui ao adro um *cibinho*, *p'ra* ouvir a banda a tocar, sentei-me no muro do adro ao pé das outras, bem que me chamaram *p'ra* dançar, mas *dou-me* uma soneira, nem me tinha em pé, vim-me logo embora. Mas tive pena, diz que a noite esteve boa, apareceram lá uns rapazes de Gebelim a tocar *rialejo* e a cantar ao desafio, parece que os diabos tinham mesmo jeito.

A Festa da nossa terra

São três dias de alegria

Vividos com muito gosto

Entre sonhos e magia

No meio do mês de Agosto.

Logo de manhã cedinho,
Para a festa anunciar,
Acorda a gente da aldeia
Com foguetes a estalar.

A Banda vem de seguida,
Percorre as ruas da aldeia,
Mordomos engravatados
Mesa farta casa cheia.

À noitinha é o teatro
Com artistas cá da terra,
Enche-se a Casa do Povo
Com gente boa da serra.

O dia mais importante
É o Domingo, pois então,
Veste-se um fatinho novo
Vai-se à missa e ao sermão.

O arraial no cabeça
Tem música para dançar,
Com farnel, boa merenda
E jovens a namorar.

Na Segunda já cansados,
Do pacato ao folião,
Juntam-se no adro da Igreja
Para assistir ao leilão.

É noite, vamos à festa,
É preciso aproveitar,
Já chegou mais um conjunto,
Vamos para o adro dançar.



A Matança do porco

O Inverno chegou e com ele o frio e o vento cieirol. Na serra de Bornes apareceram as primeiras moscas brancas, “*a neve*”. Por entre as telhas velhas entra um *friasco*, é a geada que cai nas noites de Dezembro.

- Ó Manel esta noite caiu uma geada que até me senti *triscada* com o frio! Até na cama se me *enregelaram* os ossos!

- Pudera, *tamém* com aquelas mantas de farrapos que lá trazemos! Pesam uma arroba e *num* tiram frio nenhum!

- Sabes *p'ró* que está isto bô? É *p'ra* matarmos o porco, olha que já *intesa* bem e depois *tamém* já *num* está ali a fazer nada. As batatas miúdas já se acabaram e as botelhas *tamém* eram poucas, foram-se enquanto o diabo esfregou um olho. O nabal do Lacoieiro já o levam comido, se lho dermos todo onde é que vamos *a* colher os grelos? Ó nabal dos outros? Só se for *p'ra* nos darem alguma *tranqueirada*. Já vai *p'ra* duas semanas que passam com as lavaduras da louça e uma *mancheia* de farelos centeios.

- Tu é que sabes! Comer já se comia. Quando é que tens modo *p'ra* fazeres o fumeiro? Por mim matava-se pela Senhora da Conceição, dia oito, assim quando formos *àzeitona p'ra* Vilarelhos já temos com que fazer as merendas, uns bocaditos de chicha gorda, as alheiras e os chavianos, já passávamos. Sim, porque os salpicões e as linguças já sei que *num* são *p'ra* mim, são *p'ró* alto!

- Mal era *num* serem todos *p'ra* ti ou *p'ra* mim que *tamém* me haviam de saber bem! E depois, vinha o Verão e com ele as segadas, as acarrejas e as malhadas e que é que dávamos ao pessoal? *Gaifonas*? Temos *que* comer e guardar, já assim dizia a minha mãezinha que Deus tenha, e casa sem governo *num* passa de desgovernada. Fica *atão* combinado *p'ró* dia oito, que é dia Santo e *num* vai faltar quem nos ajude.

- Quem nos ajude! Oh, mulher! Há mais é quem coma, eu *num* sei onde aparece tanta gente! Ele são os teus e os meus irmãos e família, eles são os vizinhos, depois *inda* vem a jantar o senhor Prior, mais o mestre de Música, olha, eu nem sei onde vem tanta gente e tanta louça nesse dia.

- *Cocatano*, até parece que nunca matámos porco! *Atão*, aos garotos põe-se-lhe a mesa na cozinha e comem sempre primeiro, depois de acomodados já é meio caminho andado. Vós, os homens, como sois mais finos ides *p'rá* sala e nós as mulheres, somos como as criadas, comemos ao fim, se sobrar!

A louça é como dos outros anos, pedimos os pratos e os garfos à *ti* Alzira e à *ti* Ana e no fim separa-se tudo e entrega-se às donas. Quando elas matarem *ande* vir *a* pedir-me a nossa e é assim, os pobres têm que se governar uns aos outros, *num* é?

- Pois sim! Isso de tachos e panelas eu *num* entendo nada, tu é que sabes. Que venha o dia da Matança.

- *Carachas home*, *tamém* te digo, desde garota que é da festa que gosto mais. Nem do Natal gosto tanto. *Tamém* no Natal o rancho é fraco. Comem-se aquelas *coubitas* com o bacalhau e

os rábanos. Umas rabanadas feitas com o trigo duro e pouco mais. O que vale é o arroz doce *p'ra* compor o estômago! E *tamém* te digo, depois que morreram os nossos, os Natais já não são a mesma coisa, dão-me muita saudade e muita tristeza. *Inda* o que nos vale são os garotos! E no outro dia de manhã o que eles madrugam para ver o que o menino Jesus lhe deixou no sapatinho! Coitadinhos, com pouco se contenta um pobre, uma laranjita, uns rebuçaditos desses baratos que trazes do soto da senhora Ana...

- Deixa lá mulher, eles ficam todos contentes, se calhar se fossem ricos e tivessem muita coisa no sapatinho nem davam valor nenhum. Eles ao menos ainda têm os sapatos *p'ra* pôr aqui na pedra do lar, agora a mim, quando era da idade deles, nunca me deixavam nada, *num* admirava, *num* me encontrava os sapatos! Se não os tinha!

- É verdade, raio de vida a dos pobres!

Aproxima-se o dia da matança do porco. Margarida, esfrega as tábuas do sobrado da cozinha, a pedra do lar, a varanda e as escadas. A casa está limpa. À noite, depois de cearem, tira a água quente do lato, que está nas cadeias ao lume, e prepara-se para lavar a loiça

- Ó Margarida, tu esta noite *num* deites de comer ao porco, senão amanhã não há quem lhe *desenleia* as tripas.

- Ó valha-te Deus *home*, *atão* havia de dar de comer ao porco? Quem havia de poder com a *tripalhada* até ao ribeiro?

- Acho que esta noite os garotos nem dormiram em condições, senti-os mexer toda a noite, tal é a alegria do dia da Matança.

- E foram só os garotos? *Atão* e tu que te mexestes dum lado para o outro e nem a mim me *deixástes* dormir em condições!

- É verdade *home*, sinto esta ansiedade e esta alegria desde garota, *inda* em casa dos meus pais, quando criávamos o nosso porquinho e chegava com saúde ao Inverno, porque nos anos em que morria e pouco valia *encomendarmo-lo* ao Mártir S. Sebastião e até lhe prometíamos os pés, era uma tristeza, era um ano de fome, *num* passávamos das batatas e do caldo! Eu ficava assim como os nossos garotos agora! Estou mortinha porque seja de manhã *p'ra* nos levantármos e fazermos uma valente fogueira.

- Ó António, tens *que* trazer aquele *estrafugueiro* grande que está no curral. Que dure todo o dia, é que é preciso fazer bom lume, senão *num* há quem faça ferver as panelas de ferro e também *p'ra* nos aquecermos que se estiver o dia como esteve a noite *num* há quem pare na rua.

- Olha estes! Hoje *num* foi preciso chamar-vos. Ide-vos *a* vestir e *a* calçar em condições, que está muito frio. Ó Mariana, aquece a roupinha da nossa Mariazinha e veste-a lá, que foi a primeira a levantar-se. Olha que os que são precisos *num* se levantam, Carlos, Miguel, levantai-vos, que daqui a nada estão aí os matadores do porco e vós na cama! Ó filha, estende essa toalha de linho na mesa e põe lá as nozes e os figos. O queijo duro de ovelha está aí dentro da gaveta, já está lavado é só pô-lo num prato, está também aí a malga com as azeitonas. O presunto quem o quiser que o corte, que eu já não me atrevo com ele. Vê lá tu, António, se *inda* tiras aí uns

bocaditos junto ao osso. Olha, trago-vos aqui o último salpicão, é do ano passado, estava *p'ráli* meio perdido, é sempre o último *p'ra* este dia. *Abonda* daí a caneca do binho, ó Carlos! O *ti* Zé está a comer em seco! Ó Joaquim, *atão* a Adélia *inda num* vem? Precisava aqui dela *p'ra* depois *aparar* o sangue *p'ros* chouriços.

- Ficou a aprontar os garotos, *num* se demora aí.

- A mim *num* me mande *aparar* sangues minha mãe, *num* sou capaz de ver matar o porco, quanto mais *aparar* o sangue! Até vou fechar os ouvidos. *Vossemecê* sabe que quando era *leitãozinho* era tão bonito que até lhe chamava o meu Gigi, lembra-se?

- Lembro filha e *num* penses que eu gosto de ver matar os meus animais, mas é assim a vida, vivo é que não o podemos comer. Olha, vai *a* fazer as camas enquanto e assim já andas entretida e o que não se vê não se sente.

- Já aqui estou Margarida, demorei-me mais porque a minha mais *piquena* hoje *mijou* a cama e aos outros que dormem com ela! Tive *que* lhe mudar a roupa, e a cama! Mas pronto, já cá estou. O que queres que eu faça?

- Olha, vê lá se a panela grande de ferro já ferve. Deita-lhe uma caneca de água fria *p'rá gradura* ir ao fundo, quando estiverem cozidos os *gravanços* chega-se a panela atrás e já ficam prontos *p'ra* fazer o caldo e o arroz.

- Ó *ti* Ana, uma vez que já está aí descasque-me essas cebolas e *metás* nessa panela de cá, já tem alho e louro, que é *p'ra* cozermos o sangue do porco, Deus queira que *num* se assuste e que fique bem *sangradinho*, senão fica todo lá dentro dele e *num* rende nada, *bote-lhe tamém* uma *mancheia* de sal.

- Olha, parece que os homens já estão a chamar, Adélia toma este *alguidar p'ráparares* o sangue dos chouriços, apanha-lhe as veias e aperta-as na mão *num mo* deixes *tralhar*, nós gostamos tanto das *chouricinhas* doces! *Vossemecê*, *ti* Ana leve este alguidar e *apare* o resto *p'ra* cozermos, *num* o deixe *verter*.

- Vá garotada que algazarra é essa? *Fugide* lá *p'ra* dentro, senão o porco *inda* vos morde!

-Este já esticou o pernil! E que valente! No banco é que se vê o que é Margarida. Tendes ali um bom sustento *p'ra* todo o ano. Sim senhora. Que Deus vo-lo deixe comer com saúde.

- Ámen, *ti* Chico! E a si que *num* lhe falte!

- Olha que lindo, o sangue, tão vermelhinho! Dê cá *ti* Ana, que eu *o* meto já na panela, que está a ferver, que ricas postas, sim senhor. Ó Adélia, o do fundo do alguidar que não está *coalhado* junta-o ao dos chouriços.

- O porco já está chamuscado. Que levem o *lato* que está nas cadeias com água quente *p'ró* lavarem. Chama um dos rapazes que te ajude, não te escaldes. Está aí a *canastra* pronta, com uma toalha velha, *p'rás* tripas, leva-lha lá.

- Onde é que as *desenleamos*, ó Margarida?

- Pôs uma *facha* de palha no curral, põe-se a toalha com as tripas em cima, *botamo-nos* de

joelhos em cima da palha, sempre estamos mais quentes, leva *tamém* os *baraços*, *num* se rompa alguma.

- *Atão*, afinal quem é que vai comigo *a* lavar as tripas? Vamos ao Criveiro? É melhor lavá-las em água corrente, assim fica lá a porcaria toda.

- Vai a Celeste e a *ti* Maria. A *ti* Ana *num* quero que vá, coitada! Já lhe custa *a* subir o *lombeiro* e *tamém* com este frio!

- Margarida! Ó Margarida!

- Que foi homem? Tanta pressa!

- Estou aqui há três dias com o fígado e os boches na mão! Traz cá um alguidar *p'ra* pôr isto, e tráz outro *p'ra* pôr o unto e a *barbada*.

- Olha que lindo está por dentro e parece magrinho! Vê-se pela *barbada*. *Atão* não lhe tiras os ossinhos tenros *p'ros* *guisarmos* agora *p'ró* almoço?

- *Atão num* havia de tirar! E por largo que é *p'ra* chegarem *p'ra* todos, só fica o que ficar, primeiro está o dia de hoje, comer à *fartazana*.

- Pronto já o abriram e daqui a nada já o vão a *dependurar* na trave da adegá para *entesar* e amanhã à noite já o podemos *desmanchar*. Mais um dia de fartura, os garotos *num* dão a ida pela vinda a pedir os ossinhos ao pai *p'ros* pôr na grelha *ássar*. Eles gostam pouco destes *chichos*! *Vosmecê num* viu *ti* Ana, a guerra que armaram por causa das *asinhas* do coração do porco! É todos os anos isto, todos as querem e ele só tem duas, lá lhas dividi por todos, mas aquilo *num* lhe chegou à mó do cabo. Veja-me se o sangue já estará cozido. Chega-se atrás, mas de maneira que *num* arrefeça, já fiz aqui um molhinho com alho bem picadinho, sal, azeite e vinagre, *p'ra* depois lhe pormos por cima, se algum homem *lhe* quiser picante *põe-se* aí umas malaguetas em cima da mesa.

- Ó Margarida, *atão* como fazes os ossinhos? Assam-se ou guisam-se?

- Eu bem gostava deles *assadinhos*, mas *num* rendem nada, *num* chegavam para metades, já tenho aqui a panela preparada, com bastante cebola e alho, guisam-se com *azeitinho*, mete-se-lhe estes bocadinhos da barriga *partidinha*, que lhe diz muito bem, *olhe* faz de conta que é a marrá que *fazíamos* antigamente, e que bem que nos sabia! Quando estiver a carne tenrinha antes de tirar a panela do lume *espremo-lhe* lá *p'ra* dentro esta laranja, corta a gordura que tem a carne e dá-lhe um rico sabor.

- E *atão num* é preciso descascar as batatas *p'ra* comer com a carne?

- Não *ti* Ana, as batatas comem-se à ceia, com o molho do fígado do porco, agora vou *a* partir umas sopas fininhas de trigo e centeio *p'ra* esta travessa grande de esmalte e deita-se o guisado por cima das sopas, é assim que o meu António gosta mais. E os garotos *num* se fala.

- *Saíde* daí garotos, de roda do lume, deixai aquecer as mulheres das tripas, que vêm *ingranhadas*. Dizei ó pai que já pode juntar os homens *p'ra* comermos, que as mulheres já vieram do ribeiro. Ó Adélia, *atão* as tripas são boas? *Num* se partiram muito? São largas, as dos salpicões?

- Tanta pergunta mulher, ao mesmo tempo, são boas são, *tamém* com um bicho daquele, num haviam de ser boas! Tem boas tripas, há-de ter bons lombos, boa chicha gorda *p'rás* alheiras e *p'ra* temperares o caldo e *bôs* presuntos! Mas agora *bota* cá mas é a *chichinha* que tens na panela, cheira que *regala*!

- Até que enfim já estão compostos os garotos! E os homens *tamém*. É bom sinal, é sinal que já ninguém tem fome, vamos lá nós mulheres a comer! Depois temos tempo, enquanto umas talham o boche e o coração *p'ra* fazer as linguças *bocheiras*, eu preparo as tripas. Ponho-as ali naquela panela com água, alho, um ramo de salsa, uma laranja às rodelas e uma *mancheia* boa de sal, às vezes até lhe mudo a água de manhã e à noite, mas as minhas tripas quando vou a fazer o fumeiro cheiram que *regalam*. Ó Adélia, tira daí uns bocadinhos que guardei nessa panela que está ao pé do lume, na do sangue também deixei uma posta boa para nós, *p'ra* que *num* arrefecesse, *num* podem comer uns tudo e os outros nada!

-Já me estava acanhar, as sobras da mesa foram tão poucas que pensei que íamos a passar por debaixo da mesa!

-Era o que faltava! Ser pobre já é defeito! Agora pobre e burra! *Atão num* havia de acautelar o nosso almoço, era só o que faltava!

- Vá garotas, toca a lavar a loiça, aproveita a água das lavaduras Mariana! *Num* há porco mas a burra *tamém* gosta de comer bem! Mete-se-lhe uma *mancheia* de farelos e ela até se lambe toda.

- António! Ó home, tráz cá outro pau mais grosso, o *estrafogueiro* já se foi! Mas *tamém* está cá um braseiro que dava *p'rássar* um *canhono*.

-Vá mulher, este já dá até amanhã de manhã, é preciso ter olho *num* cheguemos fogo à casa, é que o ano passado já andavam os caibros da *loje* da burra a arder, lembras-te?

- Não que *num* me lembra, apanhei cá um susto, ainda bem que fui à *loje* a ver se a burra estava bem, senão deitávamo-nos e *num* sei o que podia acontecer. Chega-me essa panela onde cozemos o sangue! Está bem lavadinha? Vou a fazer aqui os rojões, eles gostam de se fazer à larga e com tempo, não são *p'ra* pressas, aproveito este borralho e vão-se fazendo.

- Já partistes o fígado Margarida?

- Já está partido e temperado com sal, alho, louro e *binho* tinto, ajudou-me a *ti* Ana, enquanto fostes às tripas! Mas se quiseres lavar as batatas bem lavadinhas, cozem-se com a casca, escolhe das maiores, metem-se na panela e só se chegam ao lume quando começar a chegar o pessoal, sabes como é, primeiro que se juntem todos...

- Serviço feito *num* mete pressa, vou já tratar das batatas.

- A sopa *tamém* já está quase pronta, já a provei e ela sabe pouco bem. Meti-lhe um bocadito daquela *chicha* mais gordinha, bastante *coube* tronchuda e uns grãosinhos de arroz! Só falta depois fazer uma panela boa de arroz, mete-se-lhe coube e o grão de bico, os garotos é o que comem melhor. Arroz com os rojões, alguns *num* gostam de fígado, *atão* vingam-se no arroz.

- *Num* sabem o que perdem, bem guisadinho na panela de ferro fica com aquele molhinho bem grosso *p'rácompanhar* as batatas, *p'ra* mim *num* há nada melhor.

- Já pusestes as mesas ó garotas? *Vede lá* se chega a louça, senão ides ali à *ti* Palmira que traga a dela *tamém*. Diz ao pai que traga o *binho p'ra* cima, um garrafão ou dois, senão *num* faz outra vida senão caminhar *p'rá* pipa. *Partide* o pão e espalhai-o na mesa *p'ra* que todos lhe cheguem. Ó Adélia, varre aí as barbas a esse lar, daqui a nada chegam os convidados e *num* quero que encontrem a casa toda suja e *desarrimada*.

- Atão já estão todos? Podemos lançar a comida? Primeiro o caldo, os que *num* tiverem malga comem-no no prato. Comam-no quentinho, que a noite está gelada. Ó *ti* Ana sirva aí esses garotos! A ver se se calam. Os que *num* quiserem as batatas que comam arroz, mas o caldo têm *que* o comer, que está bom e ajuda a aquecer. Lance o molho *p'ra* essa terrina e *vá-o* levando *p'rá* mesa dos homens que as batatas *tamém* já estão quase todos desbulhadas Olha, põe *tamém* esta travessa de arroz e os rojões, *num* pensem que só há batatas, cada um que coma o que mais gostar.

- Olha *c'os* homens estão a dizer *c'o* jantar estava de estalo, *atão* o molho do fígado, foi todo, o que valeu foi que deixamos ali uns bocadinhos na panela *p'ra* nós, senão nem os cheirávamos.

- Ó Margarida! Margarida! Parece que já está tudo composto, bem comido e bem bebido, mas eu ontem parece que te vi estar *p'raí* a fazer uma caçoula de milhos doces, *atão num* eram *p'rá* Matança?

- Ó valha-me Deus! *Atão* para quem haviam de ser? Ó Mariana vai lá ó quarto do lar, em cima da mala estão lá os milhos, trá-los cá filha, arrumei-os *p'ró* quarto por causa dos garotos, senão já tinham desaparecido todos! E olha que já me esquecia! Ó valha-me Deus!

.../...

- Pronto já comeram, já estão todos compostos, agora vamos lá nós, ó mulheres, que *tamém* somos filhas de Deus! Ó António abonda daí a caneca do *binho*, que com estas unturas todas uma pinga cai sempre bem!

- Ó garotas, acabai de tirar a mesa, que queremos jogar aqui uma cartada, deixas só os copos e a jarra do *binho*, o garrafão *tamém* fica aqui *encostadinho* ao pé da mesa, *p'ra num* cair.

- Veja lá *num* caia *vossemecê* meu tio, que já está bem coradinho!

- *Deixós* lá filha, daqui a nada vão *p'rá* cama e mesmo que já vão contentes, olha é *p'los* dias que vão a meio *penso*!

- Mariana! Ó Mariana, podíamos jogar ao *serro-bico*, bico, bico... “*ó de luna, cataluna em que cavalo queres vir? No melhor que lá houver...*”

- Está bem, eu tenho *p'ráli* uns pinhões escondidos, vamos *tamém* jogar ao “*adivinha quantos são*”? E ao “*que trazes aí? – Coube seca. – Leva lá que num é essa*”.

.../...

- Ó António, já estás a dormir? Chegáste a ir à *loje* da burra a ver se os caibros *num* andavam *arder*?

- Sossega mulher, fui e até lhe botei uma *remeia* de água, *num* fosse o diabo tecê-las.

A Matança do Porco

Branca toalha de linho
Na mesa como no altar
Queijo, pão e vinho novo
P'rá gente matabichar.

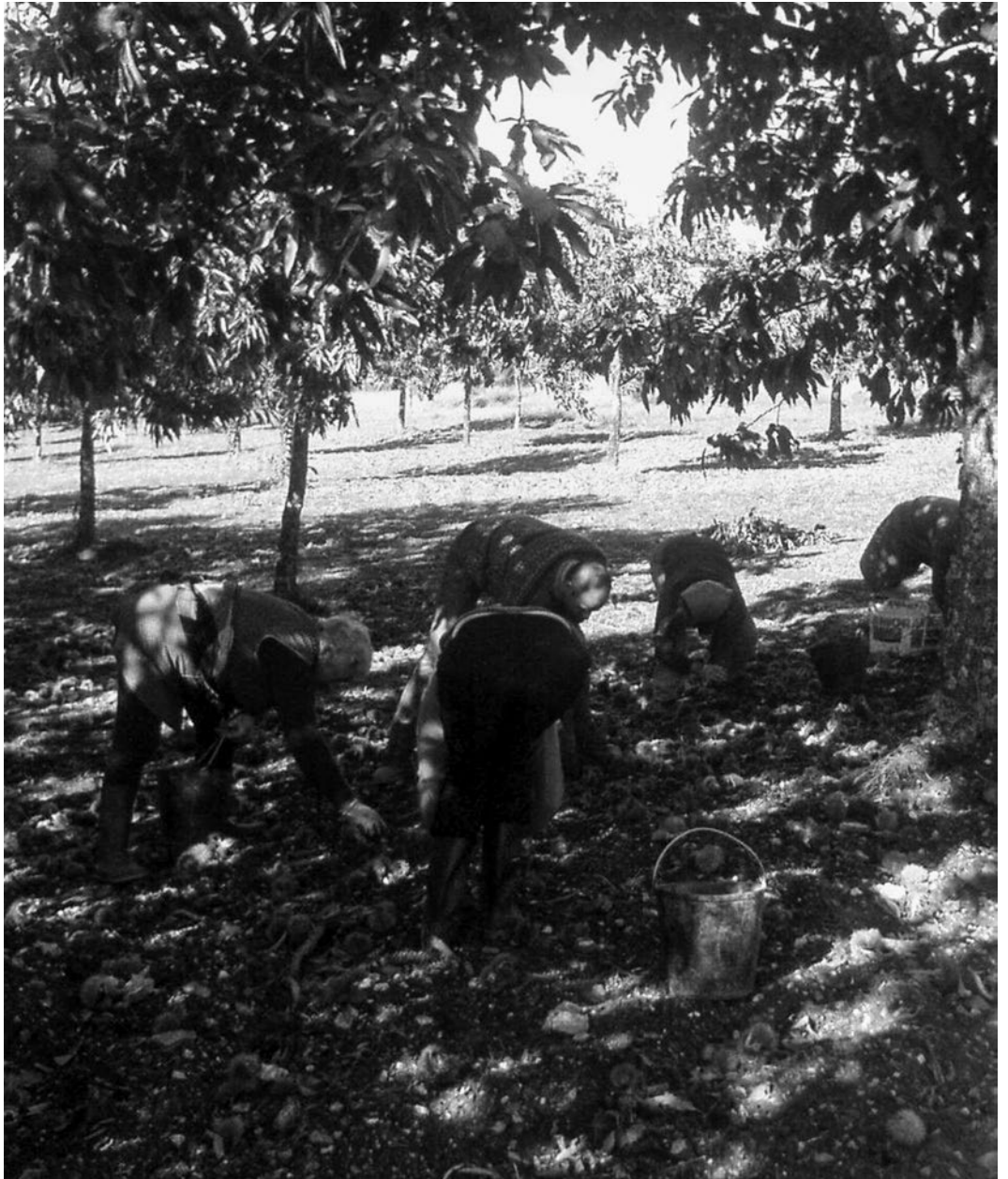
Um prato cheio de nozes
Os figos secos serão
P'ra fazer os “*Casamentos*”
Há linguíça e salpicão

Crianças em alvoroço
Correm dum lado *p'ró* outro
Excitadas e nervosas
Por verem matar o porco.

A mulher que apara o sangue
Para fazer os chouriços
Ri ao ver a sua cara
Toda cheia de salpicos.

Os bons rojões da barbada
Ossinhos depois de assar
As sopas de sarrabulho
Tudo pronto é um manjar.

Sustento do ano inteiro
Criado com alegria
Junta vizinhos e amigos
A Matança, nesse dia.



As Castanheiras

Nas partes mais altas da Serra de Bornes, onde os bens de primeira necessidade escasseavam, devido às grandes nevadas e geadas que assolavam esta zona, nos longos meses de Inverno havia muitos soutos de castanheiros.

Davam-se bem na Serra, sendo árvores de grande porte, algumas milenares, muito resistentes e por florirem tarde, próximo do Verão, conseguiam fazer frente ao clima frio e seco.

Todos os anos, pelo S. Martinho, os castanheiros brindavam os seus donos com as suas belas castanhas, que ajudavam no sustento de muitas famílias.

Nem todas tinham castanheiros, mas os soutos que havia davam que fazer aos donos e aos *jeireiros* pelo menos durante um mês.

No final da apanha, quando era solto o *rebusco* ao toque do sino da Igreja, as pessoas que não tinham castanheiros acorriam aos soutos alheios com *escachadores* em punho e, revirando as folhas e os ouriços, apanhavam castanhas para o seu sustento e dos seus animais.

Havia casas de lavradores, os mais fortes, que tinham de apanhar algumas toneladas de castanha e esses, porque lhes ficava mais barato do que pagar a jeira diária, justavam o trabalho de mulheres de fora pelo prazo de um mês. Vinham das aldeias vizinhas, onde não se davam os castanheiros, e aqui permaneciam durante toda a apanha da castanha, sem irem a casa.

As castanhas eram apanhadas todos os dias, até ao Domingo.

Em casa dos Ferreiras faziam-se os preparativos para receber as Castanheiras. A mãe Alice tinha ido à feira dos 17 a comprar o que era preciso para o mês das castanhas, o arroz, a massa, o bacalhau, o açúcar, o café em pó e até uma garrafa de anis, para prevenir as constipações, se viesse um dia mais frio.

As batatas, o azeite, a *gradura*, as pêras e as maçãs estavam guardadas na adega, nas hortas ainda havia as couves e as nabijas, que sempre davam para fazer o caldo para a ceia.

O sardineiro também havia de vir às terças e às quintas.

O burrito do senhor Amâncio vinha sempre carregado com duas caixas de madeira, uma de cada lado, tipo *alforge*, uma de sardinhas bem gordas e outra de chicharros. As sardinhas eram para a merenda do meio-dia, fritas ou assadas.

Os chicharros, bem *fritinhos* em postas finas, haviam de acompanhar as batatas cozidas à ceia, *esturradinhas* na panela de ferro, ou um arroz de feijão, ou grão-de-bico.

A filha mais velha do casal já estava a ficar preocupada, pois as castanhas começavam a cair e de Castanheiras ninguém falava nelas. Temendo que sobrasse todo o trabalho só para os de casa, questionou a mãe:

- Ó minha mãe, *atão* o pai no Domingo não foi a Agrobom a ver se lá arranjava alguma Castanheira? Olhe que as castanhas já começam a *pingar*, e só nós *num* damos conta do recado.

- *Bô* era! *Num* faltava mais nada, nem que andássemos todo o dia e toda a noite *num* as conseguíamos apanhar todas, *inda* mais que este ano *p'ralém* das meias que temos com o nosso compadre *inda* ficamos com as da *ti* Chareta.

- E essas são de meias ou às terças? Há aí quem as apanhe às terças, duas partes para o dono do souto e uma para quem as apanha.

- Era só o que faltava, nem de meias dão muito, quanto mais às terças. Se nos acontecer como no ano passado só arranjamos comprador *p'ra* elas já perto do Natal! O que valeu é que o *ti Zé* nos emprestou a adegas *p'rás botarmos*, se *num* as tirássemos das sacas apodreciam todas. As voltas que o teu pai lhe deu com a pá e mesmo assim algumas já estavam pretas!

- Mas afinal arranjou alguém *p'rás* castanhas ou não?

- Foi por isso que tivemos que lhe dar uma *escolhedela p'rás* podermos vender, *tamém* ao preço que as levaram, se fossemos a pagar o nosso trabalho *inda* ficávamos *impenhados*. *Carambas*, é assim todos os anos, se não se vendem durante *ápanha* depois é o cabo dos trabalhos, não há quem *nos as* tire de casa.

- Arranjou, pois, e pelos vistos *num* faltava quem quisesse vir, onde há as jeiras? Vêm as mesmas do ano passado, a Alzira e a Custódia, são boa gente e trabalhadeiras, pelo menos já sabemos com o que podemos contar, *tamém num* gosto de andar a conhecer caras novas todos os anos.

- Olhe que a Alzira era valente *p'ró* trabalho, mesmo depois de um dia inteiro *ápanhar* castanhas, à noite punha-se logo à loiça. Enquanto cá estiveram nunca lhe deixaram lavar a louça, pois não minha mãe?

- Que *melgueira!* Sabes que no tempo das castanhas até fico com a ideia de que sou rica, com criadas e tudo! Olha, como essas senhoritas que *num* fazem nada.

- *Carambas* minha mãe, vossemecê é que *num* faz nada? De quem são as *ralices* e os maiores trabalhos? São seus. Quando nos levantamos, e não é muito tarde, já *vossemecê* tem a merenda feita e o *mata-bicho* na mesa.

- Às vezes as mulheres *tamém* me ajudam, fazem o café na panela de ferro e quando há sardinhas lá as assam, e elas sabem pouco bem a *pingarem num carolo* de pão centeio. Sim, porque temos *que* ir bem compostos, às vezes é cá com cada *estopada*, quando há muitas no chão e nos dias frios e molhados *num é p'ra* todos, *inda* era mais o que faltava andarmos por lá *esterlincados* com a fome. Mesmo baratas sempre vão dando *p'rá* despesa e também *cevamos* os porcos, que a gente da Vila até se *pelam* por um porquinho criado na Serra, *cevado* com castanhas, a carne é muito mais gostosa.

- Bem podem o diabo dos laregos, *bô* trabalho nos dão, *inda* se comessem as castanhas com a casca! Mas não, depois de um dia inteiro de rabo no ar, cheias de dores nas cruzes *inda* temos *que* passar os serões a descascar as castanhas *p'ros* fidalgos dos porcos, estão mal-habitados é o que é, olhe que os bravos, os do campo, até as tiram dos ouriços, *num* se picam como nós que trazemos as mãos cheiinhas de picos, *atão* quando os ouriços estão ásperos, é vê-los a enterrarem-se nos dedos e até na cabeça quando nos caem em cima.

- Deixa lá, *tamém* é a maneira de passarmos o serão entretidas e depois as mulheres *tamém* nos ajudam. O pai diz que mal chegou a Agrobom, *inda* estava a prender a mula lá no curral

do *ti* Avelino, já a Alzira estava nas costas dele a perguntar-lhe se *num* queria que viessem outra vez, elas bem gostam de vir *p'ra* nossa casa, as farturas lá em Agrobom não hão-de ser muitas e sempre ganham algum. No fim das castanhas o teu pai leva-lhe os alforges bem cheios e uma saca de castanhas *p'ra* cada uma. Vai bem carregada a pobre da nossa mula Laranja.

- Pois é, e a mãe *tamém* nunca lhe parece muito o que lhe dá! Ele é azeite, batatas, feijão, casulas secas e logo uma saca de castanhas *p'ra* cada uma! *Num* lhe chegava uma *p'ras* duas!

- Lá é um mimo! Ficam todos contentes e depois, que mais dá saca mais ou saca menos? Diz que a gente quando morre só apresentamos ao Senhor aquilo que damos cá na terra, aos pobres, tu já viste se lá aparecêsemos de mãos vazias, que vergonha!

- Mas olhe que o pai às vezes *num* acha lá muita graça, diz que a mãe dá tudo, que às vezes até dá o que precisa.

- *Bô!* Ainda ele *num* sabe da missa a metade... Se a pipa falasse e a lata do azeite, *atão* sim é que seria um regalo ouvi-lo. Mas sabes filha, parece-me a mim que quanto mais dou aos outros mais Deus me dá a mim.

- Essa conversa já eu a ouvia à avó Maria, que Deus a tenha, mas mudando de conversa, *atão* assim, se vêm as mulheres e são assim tão trabalhadeiras, já *num* preciso de ir eu a *tocar o soco* ao Soutinho *ápanhar* o castanheiro grande todas as manhãs, antes de ir *p'rá* escola!

- Olha a finória, isso era o que tu querias, então deixávamos de apanhar os souts grandes, *p'ra* irmos todas em romaria ao Soutinho apanhar um castanheiro? Vais lá tu, chamas a tua amiga Adélia, fazeis companhia uma à outra e nós tiramos daí o sentido, *inda* te lembras do que dizia o avô António, “*serviço de menino é pouco, mas quem o perde é louco*”.

- Já me estava a parecer a esmola avultada de mais, olhe que no princípio, nos primeiros oito dias, até acho graça, vou com as minhas amigas e passa-se o tempo, nos Domingos, às vezes, até fazemos por lá um magusto. Ah! Ainda não lhe contei o que fizemos o ano passado ao pobre do Chico Russo? Ele às vezes parece meio *atoleimado*, mas o diabo anda sempre atrás de nós, depois olha! Quando já tínhamos as castanhas meias assadas, mandámo-lo à ribeira a molhar a giesta, dissemos-lhe que era *p'ra* arrefecermos as castanhas, que estavam muito quentes. Coitado, lá foi ele até à ribeira, a giesta devia pesar que se fartava, também chumbada de água e *inda* por cima por aqueles castanheiros sempre a pique, quando lá chegou e viu que já tínhamos comido as castanhas todas, *quaisque* lhe dava o *fanico!*

-Coitado! Com a *galgueira* que devia estar *num* era *p'ra* menos! Isso foi uma grande maldade que fizestes ao pobre do Chico, há brincadeiras e brincadeiras e não está certo que não lhe deixásseis nenhuma castanha assada.

- Qual quê? Até me parece que comeu mais do que nós! Tínhamos os bolsos cheios de *bilbós*, já feitiños *p'ró* Chico. Até se lhe riram os olhos, apanhou cá um *fartaço*. Mas *atão* e as Castanheiras? Afinal quando é que elas vêm? Vai lá o pai a buscá-las ou vêm sozinhas?

- Ficamos de lhe mandar recado *p'ra* só virem quando houver muita castanha *p'rápanhar*, por enquanto bem as apanhamos nós, ontem apanhámos uma saca e meia e demos volta a

metade dos castanheiros, lá *p'ró* fim-de-semana já deve haver muitas, o tempo está de feição, Sol de dia e ventinho à noite. Ficou de vir cá trazê-las o pai da Custódia, na burra, é *p'ra* lhes trazer os sacos com a roupa.

- Mal era, *num* virem as duas a cavalo na pobre da burra. *Tamém num* cabiam na albarda, olha a Custódia com aquele *cortiço!* E logo a subir a Ladeira! Coitadinha da burra.

- Da burra e delas, que eu bem sei como é que se chega cá cima, *atão* quando a gente vem carregada, quantas vezes a subi com a cesta dos figos à cabeça.

- Pois agora é que dou razão ao pai, valia-lhe a pena vir tão carregada, começava a oferecer os figos às mulheres que encontrava desde o canto do Bairrinho até casa e olhe, quando cá chegava a cesta já vinha meada!

- *Homessa*, e ele *num* faz igual no dia da vindima? Pára o carro das mulas com a dorna mais de cinquenta vezes: *Quer uvas ti Maria? Traga um tacho; quer uvas ti Josefa?* Lá vão mais umas poucas, vês como é o teu pai? Refila comigo porque despejo a cestas dos figos e ele faz o mesmo com as uvas.

- Estão bem metidos! O pai fala por falar, já o conhecemos, vê como é nos dias nomeados, farta-se de encher garrafas e canecas de *binho* na pipa e manda-nos a levá-las a casa de quem o não tem, e cargas de lenha, a essas viúvas mais pobres, que não têm quem lha *acarre?* São umas poucas durante o ano, fora as que nós *num* sabemos. Ele *tamém* diz que a mão esquerda *num* deve saber o que dá a direita.

- Oh, minha mãe, sabe porque gosto deste tempo das castanhas? É porque vai haver rancho melhorado cá em casa todos os dias!

- Quem trabalha tem *que* comer, quando o trabalho é muito o trato tem *que* ser ao consoante, por isso é que começo cedo a fazer cá o meu arranjinho. O bacalhau já está à espera de ser demolhado, há *p'raí* um mês que ando a guardar os ovos das *pitás* para as merendas, também ainda temos metade do presunto do porquito que matamos o ano passado, escondi-o bem, senão já tinha ido há que tempos. E depois do que fazia as merendas? Com umas malgas de azeitonas e um queijinho duro que deve estar perdido na talha de barro, cá nos havemos de arranjar. *P'ros* Domingos, estou a guardar o galo pintado. As *pitás* é que *num ande* ficar muito contentes, mas estufadinho na panela de ferro, bem sei onde ele vai cantar e bem, os coelhos *inda num* são muito grandes mas, se *num* chegar um, matam-se dois.

- Às vezes até parece que *num* tem coração, coitadinho do galo e dos coelhos, quando fizer essas matanças avise-me, que é *p'ra* ir *p'ra* bem longe!

- Está bem, quero ver se quando te puser os *cibos* no prato, se os deixas!

- E onde dormem as Castanheiras?

- No quarto do lar, que é o mais quentinho, *num* quero que se queixem, já fiz a cama de lavado, as toalhas já estão em cima da arca, uma *p'ra* cada uma.

As Castanhas

Dá castanha o castanheiro
Fruto de muito sabor
Que dá fama ao cozinheiro
E riqueza ao lavrador.

A castanha cá da serra
Sempre foi especial,
A judia é mais roliça,
Mais saborosa a longal.

Castanhas da nossa terra
A água das nossas fontes
A brisa fresca da serra
São ouro de Trás-Os-Montes.

Salta a castanha do ouriço
Rodopiando no ar,
Faz lembrar um namorico
No S. Martinho a bailar.

As moças cantam cantigas
Nas serras e nos ribeiros
Ao apanhar as castanhas
Nos soutos de castanheiros!

Fruto seco acastanhado
Descascado fica bem,
No assado ou refogado
Assadas sabem tão bem.

No dia de S. Martinho
Há festa na nossa terra
Castanha assada, bom vinho
E a aragem fria da serra!



A Azeitona

Desde a Festa do Verão que nas aldeias transmontanas se vive em constante azáfama.

Nos meses de Setembro e Outubro arrancaram-se as batatas, descarçoçou-se o milho, colocaram-se as maçarocas a secar ao Sol, *degranharam-se* as casulas e limpou-se o feijão, que depois de bem seco foi guardado em saquitos de pano.

Secaram e escaldaram-se os figos, que foram guardados nos sacos de linho, para criarem o seu próprio açúcar.

Apanharam-se os marmelos e fez-se a marmelada, as pêras e maçãs foram colocadas em cima de palha, na parte mais fresca da adega, para se conservarem durante os meses de Inverno.

Colheram-se as uvas e fez-se o vinho, que já deu prova pelo S. Martinho, as castanhas apanharam-se por todo o mês de Novembro, já contando com a semana do rebusco.

Os *laregos* já *roncam* nas *lojes*, ou porque lhe falta espaço para se movimentarem, de tão grandes e gordos que estão, prontos para a matança, ou porque havendo pouco que lhes dar a comer roncam com a fome.

A partir do dia oito de Dezembro, dia da Imaculada Conceição, aos Domingos ouve-se o *chiar* dos porcos, aproxima-se o tempo da azeitona e é preciso ter com que fazer as merendas.

Na casa dos Gaios, por cima da laje de pedra e por baixo da *boeira*, *dependurados*, numas varas de castanho bravo, estão os salpicões, as linguças, as bucheiras, os azedos e os chouriços doces, preparam-se para fazer três ou quatro pães de alheiras, que serão *dependuradas* também nesse *tendal*.

- Ó Marquinhas, *atão num* seria melhor fazeres as alheiras depois de se acabar a azeitona? Olha que eu acho que já *num* se secam a tempo de as levarmos *p'ra* Vilarelhos.

- Estás tolo *home*? *Atão* o que é que leváveis para as merendas? Os salpicões e as linguças? Havia de ser bonito, vinham as *segadas* e as malhadas, o que dava ao pessoal? Faço-lhe aqui umas valentes fogueiras e é de repente que se secam, *inda* por cima anda o tempo seco e de geadada, é o que elas querem, para curar melhor. Assim, uns bocadinhos de *chicha* gorda assada e uma alheirita, até *zinam*.

- Ora, só falei porque no Domingo à tarde eu e os garotos temos *que* pegar na trouxa e irmos *p'ra* Vilarelhos, *p'ró cardanho* do senhor Gaspar, e pensei que nessa altura *inda num* estariam em condições de as levarmos, mas pronto, se é assim, tu é que sabes. *Atão* a nossa Geninha também vai connosco, ela ainda é tão pequenita *p'ra* ir ao *rebusco*, até tenho medo que se perca lá por aqueles olivais.

- Não te apoquentes que a nossa Julieta e o nosso Luciano *num* hão-de tirar os olhos dela, que já *la* recomendei bem, e depois, se apanhar duas ou três saquitas de azeitona, juntamos as da ladeira e já nos dá azeitinho para todo o ano. Com o unto do porco, cá nos havemos de governar. Ela ainda se distrai muito coitadinha, mas à hora da merenda todos lhe levam um bolso de azeitona e enchem-lhe a cestinha, ela fica toda contente e assim, pode ser que eu ainda possa dar cá alguma jeira, se a minha mãe andar bem de saúde e me ficar com estes dois mais novos. Mas custa-me tanto *num* ir. A Julieta também *inda* não tem idade *p'ra* tomar conta de

vós, vê se a ajudas, principalmente com as panelas de ferro, diz que o ano passado a filha do Ferrador, às vezes, lá no *cardanho*, quando estavam a pôr as panelas em fila, ao pé do lume, dava-lhe cada empurrão, diz que é *zaina* como as cobras a rapariga, e depois é maior do que a nossa!

- Até pode ser maior, e mais *zaina*, mas olha que a apanhar azeitona não lhe chega aos calcanhares. Às vezes o patrão anda por ali, parece que num repara, mas olha que repara, já me tem dito: “*A tua garota não se distrai, apanha mais do que muitas mulheres feitas*”. E o nosso Luciano? É sempre o primeiro a subir-se às oliveiras, a vara nas mãos dele *num* tem descanso. Já no ano passado, tinha saído da escola, um garoto, eu se queres que te diga, até ia meio envergonhado, com medo que o patrão o *num* quisesse no rancho, por ser pequeno e quando fomos a fazer contas *inda* lhe disse que não precisava de lhe pagar como aos homens, que lhe pagasse de acordo com o trabalho dele.

Ele também me respondeu: “*Atão se é de acordo com o trabalho, tenho que lhe pagar como aos homens, e depois para o ano já é maior!*” É boa pessoa, este nosso patrão.

- *Atão* não é? É verdade que lhe chamas o rancho, e ele não precisa de se preocupar com o pessoal, mas às vezes já tens levado cada *peça*, olha aquele ano que levaste o Bexigas e a filha. Coitada da rapariga, o que passou por lá, com aquele *borrachão*, uma vergonha, foi o que foi. E naquela noite em que estava *borracho* como um *cacho* e quis ir *a buscar* o cântaro da água à mina? Se não fosse tu *ires* atrás dele tinha lá morrido afogado, o desgraçado, depois *inda* havia de meter o patrão em trabalhos.

- É verdade, como me vi lá com aquele Bexigas! No último dia de azeitona ainda acabamos cedo e comemos *a burra*. Deu-nos um molete de trigo, de cinco *c'roas*, *cuma* valente posta de bacalhau frito. E *binho*? Foi à *fartazana*. Ele bebeu tanto que à hora de aparelharmos a cria *p'ra* virmos embora caiu de redondo, à porta do *cardanho*. *Num* se mexia, nem *p'rá* frente, nem *p'ra* trás. As mulheres gritavam que estava morto, a filha berrava e deitava as mãos à cabeça, eu logo vi que estava a *refolgar*, que era só *binho*, toca de o *estiraçar* em cima da nossa mula Laranja e veio todo caminho sem acordar, o desgraçado. Quem se lixou foram os garotos, que tiveram que vir todo o caminho a pé, metemos a tralha nos alforques da *ti* Zefa, trouxemos as mantas à frente dela, na burrita Branca, e lá viemos com o *taleigo* até casa, também jurei que nunca mais ia comigo *p'ra* lado nenhum, era o que faltava, *p'ra* me deixar envergonhado!

- Foi nesse ano que me aparecestes cá com o garoto sem dentes, com as beijas inchadas, ai quando o vi, fiquei tão aflita!

- Pois, *num* me chegava bem o burro do Bexigas senão aquele *atraganado* ir a meter a silva no cú do burro do Canhoto! Deu-lhe tamanho couce que lhe apanhou a boca e atirou-lhe logo com os dentes da frente, e o pior é que aqueles já não *le* nascem outra vez, já os tinha mudado! E o sangue? Nunca mais parava, ele a espernear, berrava que se fartava, fui *a buscar* a bota do *binho* ao *cornicho* da albarda e lavei-lhe a boca, mas depois, durante todo o caminho, olhava *p'ró* garoto e só lhe via a beija a inchar.

- Devia de vir danado por *num* vir a cavalo na mula, mais as irmãs, por vias disso pôs-se a implicar com o pobre do burro, mas digo-te, quando olho *p'ró* garoto e o vejo todo desdentado fico tão danada, que era bem melhor teres lá deixado o Bexigas a curar a *borracheira* e que viesse *p'ró* outro dia *à pata*. E naquele ano em que foram as gémeas da Cremilde, lembraste? Tínhamos deixado os dois garotos que tínhamos com a tua mãe. O trabalho que aquelas almas do diabo nos deram lá no *cardanho*. Do lado onde dormiam as mulheres todas as noites havia zaragata, tivemos que as apartar, uma em cada ponta da cama e olha que éramos muitas mulheres, mais de vinte. E à hora da merenda? *Engalfinhavam-se* uma na outra por causa do *peguilho*. À ceia era outra festa, nenhuma queria lavar a louça, quantas vezes, *p'rás num* ouvir, lavava-lha eu. Diz-se que a mãe nunca teve mão nelas.

- Nem a mãe nem o pai, pelos vistos. Se fossem minhas filhas eu dizia-lhe como era, que me faltassem ao respeito a mim, ou a ti, ou que me envergonhassem diante das pessoas e do patrão, ai rapariguinhas...

A Azeitona

A vida de antigamente
Era dura cá na serra,
P'ra ganharem uns tostões
Partiam da sua terra

Iam ranchos, sempre aos pares,
P'rá Vila ou p'rá Vilarica,
Para a apanha da azeitona
Nos "*casais*" de gente rica.

Iam a pé ou de burro
P'ró Cardanho, onde ficavam
Dias, semanas e meses,
Com pena do que deixavam.

Dos filhos mais pequeninos
Que entregavam às avós,
Se eram mais crescidinhos
Por vezes ficavam sós.

Levavam dentro da cesta
A comida, os utensílios,
Pratos, panelas e malgas,
O pão, batatas e milhos.

À noite, junto à lareira,
Depois de todos cearem,
Um realejo tocava
P'ros mais foliões dançarem.

Dormiam homens a um lado
As mulheres no lado oposto,
Trabalhavam com vontade
Mesmo ganhando tão pouco.

Quando acabava a azeitona
Depois de comerem a "*burra*",
Regressavam à sua terra,
Já noite, com a luz da lua.



As Padeiras

A exemplo da figura histórica que faz parte do nosso imaginário, as Padeiras eram fortes e valentes, como foi a nossa “*Padeira de Aljubarrota*”.

Padeira podia ser qualquer mulher, desde que exercesse esta profissão com vista ao ganha-pão de cada dia.

Era também Padeira a dona do forno. Esta, para além de ceder o espaço físico, o forno, para as outras mulheres cozerem, era quem as ajudava a peneirar a farinha, a amassar o pão, a fazer os folares de carne, os bolos de leite, os *calços* ou os folares doces e ainda a aquecer o forno.

Só ela sabia quando a pedra mestra estava suficientemente branca, indicando que o forno estava quente o suficiente para dar guarida ao pão, que dormia no *tendal*, depois de *fingido* e bem acondicionado entre os *panais* brancos de linho.

Era da sua lavra o *ranhar* do forno, com uma vara comprida, o *ranhadouro* e também o *enformar* do pão. Sabia quantos pães cabiam no forno, mas teria que ser ela a metê-los lá dentro, senão ficavam dois ou três junto do borralho da porta, sujeitos a estorricarem-se todos.

Naquele tempo toda a mulher que não soubesse cozer uma fornada de pão não se devia poder casar. As mais inexperientes tinham a vida facilitada, graças à Maria do Forno, que as ajudava a cozer as suas fornadas de pão e lhes ensinava todos os truques necessários. A quantidade de fermento para que levedasse no espaço de mais ou menos duas horas, o polvilhar dos *panais* brancos de linho com farinha, para que não se agarrasse a massa, o quebrar da massa para modelar os *moletes* de três cantos, o passar do *vassouro* no forno, para evitar que o pão se queimasse, o retirar da porta, devagarinho, de forma ao forno não quebrar, o toque no *só* do pão, para saber se estava cozido e a forma como devia ser transportado, de preferência numa canastra forrada com uma toalha, encostado um ao outro, na vertical, para não chegar *amolgado*.

O forno cozia diariamente, excepto ao Domingo.

Nas épocas festivas cozia de dia e de noite. Além do pão, também faziam os folares de carne, os *calços* e os bolos de leite ou económicos.

Nos Domingos das festas o forno era aquecido logo de manhãzinha, para assar as carnes para o almoço, da dona do forno e da vizinhança.

Quando o forno ficava distante eram os homens que na noite anterior carregavam o burro de giestas e as deixavam à porta, para no dia seguinte não andarem mães e filhos pelas ruas, arrastando a lenha a caminho do local.

A água *iam-na buscar* às fontes de mergulho e fontanários, nas *remeias* e cântaros de lata e de barro.

Havia várias Padeiras que, não sendo donas do forno, tinham os dias certos e marcados para cozerem. Nesses dias os fornos estavam por sua conta. Coziam pão de trigo e iam vendê-lo às aldeias vizinhas. Algumas distavam daqui vários quilómetros: Vales, Vilarelhos, Vilaes da

Vilarça, Soeima e Gebelim. Faziam o pão quase todo em moletes que vendiam por cinco *c'roas*, dois escudos e cinquenta centavos.

No dia seguinte à *cozedura*, ainda mal se via, punham os alforges no burro, carregavam-no de pão e lá iam elas, com o burrito à rédea, por essas terras fora.

Os caminhos eram de terra batida. Quando chovia enterravam-se os burros nos lamaçais e era o *bô* e o bonito para os desenterrarem.

Tinham de esperar que passasse por ali alguém, trabalhadores do campo ou os pastores, que ajudavam as pobres das padeiras a desenterrar os burros, continuando o seu caminho, apressando o passo, porque as suas freguesas já estavam à espera.

Raramente utilizavam o burro para se fazerem transportar, é que no seu dorso, em cima da albarda, ia ainda uma *canastra* de pão, bem apertada com os *atafais*, ou uma simples cordita, que desamarravam quando chegavam ao destino, e voltavam a colocar ao prosseguir o seu caminho

Havia ainda os lobos, que lhe cheirando a pão, muitas vezes famintos, iam no rasto das Padeiras.

Munidas de um *giesteiro* iam barafustando contra os bichos o arremessando-o contra as giestas e arçás, com a esperança de que com medo eles se afastassem e as deixassem em paz, a elas e aos seus burritos. Esta atitude servia também para afugentar os lagartos, as cobras e as lagartixas, que fugiam do caminho indo esconder-se nos arbustos mais próximos.

Os poucos tostões que faziam com a venda do pão traziam-nos guardados no seu colete, entre os seios, num saquinho de pano que faziam par o efeito, porque aí não seria fácil tirarem-lho, mesmo que lhe aparecesse algum ladrão no caminho.

Vida de muita labuta e trabalho levaram as donas dos fornos e as Padeiras. Eram mulheres decididas e muito valentes. Requeria esta profissão muita força de braços, para conseguirem manejar as duas *peneiras* carregadas de farinha, amassarem o pão envolvendo muitos quilos de farinha com água, sal e o fermento, carregarem e atirarem com a lenha para dentro do forno, apanharem tanto calor, principalmente no Verão, à boca do mesmo, com o peso da pá carregada com o pão, em massa, depois de aconchegado contra o próprio peito e o arremessarem bem para o fundo do forno, para que coubesse e se cozesse todo ao mesmo tempo.

Depois de colocarem a porta de ferro, que tapava a única abertura do forno, *alagadas* de suor, com a pá na transversal, fazendo várias vezes o sinal em cruz rezavam: “*Cresça o pão no forno, a saúde em casa do dono, a paz pelo mundo todo. Um padre-nosso pelas almas, com tanto que saia bom*”.

Muitos padre-nossos pelas almas rezaram a Maria do Forno, a Ana Careca, a Mafalda, a Maria da Luz, a Maria d’Albina e todas as Padeiras da nossa terra.



Acudam, que há fogo!

Ismael fora convocado para prestar serviço militar e mobilizado para França, aquando da 2ª. Guerra Mundial.

Casara muito cedo, com Adélia, uma rapariga da sua aldeia, tinha apenas uma irmã e os seus pais tinham fracas posses.

Embora fosse novo, quando partiu já deixava quatro filhos que cabiam todos debaixo de um cesto.

Adélia lamentou-se durante algum tempo, depois só esperava notícias do seu Ismael, mas em vão, nunca chegaram.

Quando a guerra terminou regressaram os soldados a Portugal, mas o Ismael não apareceu. Amargurada e sem saber o que fazer dirigiu-se ao senhor Coronel, que estava de férias na sua aldeia, e pediu-lhe que com os seus conhecimentos contactasse o serviço militar e lhe dessem relação do seu marido, que tanta falta lhe fazia, para a ajudar a criar os filhos.

Passado algum tempo a notícia chegou, mas não agradou a Adélia. Ele não fora morto em combate, tinha ficado em terras de França. O pior foi quando soube que, afinal, se tinha apaixonado por uma francesa e que os dois trabalhavam numa quinta perto de Paris.

Inconformada com tal situação não desistiu. Através do senhor Coronel conseguiu saber a direcção dele e mandou escrever-lhe uma carta, comunicando a sua própria morte, com a indicação de que deveria vir tomar conta dos filhos.

Nesta situação extrema Ismael não teve outro remédio senão regressar a Portugal e à sua aldeia.

Quando viu que tinha sido enganado e que o privaram de ser feliz, Ismael, sem dinheiro para regressar, ficou desvairado, meteu-se na bebida, *apartou* a cama da mulher e sempre que bebia insultava-a e acusava-a de toda a sua desgraça.

A casa onde viviam era pequena, tinha apenas dois quartos, o do casal e o dos filhos. Ismael fez uma tarimba na *loje* do burro, ao lado da manjedoura, com uns cobertores rafados, aí fez a sua cama e dormiu durante vários anos.

Como não se alimentava convenientemente, o pouco álcool que bebia toldava-lhe o cérebro e não dizia coisa com coisa.

Adélia, na sua infelicidade, lamentava-se profundamente e dizia:

- Se soubesse que era para isto, *mais valia* ter ficado na França.

Mas ia sempre arranjando uma justificação, ou melhor, uma culpada, era a francesa que lhe dera alguma mistela a beber e o deixou maluco.

Para além de beber, gostava muito de fumar. Quando alguém lhe dava um macinho de *Kentuk* era vê-lo acender uns nos outros, até que acabassem.

Era a altura das *segadas*, fazia muito calor, mas o Ismael lá dormia na *loje*, junto do bafó do burro e do cheiro do estrume.

Na rua onde ele morava, como em todas as ruas da aldeia, havia muita gente, os casais tinham muitos filhos e as casas, embora minúsculas, estavam superlotadas.

Na casa em frente morava o Gilberto e a Maria, também com uma *queira* de filhos. Estes dormiam no quarto da varanda e com a janela aberta, por causa do calor.

De madrugada o Gilberto acordou com um intenso cheiro a fumo. Levantou-se de repente e viu que o fogo era na *loje* do burro do Ismael.

Sem se lembrar que estava em ceroulas, desceu as escadas e correu para a casa da Adélia, gritando com todas as forças que tinha:

- Há fogo, *acudam, acudam!* Tragam água, água!

Subiu os poucos degraus de escada e com o seu pé e a força de um homem na flor da idade deu uma sapatada à porta, que se escancarou e gritou:

- Adélia, tens a casa arder, tira daí os garotos.

Mas ele sabia que o maior perigo vinha da *loje*, já se viam as labaredas por entre as *frinchas* da porta, empurrou-a porque estava apenas encostada, deu uma palmada no traseiro do burro com toda a força, para que saísse para a rua e num acto de valentia heróico, dirigiu-se para a tarimba onde estava o Ismael, bêbado que *nem um cacho*, e por entre a chamas e o fumo intenso conseguiu arrastá-lo cá para fora.

Nessa altura já os sinos tocavam a *rebate* e os homens gritavam:

- Água, depressa, mais água!

Homens, mulheres e crianças meios despidos chegavam com os cântaros, *remeias* e latos cheios de água, que derramavam sobre as labaredas.

O Gilberto subira-se para o telhado e *escarranchado* entre dois caibros atirava com a água que lhe iam *abondando* para dentro de casa e da *loje*.

Os garotos berravam, a Adélia lamentava-se, o Ismael e o burro tinham desaparecido e a Maria com as calças na mão gritava, olha as calças Gilberto, olha as calças!

Era assim nas aldeias transmontanãs. Devido aos palheiros e *lojes* contíguas às casas de habitação havia muitos incêndios, por isso quando alguém dava o alarme um dos mais novos corria até à torre da Igreja e tocava o sino a *rebate*. Fosse de dia, ou de noite, ninguém ficava em casa, corriam todos com os cântaros, latos e *remeias* que tinham, enchiam-nos nas fontes de mergulho e nos fontanários que havia, dirigiam-se ao local do incêndio e só paravam quando o fogo era extinto.

Cansados e com a alma a sangrar, cada um dirigia-se a sua casa, todos com a mesma preocupação, o que ia ser daquela família que ficara sem o único bem que possuía, o buraquinho da casa?

Apesar de quase todos serem pobres a solidariedade que existia não tinha limites. No dia seguinte entregavam àquela mãe desesperada, um cobertor, uma malga, dois pratinhos de

esmalte, cada um dava algo que lhe fazia falta, mas que sabiam que era ainda mais preciso na casa da Adélia.

Os homens, no primeiro Domingo a seguir àquela tragédia, depois da missa, dividiam-se em grupos e iam às aldeias mais próximas pedir ajuda para o restauro da casa que ficara destruída.

Enquanto não podiam regressar a casa, eram os familiares e os vizinhos que acolhiam esta pobre família.



As Feiras

Nos dias dezassete e últimos de cada mês, os caminhos estreitos de terra batida enchiam-se de pessoas e animais, em direcção à sede de concelho, onde se realizavam as Feiras.

O burrito ou o macho eram aparelhados logo de manhã, com os melhores arreios que tinham, comiam uma malga de grão centeio para ter mais energia e assim poderem suportar as agruras do tempo e dos caminhos.

A dona da casa trazia os *alforjes* de linho que eram *dependurados* em cima da albarda; era nos *alforjes* que traziam o sustento para o lar, de acordo com o dinheiro que levavam.

Vestiam as melhores roupas, calçavam os melhores sapatos ou socos e lá iam a caminho da Feira.

Às vezes iam em grupo, encontravam-se no caminho e iam conversando sobre as vidas simples que levavam, sobre os seus animais, que tratavam como elementos da sua família, apertando o passo ao burro ou travando o do macho, para poderem chegar ao mesmo tempo ao seu destino.

Quando levavam algum dos filhos à Feira, para ir ao médico ou para lhe comprar os sapatos punham-no *escarranchado* no dorso do animal.

Se ia apenas o casal era a mulher que depois de encostar o animal numa barranca, ou numa parede, montava para cima e sentava-se na albarda, com as duas pernas juntas para o mesmo lado.

O homem levava o animal de rédea, não fosse o diabo tecê-las e a pretexto duma maluqueira qualquer atirasse com a albarda ao ar e com tudo e todos que carregava em cima.

Distava da aldeia à Vila nove quilómetros que demoravam mais de duas horas a percorrer.

No Verão não eram raras as vezes em que os animais se espantavam, devido ao *esturreiro* do Sol, com os répteis que lhe saltavam para o meio do caminho, deixando-os assustados, ou com as moscas que lhe *zumbiam* aos ouvidos e os deixavam completamente transtornados.

No Inverno enterravam-se nos lamaçais e na neve, precisando-se de recorrer à força dos homens para os conseguir desenterrar.

Logo à entrada da Vila havia casas com grandes currais, onde moravam os caseiros das casas grandes, era aí que prendiam e deixavam os burritos e os machos, havia sempre um bocado de palha, ou de feno, para lhe pôr à frente. Em contrapartida as pessoas traziam um magusto de castanhas, umas maçãs da Serra, até um saquito de batatas.

Depois dos cumprimentos feitos e animais acomodados, desciam até ao fundo da Vila onde faziam a Feira.

Antes de se dispersarem um do outro, o casal entrava no Centro ou na Empresa, comércio tradicionais e compravam os produtos alimentícios, que tinham combinado levar para casa.

O arroz, a massa, o açúcar, o café, um quilito ou dois de bacalhau, uma *relha* para a charrua, o remédio para o *escravelho* da batata, ou para o pulgão dos feijões.

Estas compras eram prioritárias, pelo que eram feitas logo que chegavam, antes que pudessem gastar esse dinheiro noutras coisas.

Deixavam as compras feitas e pagas ao cuidado do *sóteiro* e lá iam eles para a Feira.

Os homens dirigiam-se para a parte da Feira destinada à compra, venda e troca de animais.

Aqueles que não criaram *cevado* e tinham algum dinheiro para o comprar iam apreçar os que estavam ali à venda, pediam o preço, *mandavam*, regateavam e por fim lá transaccionavam o animal que seria transportado num carro de bois, e ia dormir a *loje* alheia, já nessa noite.

Os lavradores mais fortes *apreciavam* as juntas de bois, andavam de volta como que a estudar os seus comportamentos, a força e a sua idade, e depois de algum tempo aproximavam-se e sondavam o dono daqueles belos exemplares sobre o seu valor real.

Só quem tinha posses poderia ter anseios de adquirir tão belos exemplares.

Havia os que, com posses, trocavam os velhos machos e burros por outros mais novos, a troco dos próprios e de mais algum dinheiro.

Não era pacífica a troca. Havia laços que se criaram ao longo dos anos, entre os donos e os animais. Não era fácil deixar para trás o amigo e companheiro de tantos dias, não é difícil adivinhar que nestas transacções houve muito sofrimento e sentimento de perda.

Os pastores iam ver os gados e as cabras. Também havia quem fosse só para apreciar, e lá saía um comentário depreciativo:

- Se estivessem gordas como as minhas e bem tratadas... Olha aquela *escanzelada* e *manca*, olha-se o gado e vê-se logo os *bofes* do pastor, coitadinhas, algumas até metem dó.

As mulheres, mal chegavam à Feira, era vê-las de volta das tendas, compravam tecido a metro para mandar fazer os vestidos para as filhas, à costureira da terra, as ceroulas e as camisas para os homens, o avental e a saia para elas.

Ao aproximar da Páscoa, ou da Festa, era preciso comprar os tecidos a tempos e horas, senão chegava a hora de os *estrear* e não estavam prontos.

Com a proximidade do Inverno havia necessidade de comprar mais uma manta de lã para a cama, porque os Invernos eram muito frios.

Quando ainda sobravam uns tostõezinhos compravam um "*miminho*", um lencinho de merino para a cabeça, um quilo de laranjas e um molete de três *tetos*, até uns rebuçaditos para levar aos garotos.

À hora do almoço o casal procurava uma *abrigada* se era Inverno ou uma boa sombra no pino do Verão, puxavam do saquito da merenda que trouxeram de casa e comiam-na com a ajuda duma navalha, utensílio indispensável no bolso do homem.

Nas famílias numerosas as crianças não iam à Feira. Mesmo que precisassem de comprar os sapatos, não podiam ir todos, assim não ia nenhum.

Logo de manhã o pai, ou a mãe, chamavam a criança, às vezes da cama, mandavam-lhe colocar o pézinho em cima da tábua do soalho da cozinha, com um lápis de carvão faziam um traço na tábua à frente da ponta do dedo grande do pé e atrás do calcanhar, retiravam-lhe o pé cortavam um pauzinho exactamente daquela medida. Na tenda do sapateiro escolhiam os sapatos metiam o pauzinho dentro do sapato, de forma a que saísse com facilidade, para lhe ficarem *folgadinhos* e lhes servirem durante muito tempo.

Todas as pessoas gostavam de ir à Feira, nem que para isso tivessem sempre de arranjar um pretexto, ir à farmácia, comprar algum medicamento para os de casa, ou para os animais, ir ao Grémio ver se já tinham preço para o cereal, ou ao registo civil, *registrar* o garoto.

Havia os que iam lá vender o que produziam, carregavam os carros de bois com sacas de batatas da Serra, feijão, grão, tremoços, castanhas e vendiam pelo preço que podiam.

Os porcos iam também no carro, puxados por bois, ou por machos, ao qual tinham sido postas as *ingarelas*. Iam entretidos a comer um punhado de milho, ou de castanhas.

Com o resultado das vendas compravam o que mais precisavam, acabando por encher mais os *alforges*.

No regresso a casa, depois de comerem a merendita e de os homens beberem meio quartilho na taberna mais próxima, montados no macho ou com a burrita à rédea, regressavam a casa, arrastando-se por esses caminhos, sabiam que ao fundo da aldeia, no caminho largo, estariam os filhos mais pequenos à sua espera.

Era numa *algazarra* pegada e com os olhitos a brilhar de felicidade que agarravam na *rédea* para os pais se descerem, a mãe tirava de cima do *alforge* uma laranja para cada um, ou uns *rebuçaditos* que comprara no *sóto* e aquelas mãozitas *escancaravam-se* para receber este gesto de carinho, que culminava com o momento em que o pai os levantava do solo e os *escarranchava* em cima da *albarda* do animal que os levaria a casa, atravessando o povoado como se fossem transportados num andor.

Nos quinze dias seguintes tinham de ganhar mais umas *jeiras*, engordar mais o porco, o galo ou o coelho, para ser vendido. Arranjar mais uns tostões para ir à Feira, como se de um ritual se tratasse, talvez das poucas alegrias e horas de lazer que nesses tempos tiveram as nossas gentes simples transmontanas.



Os Casamentos

O Zé e a Júlia namoram há muitos anos, desde os tempos da escola. Sempre gostaram muito um do outro, foi um namoro muito ajuizado, não fosse a avó Fabelina, a guardiã da sua Julinha, filha única, sempre muito mimada pelos pais e pela avó, mas com uma educação rígida, como convinha a uma menina de bem. Não podia dar azo a que alguém falasse dela, raras vezes se viam sozinhos a namorar, ou estava a mãe por perto a fazer na meia, sempre com o olho de soslaio, não fosse o Zé roubar algum beijinho à sua Júlia, ou era a avó que de plantão não tirava os olhos deles.

O casamento aproximava-se e as preocupações de mãe e filha eram constantes e idênticas.

- Ó minha mãe, será que estas vinte dúzias de ovos vão chegar *p'ra* fazer tantos folares de carne, *p'ros* folares doces, *p'ros* bolos de leite e *p'ros* bolos finos? Sim, porque eu quero que *tamém* haja bolos finos com fatura.

- *Num* te *consumas* filha, até me está cá a parecer que as *pitãs* cá da terra estão todas a pôr por tua conta, estes foram os que já me deram as vizinhas e as amigas, agora até à semana do casamento *hás-de* ver quantas dúzias *inda* vão aqui *a* aparecer.

- Ainda bem, porque a gente *inda vai a ser* muita, só os nossos amigos, e os parentes? *P'ra* convidar uns e não convidar os outros parece mal.

- Nem o teu pai quer que seja doutra maneira, *tamém* a única filha, a luz dos seus olhos, tu bem o sabes, às vezes vou *a* dar com ele a chorar, pergunto-lhe o que tem como quem *num* quer a coisa, ele disfarça, diz que *num* é nada, mas eu sei que são as saudades que vai ter de ti, vai-nos *a* custar muito não te termos sempre connosco, como agora.

- Até parece que vou *p'ró* Porto ou *p'ra* Lisboa, eu fico aqui perto, no bairro de Além. Antes queria que o Zé não tivesse herdado aquela casa da madrinha, assim podíamos ficar aqui a viver todos juntos, e depois quando viessem os seus netos sempre me ajudava mais.

- Ai, isso é que me enche a alma, tenho andado estes anos todos cheia de medo que me arranjasses algum *raparigo* fora de tempo, bem matavas o teu pai de vergonha. Mas assim que vos *casareis*, tomara eu que venham os netos bem depressa, enquanto tenho forças *p'ros* ajudar a criar.

- *Há-de-os* ver crescer, se Deus quiser, e olhe que *num* vai só *a* ter um, só eu sei o desgosto que sempre tive por *num* ter mais irmãos, *atão* nos dias nomeados, principalmente no Natal, como gostava de ter uma mesa cheia como a *ti* Alice. Pelo menos dois ou três hei-de tê-los, se Deus quiser. Mas agora vamos ao que interessa. Afinal, a *ti* Ana Doceira, quando é que começa a fazer as coisas?

- Já falei *cum* ela, chega bem vir na Quarta, três dias dá bem *p'ra* fazer tudo. As tuas tias e as primas da parte do pai também vêm ajudar, umas peneiram a farinha, outras amassam o pão, outras batem os bolos. *P'ra* *caldear* o forno está a *ti* Maria, que já está mais habituada. O pior é na Sexta, que tem *que* se deixar as carnes todas temperadas e a carne partida *p'ró* arroz, mas o teu pai encarrega-se de trazer os cordeiros já compostos. E as mesas? Temos *que* pedir umas poucas emprestadas aos vizinhos, toalhas, copos e as colheres e os garfos. Vamo-nos fartar de *acarrar* as coisas *p'rá* Casa do Povo.

- *Num* vai faltar quem nos ajude, já disse às minhas amigas que quero aquele salão bem bonito, todo enfeitado. Quero que o meu casamento fique na memória de todos, mas principalmente na minha.

- *Tamém* eu minha filha, para pobre chegou bem o meu, fomos à Igreja, a minha mãe cozeu uma fornada de trigo, tinha queijo e tremoços e pouco mais. Tinha morrido o teu avô *inda num* havia dois anos e a tua avó tratou de me casar, diz que dormia mais descansada, porque já me tinha *arrimado*, uma miséria, é o que eram os casamentos de antigamente, depois de comermos o teu pai *inda* foi a *deitar* as cabras *p'ró* lameiro. À noite a ceia foi um *cibinho* melhor, comemos um galo guisado na panela de ferro, com batatas cozidas, e foi assim. Por isso, eu quero que no teu *num* falte nada, agora *tamém* temos mais algumas posses, *p'ralém* de fazermos muito gosto neste casamento, gostamos muito do *Zé*, ele parece bom rapaz.

- E é, ele anda tão contente, parece que tem asas nos pés, já viu? *Acarrou* a lenha todo *p'ró* forno, foi a *pôr* os tremoços na ribeira em água corrente, *p'rádoçarem*, assim que vem da jeira logo vem direitinho *p'ráqui*, *p'ra* saber se é preciso fazer alguma coisa.

- Quem havia de fazer muito gosto neste casamento era a madrinha dele, lembras-te? Era bem tua amiga.

- Ela sabia que me havia de casar com o *Zé*, *tamém* já namoramos há tanto tempo, *p'ralém* de me dar o cordão de ouro ainda me deu o vestido e o véu do casamento dela. *Num* conseguia comprar outro que fosse tão bom e bonito como este, diz que o comprou em Bragança e já na altura deu um *ror* de dinheiro por ele, outro dia quando o vesti, *p'rá* Germaninha lhe apertar um *cibinho* dos lados, parecia uma princesa e *inda num* tinha os sapatos calçados, que com aquele bocadinho de salto *inda* me deve ficar melhor, estou mesmo a ver *vossemecê* e a avó a chorarem baba e ranho quando me virem entrar na Igreja.

-Ai, isso é certinho, e o teu pai? É preciso acautelá-lo, *num* te pise no vestido deve ir a lacrimar todo o caminho, as raparigas *tamém* já andam a fazer o arco *p'ra* te lerem as *loas* à saída da Igreja.

- A *vossemecê* também lhas leram?

- Foi a tua *ti* Margarida e a Noémia que trataram disso, *inda* me lembra *dalguns* versos e até chorei, deitaram-me muitas pétalas de flores, *tamém* foi em Maio e nessa altura não faltavam flores.

-Então diga lá minha mãe, como eram essas *loas*?

- Bem, já *num* me lembra de todas, mas começavam assim:

“Pare o acompanhamento,

Prestem-me agora atenção,

Quero falar aos casados

Que chegou a ocasião.

*O dia hoje é de festa
Não vos quero demorar
Quero dar os parabéns
A quem vem de se casar.*

Aos noivos e aos padrinhos
Este ramo lhe oferecemos
Que tenham muita saúde
É o que nós lhe desejamos.”

- Eram bem lindos e depois, os padrinhos não deram nada às tias?

- Já *num* me lembra se lhe deram alguma coisa, mas o dinheiro era pouco e depois *tamém* tinham que trazer uns tostões no bolso *p'ra* deitar *árrebetinha*. O padrinho metia a mão no bolso, tirava um punhado de tostões e atirava-os ao ar, no adro da Igreja. Havias de ver os garotos *engalfinhados* uns nos outros a ver o que conseguia apanhar mais, depois seguiam o acompanhamento até casa, os convidados entravam *p'ra* dentro e aos garotos davam-lhe um punhado de tremoços que estavam dentro dum lato novo, ao fundo das escadas, a seguir iam a correr *ó sóto* da *ti* Ana a comprar os rebuçados com os tostões que conseguiram apanhar.

- Eu *tamém* gostava que o meu casamento tivesse direito a tremoços, a dinheiro no ar, a flores e arroz. Achei tão bonita essa história, embora pobre não deixou de ser um dia muito especial.

- É verdade, e olha que valeu a pena, o teu pai sempre foi bom *p'ra* nós, às vezes lá refila com a tua avó, mas *tamém* ela tem a mania que há-de mandar em tudo e em nós todos.

- Pois é, até parece que o casamento é dela, quando na Sexta formos a casa das pessoas a convidá-las, a maior parte já estão convidadas, já lhe ouvi dizer muitas vezes: “*Num te esqueças que no dia 30 vais ao casamento da minha neta!*”

- Coitada, há quantos meses ela anda *ápregoar* o teu casamento? Quando *botou* as *pitás* já as avisava que tinham que *botar* cá muitos *pitos*, porque era preciso criar os frangos *p'ró* casamento! Às galinhas enchia-lhes o papo de *coubes-galegas* e de farelos, mas avisava-as de que tinham que pôr muitos ovos *p'ros* bolos, e ao pai? Moeu-lhe o *bicho do ouvido*. Por causa dos cordeiros, de mandar moer o trigo, da lenha seca *p'ró* forno. À *ti* Ana doceira? Quantas vezes já lhe disse *p'ra num* se esquecer da data do casamento, *p'ra num* se comprometer com mais ninguém.

- Até ao Zé, já lhe perguntou quem foi que lhe fez o fato, se lhe fica bem... Se os sapatos *tamém* são novos e mais, que *num* pode ir a fazer má figura ao pé de mim, porque eu levo uma indumentária que até foi comprada na cidade, ele até se ri com as preocupações dela.

- Ontem, pôs aquela colcha de linho *árejar* na varanda, aquela que teceu a tua visavó e que dizia que nunca se ia separar dela, eu como quem *num* quer a coisa perguntei-lhe se a colcha já estava comida da traça *p'rá* pôr ao Sol! Bem, fez-me uma cara de zangada e ofendida.

Disse-me com as lágrimas nos olhos que chegou o momento de se desfazer da sua companheira de sempre, que era a prenda de casamento *p'ra* ti. Pareceu-me que se estava a despedir *dum* ente muito querido. Bem vezes que eu lha pedi, vê lá se ma deu, mas tu *p'ra* ela és ainda mais importante do que essa relíquia tão querida.

- Eu sei mãe, há dias fui dar com ela a chorar, perguntou-me se quando me casasse podia ir à minha casa todos os dias, disse-me que *num* me preocupasse porque *num* se demoraria lá muito tempo, que precisava de me ver todos os dias. Abracei-a e disse-lhe num tom zangado! *Atão* a avó está-se a fazer assim tão esquisita? E eu que estava a contar consigo *p'ra* me ir tomar conta dos meus meninos! Ela apertou-me com muita força, acenou com a cabeça e riram-se-lhe os olhos, porque *num* conseguia falar.

Amor-perfeito

Amor-perfeito, uma flor
Nesta vida eu já senti
Esse perfume incolor
Do amor que então vivi.

Aveludado no toque
Amor-perfeito, já era
Um tempo de juventude
Uma feliz Primavera.

Perfeito e de mil cores
No campo ou no jardim
Milagre da natureza
Amor-perfeito *p'ra* mim.

Um ramo de amores-perfeitos
Eu recebi com apreço
Apaixonei-me por eles
E por ti ao mesmo tempo.

Não deve ser por acaso
Que é perfeito o amor
Quando é correspondido
A vida tem mais sabor.



A Coqueluche

Era assim que o velho Dr. Miranda diagnosticava a minha tosse seca e permanente.

- A garota tem a *coqueluche*. Leva-a a tomar o ar dos pinheiros, que isso passa-lhe.

Era verdade, na Primavera, tempo das alergias, passava dias e noites a tossir, tosse seca, que me incomodava profundamente e não era só a mim, não eram raras as vezes que ouvia algum dos meus dizer:

- Não puxes a tosse. Não me deixas dormir!

Todas as manhãs, mal nascia o sol, a minha irmã mais velha colocava a manta de farrapos debaixo do braço e na cesta, que servia para apanhar a azeitona, levava uma merendita para comermos a meio da manhã. Pão e queijo, um pedacito de presunto, figos, azeitonas, etc.

No cimo da cesta levava o trabalho que faria naquele dia enquanto esperava, sentada debaixo dum pinheiro, que eu recebesse aquele tratamento milagroso, que me iria libertar da maldita *coqueluche*.

Subíamos a rua da Senhora do Rosário, a meio da alameda do Mártir S. Sebastião, virávamos à esquerda e a poucos metros era o Carvalhal.

Era uma pequena floresta onde predominava o carvalho e o pinheiro bravo.

Estendíamos a manta de farrapos debaixo do pinheiro, onde minha irmã permanecia, sentada, entretida a *arremedar* as roupas, que por força do uso já se tinham rompido, ou a bordar um *napperon* para a mesa-de-cabeceira, ou mesmo a deitar uns *chaços* nas meias usados e rotas do meu pai.

Eu, como que a querer respirar todo o oxigénio que emanavam os pinheiros do Carvalhal, não parava sentada.

Com a curiosidade própria de uma menina de seis ou sete anos, espreitava por todas as frinças da vegetação, que a medo e com falta de sol viviam à mercê e na sombra daqueles pinheiros miraculados, e então descobria o que de mais soberbo existia no Carvalhal,

- Olha ali, debaixo daquela giesta está um ninho com muitos ovinhos! Não são de galinha, são mais pequeninos, vem ver.

A minha irmã levantava-se devagarinho, como que para não quebrar o encanto, espreitava sem mexer em nada que pudesse perturbar aquele ninho de amor e dizia baixinho:

- São de perdiz, ela está a chocá-los, não lhe toques, senão podem *gorir* e os perdigotos nem chegam a nascer.

Retirava-se de mansinho, indo sentar-se na manta de farrapos, onde deixara o trabalho que interrompera. Eu, todos os dias ia espreitar o ninho, sempre na esperança de ver a mãe perdiz, toda concentrada, a chocar os seus ovinhos.

Num certo dia em que, embalada naquele sonho de amor, fui espreitar por entre a giesta, vi que o ninho estava vazio, gritei com todas as minhas forças:

- Os ovos desapareceram! Roubaram os perdigotos!

A minha irmã levantou-se rapidamente e com ligeireza abriu a giesta com as duas mãos. Com um sorriso nos lábios explicou-me que, mal nascem, os perdigotos correm logo atrás da mãe, deixando as cascas dos ovos no ninho, e àquela hora já deviam andar todos no restolho a comer o grão que caíra das espigas do trigo e do centeio.

Para me certificar melhor e um pouco incrédula com aquela narrativa tão simples, desviei novamente a giesta e pude observar o que restou daquela maternidade. Apenas as cascas ensanguentadas duns pequenos ovos.

Numa dessas manhãs, chegámos ao Carvalhal e vímos que tinha caído orvalho durante a noite, pelo que não podíamos estender a manta enquanto o Sol não baixasse e entrasse por entre os ramos dos pinheiros para secar a erva e a caruma e fomos apanhar *gamões* que serviam para fazer a *bianda* dos porcos. Vendo que eu estava um pouco afastada, a minha irmã fez-me sinal para me aproximar, pondo-me o dedo no nariz, para que não fizesse barulho.

Debaixo de uma arçã corpulenta, dentro de uma pequena cavidade, reluzia um novelo gigantesco de pelo amarelo. Meia assustada, questionei-a, o que era aquilo?

Puxando-me pelo braço com força, a minha irmã levou-me de rompão para um local bem afastado daquela toca e daquele bicho tão esquisito. Sem que eu tivesse tempo para dizer mais nada, informou-me, baixinho:

- É uma lebre, fez a sua toca debaixo da arçã!

- Mas então está morta, não se mexeu! E também não tem cabeça!

Eu já tinha visto muitas lebres, *dependuradas no escano* do lar da nossa casa. O meu pai era caçador e matava muitas lebres. Não me parecia nada que aquilo fosse uma lebre, talvez a minha irmã se tivesse enganado.

Estendeu a manta debaixo do pinheiro, que por entre os ramos deixou passar uma nesga de Sol, fez-me sentar a seu lado e aí sim, falou normalmente, como que certa de que não estaria a incomodar a dita lebre.

Explicou-me que as lebres são assim, cavam uma toca debaixo dos arbustos e fazem aí a sua casa, e quando sentem barulho não fogem, amarram-se, metem a cabeça debaixo das mãos da frente e ficam quietinhas, convencidas que ninguém dá com elas. Contou-me que numa vindima a *ti Rosa* andava a colher as uvas e viu uma, na sua toca, ao toro *duma* videira. Estava muito quieta, amarradinha. A *ti Rosa*, que usava uma saia comprida muito rodada, agachou-se em cima dela e apanhou-a viva, com a ajuda da sua saia rodada.

Reparei então que, afinal, o meu vestido era franzido na cintura e também tinha muita roda, por que não me teria ela avisado para eu apanhar a lebre viva? Levava-a para o pé dos coelhos mansos que a minha mãe tinha no *cortelho* e ia-se dar lá muito bem, e os meus irmãos? Iam gostar muito de ver uma lebre viva, já que só tinham visto lebres mortas.

Como que adivinhando os meus pensamentos a minha irmã explicou-me que não bastava ter uma saia rodada para apanhar a lebre, era preciso muita agilidade e rapidez, segurá-la com

força contra o chão para não se escapar, que as lebres são como as raposas, muito espertas e velozes.

Com o decorrer do tempo os dias foram ficando maiores, o Sol já ia alto e por isso já entrava nos lugares mais recônditos do pinheiral. Eu brincava e colhia os *bulharacos*, guardava-os no bolso do *bibe* para dar aos meus irmãos, para jogarem ao berlinde, no terreiro, com os outros rapazes.

Havia pelo meio do carvalhal uns pinheiros com a cúpula mais redonda, eram os mansos e davam umas pinhas fechadas, que aquecidas ao Sol, ou no forno de lenha da minha mãe, se abriam todas e deixavam cair uns pinhões pretos, que depois de lavados ficavam castanhos-claros. Serviam para jogarmos ao pinhão nos serões das noites longas de Inverno. Quando estavam secos partíamos-los e comíamos o seu miolo.

Nos ramos mais baixos dos pinheiros, mas sempre bem distante do limite do meu bracito, por vezes, via-se um ninho, tão bem feitinho, passava horas a observar, será que já nasceram os passarinhos? Era num culminar de felicidade que assistia à terna aparição da mãe com o *cibaco* na ponta do bico e via aquelas cabecitas alongando-se para fora do ninho, a receber o alimento, como de beijos de ternura se tratasse.

No final do tratamento, em que já não havia vestígios de tosse, porque o Sol trazia os seus raios mais quentes e o pólen fecundado tinha dado lugar aos belos frutos que se viam crescer, deixámos de vez o nosso recanto debaixo do pinheiro, onde a erva não vingara, devido ao amassar da manta de farrapos sobre a qual os nossos pés e corpos, sentados ou deitados, permaneceram até que a *coqueluche* passasse.



Avós - Mães com açúcar

Assim são designadas hoje em dia. Cada vez mais são estas mães com açúcar solicitadas para ajudarem na guarda e na educação dos netos.

Há quem diga que os avós servem para deseducar os netos!

Pode uma carrada de beijos e de abraços deseducar uma criança? Ou será que a entrada forçada na pastelaria, na livraria, ou até no Chinês, onde a mãe açucarada acaba por comprar aquele bolo de que ele gosta, o livro de pinturas que estava na montra, ou aquela bailarina cheia de brilhantes, que mal entrou na mochila logo perdeu o braço ou a cabeça, vai ter uma influência negativa no crescimento saudável de uma criança?

Se o maior defeito dos avós é deseducar, pois que seja. Que venham ter comigo os meus cinco favos de mel.

Recordo, com carinho, uma mãe com açúcar que viveu num tempo descontente e sem sossego, em que a miséria, a incompreensão e até os maus tratos não fizeram dela uma mulher amarga, mas sim doce e açucarada. Favos de mel tinha e muitos, aí uns trinta!

Foi a única mãe com açúcar que conheci em criança, a minha avó Abília, mas que valeu pelas duas.

Era uma mulher de média estatura, magra como quase todas as mulheres da época.

Com os seus sessenta e cinco anos de idade ela já aparentava ter uns oitenta e muitos.

O seu rosto fino, que deixava vislumbrar alguma beleza de tempos idos, como terra árida de sulcos profundos, assim eram as rugas do seu rosto tantos quantos foram os desgostos e sofrimentos que lhe rasgaram a alma.

Desiludida e entregue a si própria, nutria pelo seu companheiro de quarenta anos um desprezo profundo.

Cuidava dele como prometera um dia junto ao altar, mas amor, ou até amizade, esses sentimentos perderam-se por força das desfeitas e dos maus tratos a que a sujeitara toda uma vida. Mas aos filhos e principalmente aos netos ela dedicava todo o seu amor.

Como a maior parte das mães do seu tempo, com ou sem açúcar, foi uma mulher jovem, bonita e até mimada pelos pais. Com o casamento ganhou uma queira de filhos e uma carga de trabalhos.

O homem à época trabalhava no campo, ou na pastorícia e o meu avô tinha as duas profissões. Para além de pequeno agricultor, agricultura de subsistência, tinha cabras e ovelhas e logo que o primeiro filho arranhou pernas, não pensou em o mandar para a escola, mandou-o sim para o campo a guardar os animais.

Seguiram-se os mais novos e muito cedo começaram a ajudar na lida do campo e da casa.

A forma como o pai tratava os filhos, os maus tratos e os trabalhos a que ela própria fora sujeita, fizeram dela uma mulher doente e frágil, mas no seu regaço ela conseguia aconchegar os coraçõezinhos de todos os seus netos.

Por morarmos junto dela havia mais convivência diária e por isso eu e ela tínhamos uma afinidade e uma cumplicidade muito grande.

A sua casa era a minha casa, dormia quase sempre com ela no quarto escuro do lar, sem perceber muito bem por que é que o meu avô tinha de dormir no quarto da varanda para eu poder dormir com ela, acreditava que isso seria normal, cada um dormia com quem queria! E a minha avó certamente preferia dormir comigo.

Levantava-se muito cedo, acendia o lume, e preparava-me o almoço, para poder ir bem compostinha para a escola.

Não tinha estrelitas nem *chocapic* para me dar, mas fazia-me uma malga de sopas *escoadas* com alho e azeite e por vezes um ovinho escalfado, ou um cafezinho na panela de ferro, ao qual deitava uma brasa que retirava da lareira, muito bem *assoprada*, dizia ela que era para a borra do café ir para o fundo da panela, fazia-me uma grande torrada de pão centeio com unto do porco e quando havia o leite da cabra fervia-o muito bem e misturava-mo no café.

À minha irmã mais velha, que era muito má para comer e por isso muito franzina, a avó Abília, quando chegava o intervalo da manhã na escola primária, lá estava ela ao portão com um ovinho estrelado no prato azul de esmalte, ou uma maçã, ou uma pêra assada na lareira, para lhe aconchegar o estômago.

Depois das aulas, por volta das quatro e porque era a hora da merenda, íamos todos em romaria para a casa da avó.

Por ser uma prática usual, ela já estava preparada, a frigideira com uma grande omelete de ovos com presunto já estava escondida dentro da arca, para o meu avô não ver e começar a implicar, ou tirava um queijo da tábua que estava *dependurada* nas traves da cozinha, ou uma malga de marmelada.

Tudo o que tinha de bom guardava na arca de madeira que servia de escano e estava bem perto da laje onde acendia o lume.

Se não tivesse mais nada para nos dar fazia-nos umas torradas de pão centeio que untava com o unto do porco e punha-lhes uns pozinhos de açúcar por cima.

Quando a minha mãe lhe cozia uma fornada de pão, o tacho azul de esmalte cheio de pedaços de pão morno, molhado com azeite e açúcar, ou mel, lá estava à nossa espera.

Era uma mãe que destilava açúcar e mel, tinha sempre uma palavra amiga, era o nosso ponto de encontro, mas também o nosso porto de abrigo. Se algum dos netos entrava de rompão e se ia esconder no seu regaço, já sabia, vinha aí trovoadas.

Não raras foram as vezes que fugíamos para sua casa com receio dos castigos, merecidos ou não, que os mais velhos achavam por bem aplicar.

A partir do momento que caíssemos nos seus braços nada de mal nos poderia acontecer, franzina e de fraca estatura, mas com uma hostilidade tal para com o inimigo, que ninguém se atreveria a transpor a porta da sua casa.

Com o vassouro de giestas em punho e em bicos de pés, dissuadia o inimigo, que acabava por se afastar.

Enquanto a maré estivesse brava e não se visse acalmia por aquelas paragens não saíamos da sua beira, era sempre ela que, como quem não quer a coisa, se ia certificar que o mau tempo já tinha passado e que já podíamos regressar ao lar paterno.

Não obstante a forma como era criticada pelo marido, relativamente ao carinho e cuidado que nos dispensava, bem com à forma como despendia das fracas posses que tinha para nos alimentar a todos, a minha avó já não tinha medo dele. Raramente lhe respondia, encolhia os ombros e murmurava, “*deixai-o resmungar*”.

Os Netos

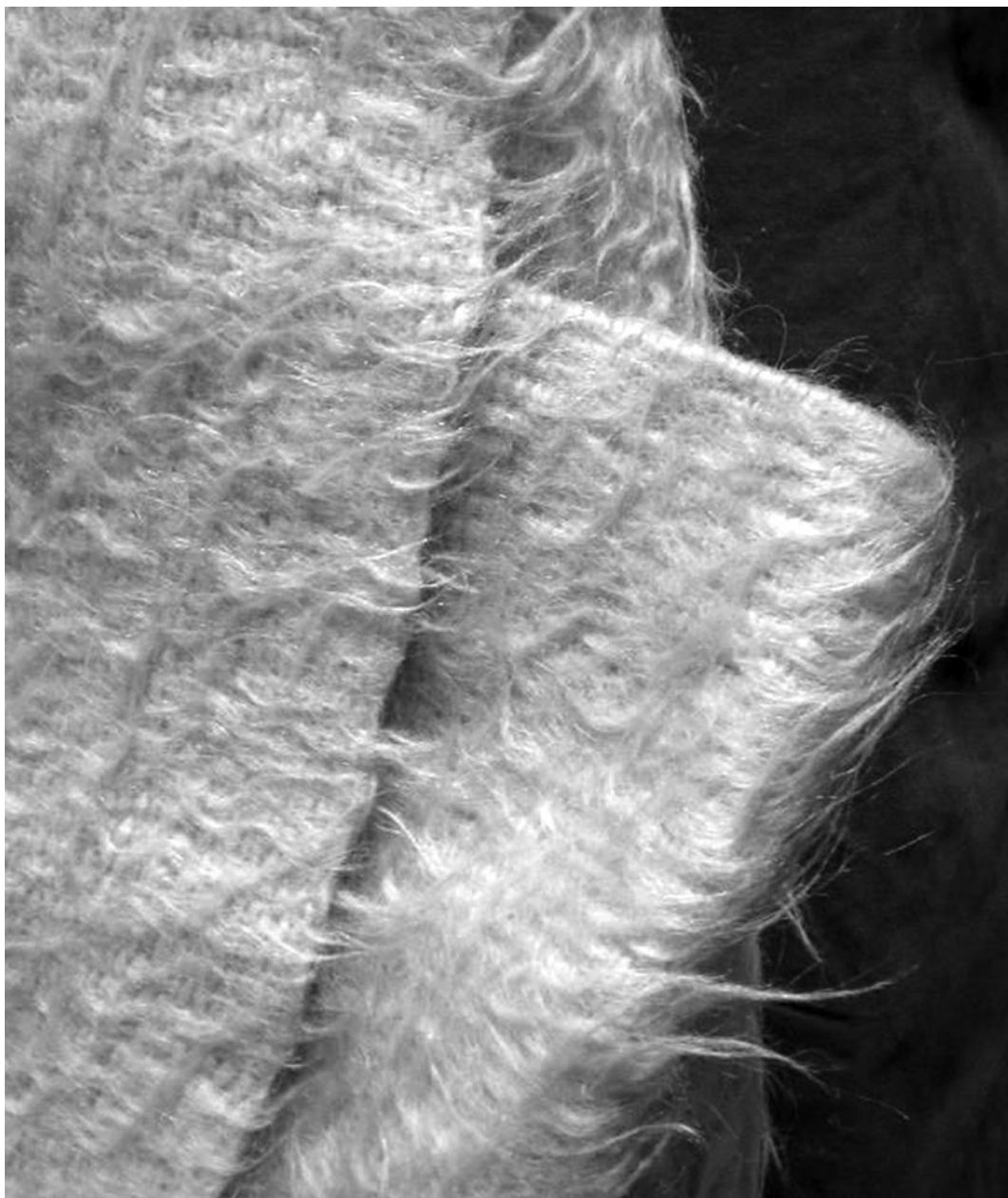
Os netos são filhos de quem mais amamos
A quem demos vida e educação
Da árvore florida são viçosos ramos
Dos troncos maduros são predileção.

Os netos são mãos cheias de esperança
Do voltar atrás, começar de novo
Entrega total, a feliz lembrança
Do tempo passado, a magia dum sonho.

Os netos são vida, são o acreditar
No renascimento de fortes afetos
Desejos constantes que fazem dobrar
O amor dos filhos através dos netos.

Como aragem branda os netos vão vindo
Um após o outro, que consolação
Retratos sagrados dos filhos queridos
Que os avós guardam no seu coração.

Pérolas formosas em conchas douradas
No seio de quem os ama e cuida
Lembranças perfeitas que serão guardadas
Por avós e netos p'ró resto da vida.



O Sarampo

O Sarampo atacava todas as casas das aldeias do nosso Nordeste.

Eram as crianças mais pequenas que, como por encanto, apareciam de manhã todas sarapintadas de vermelho. Milhões de borbulhinhas que de repente se apoderavam dum inocente, deixando-o prostrado, com febre e muita coceira.

Como o Serviço Nacional de Saúde era inexistente naquela época, eram as pessoas mais velhas que diagnosticavam e tratavam esta maldita doença.

E era maldita, não porque matasse com frequência, mas porque era dito e sabido que quando entrasse numa casa todos aqueles que lhe não eram imunes acabariam por padecer da doença.

Com a maior das naturalidades a avó prescrevia o remédio para o referido mal: *“Embrulha o garoto numa manta vermelha durante uma semana e isso passa-lhe”*.

A doença poderia não ser muito grave, mas a sua cura era sem dúvida um autêntico calvário. Despia-se o individuo, e era embrulhado numa áspera manta de lã de ovelha, que fora tingida com tinta vermelha.

A coceira do Sarampo já era insuportável, mas a que provocava a referida manta, em contacto com o corpo, tornava-a ainda mais dolorosa.

Mas não havia nada a fazer! O Sarampo era assim que se curava e as mantas de lã tingidas de cor vermelha eram indispensáveis em todas as casas.

Quando havia várias crianças na mesma casa, e todas elas com sarampo, pois era uma doença contagiosa, as ditas mantas eram pedidas emprestadas aos vizinhos, a fim de cada um ficar muito bem enrolado na sua.

Era difícil aguentar o calor da lareira, por isso no Inverno iam para a cama cedo, se fosse Verão colocavam-nos à sombra, de forma a poderem aguentar o calor da manta.

Passada uma semana as borbulhas apresentavam-se praticamente secas, era a altura de se lavarem muito bem lavados com água e sabão azul e de respirarem de alívio, pois de Sarampo jamais padeceriam.

Quando as crianças eram demasiado pequenas e com poucas defesas, acabavam por morrer. Se pertencia a uma família numerosa era frequente ouvir uma vizinha dizer: *“Fez-lhe Deus uma esmola, que lho levou para o Céu, ela já tem tantos”*.

Eram as meninas mais crescidinhas que se iam oferecer-se à família para irem pegar no caixãozinho da criança falecida. Aquele caixão pequenino, com quatro pegas, tinha em cada uma um lencinho de assoar que ficava como presente para quem o transportava.

Logo à entrada do cemitério havia um espaço próprio para enterrar os anjinhos. Eram umas campas pequeninas, onde gostávamos de ir colocar flores na Primavera, depois de sairmos da escola.



Os Bêbados

Em todas as aldeias transmontanas, nos anos cinquenta, sessenta, havia duas ou três tabernas.

Era aí que se vendia o arroz, o açúcar, o pimento, o sal grosso, a massa, os pregos e o vinho a copo.

Os produtos encontravam-se expostos em pequenas arcas de madeira descobertas, atrás do balcão e eram pesados na hora, numa balança decimal, em pequenos cartuxos de papel, pedaços de jornal, ou papel castanho de embrulho.

Encostada a um canto do balcão estava uma bandeja *encardida* com uma quantidade de copos mal lavados, os *pipinhos*, que por força de tanto servirem em vez de brancos eram amarelo-torrado.

As tabernas, como dizia o prof. Vilares, eram antros de perdição, era para ali que os pais de família levavam o pouco sustento que tinham para as suas crianças e onde alguns perdiam completamente o juízo.

O malefício do vinho a tudo permitia: conversas indecorosas, *alarvadas* de toda a espécie, falta de respeito de uns para com os outros e até para com os donos desses estabelecimentos.

A taberna, por norma, era um lugar escuro, pouco bafejado pelo sol e por força de tanta asneira se ouvir os próprios donos tornavam-se mal-humorados, com falta de paciência para aturar tanta *borracheira*.

Nesses tempos de miséria tudo faltava na maior parte das casas de família, as pessoas viviam das jeiras, que por sua vez escasseavam. Não havendo trabalho não havia dinheiro e, consequentemente, viviam muito para além do limiar da pobreza.

Diz o ditado que “*Em casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão*” e era isso mesmo o que acontecia. As necessidades faziam-se sentir mais prementes nas casas em que o chefe da família era amante do vinho e que, apanhando uns trocados, corria para a taberna a beber e a jogar.

A mulher e os filhos ficavam em casa atrás duns tições mal ardidados, muitas vezes cheios de fome.

Depois, bêbados e sem dinheiro, noite dentro, jogavam às cartas. À bisca, à vermelhinha, à sueca e ao chinchalhão.

Havia sempre os mais finórios que se aproveitavam das ocasiões e da miséria desses infelizes e acabavam por lhes ganhar uma oliveira na Cruzinha, um sobreiro na ladeira, a burra que tinha na *loje*, ou o porquito que tanto custara a criar, mas que iria roncar para outra porta no dia da matança.

Na casa do senhor Francisco Bigodes vivia-se com muita dificuldade, os cinco garotos, que cabiam todos debaixo dum cesto, passavam a vida a pedir pão à mãe, o Chico que era mais *atrevidote* com a sua voz esganiçada dizia:

- *Dezer* que estamos *p'ráqui* nós todos *esterlicados* com a fome, *quaisque* se nos dá o *fanico*, e ele vai-se a meter à taberna a encher-se de *binho* e de sei lá mais o quê! *Num* sei como *vossemecê* aguenta isto! Vá-se mas é à cama que se ele a apanha acordada ainda lhe *mõi* o bicho do ouvido.

-Vou eu e ides vós, que já são horas.

Levantando-se do banquito de cortiça onde estava enroscada ia murmurando:

- *Conho!* Deixa que *p'rá* semana já cozo uma fornada de pão e *hei-de-vos* encher de bolas.

A Maria, que era a mais velha, já começava a compreender as conversas que o casal tinha logo de manhã, sim, porque à noite ninguém podia falar para o Chico, era o vinho que falava por ele, dizia à mãe:

- Oh...minha mãe, está-nos sempre a enganar com essas promessas, pensa que eu *num* a ouvi ralar com o pai logo de manhã, porque gastava tudo em *binho* e que nos tinha aqui a morrer de fome? Se *num* fosse a *ti* Marquinhas e a avó já tínhamos embarcado todos. A *ti* Marquinhas *num* dá o soro aos cães *p'ra* no-lo trazer a nós, pensa que o *ti* João gosta muito? *Num* gosta, *num* senhor, a avó, essa, deixa de o comer *p'ra* nos trazer a nós o que tem e o que lhe dão.

- Deixa lá filha, quando vierem as *mondas* hei-de ir à jeira e ganhar um bom dinheiro *p'ra* comprar uns sacos de centeio, mando-o moer no moinho e depois sim, já posso cozer umas fornadas de pão.

- *Bó*, nessa altura já nem se pode *amarrar*, vai-lhe acontecer como no ano passado, a barriga vai-lhe a crescer e depois? *Num* a querem nas *mondas*, *num* é?

- *P'ró* ano quem vai às *mondas* sou eu, *atão* *num* vê que já estou a acabar a 4^a. Classe? Quando sair da escola faço os 12 anos, já posso ir à jeira, e *num* é só às *mondas*. E a azeitona? Vou ao que calhar, *inda* havemos de ter fartura de pão e de outras coisas. *Chiça*, *inda* não é a fome que me apoquentas mais, mas os maus tratos que o pai lhe dá a si e a nós quando está *borracho*. Às noites, quando vem, nós já estamos a dormir, já nem ouvimos o que ele lhe diz, mas *num* devem ser coisas bonitas! E ao Domingo à noitinha? Quando o vejo vir rua abaixo a *enderençar* duma ponta da rua *p'rá* outra, fico toda a tremer, eu e *vossemecê*, que eu bem vejo. *Inda* no Domingo passado, *vossemecê* fez aquela panelinha de milhos, que lhos *dou* a *ti* Adelina, estávamos todos a lamber os beiços à espera que *os* *lançasse p'rá*refecerem, vai ele sem saber porquê, dá um pontapé na panela e lá foram os milhos *p'ró* meio da cinza. Ficamos como quem *ceva* e *num* mata, *tamém*, com a galga que estávamos, nem nos levou o sono, toda a noite a barriga a dar horas.

- Deixa que na Segunda de manhã *tamém* ouviu o que *num* quis, li-lhe bem a *pangelíngua*.

-*Arre* diabo! Parece que *num* aprende minha mãe, quantas vezes já lhe fez o sermão? Amua, mas olhe que *num* muda! *Num* lhe diz que *num* volta *p'rá* taberna, pois não? E quando foi dos Lázarus? Só porque nos pusemos todos a lacrimejar, depois de *botar* o nosso caldo aos cães, *inda* nos bateu. *Vossemecê*, como sempre, foi a que levou mais, pudera, mete-se à nossa frente e

depois apanhas todas, as suas e as nossas. *Catano*, às vezes até lhe tenho raiva, se *num* fosse meu pai... Onde já se viu! Se o *ti* Adriano e a *ti* Perpétua *num* nos ouvissem gritar e nos viessem acudir, *num sei* o que seria.

- Ainda bem que respeitou o *ti* Adriano!

- Até um dia que o *bote* das escadas abaixo, como fez ao avô, lembra-se minha mãe? Coitadinho do avô, meteu-se à sua frente *p'ra num* lhe deixar bater, *dou-lhe* um empurrão que o fez cair *p'las* escadas abaixo, ficou todo desconjuntado das costas, *inda* teve que ir à Horta, ao *endireita*. *Tamém* o avô ficou-lhe com uma *sapeira*, nunca mais falou com ele. Mas pensa que o pai lhe pediu desculpa? É o pedes, se calhar *inda* pensa que tem razão. Bate em *vossemecê*, bate em nós, trata mal a avó. Quando for grande e tiver idade *p'ra* namorar hei-de ter o olho bem aberto, se vir que o meu namorado gosta de *binho*, largo-o logo.

- E fazes bem minha filha, não há maior desgraça do que casar com um *borrachão* que *num* se importa com nada nem *cum* ninguém. Mas ele *num* era assim, enquanto namoramos nunca o vi bêbado, mas lembra-me bem da primeira *data* que me deu, andava grávida de ti, já no fim do tempo, nem sei como *num* nos matou, foram pontapés por onde calhou, bofetadas, olha que nem reparou no estado em que eu estava.

- Nessa altura a mãe devia-o ter deixado, ia *p'ra* casa dos avós, mesmo que eu nascesse era melhor criar só uma filha do que uma *queira* deles. Ai, minha mãe, desculpe, até me estou a esquecer dos meus irmãos. Sabe que eu gosto muito deles todos, até desse que vai nascer e que *inda num* o conheço.

- Eu sei filha! E tu tens razão, não foi nada que *num* me passasse pela cabeça, *inda* fui a falar com o teu avô, a ver se me lá aceitava em casa, mas sabes como eram os antigos, disse-me logo que o lugar da mulher é ao pé do homem, que *num* me tinha obrigado a casar, vê lá que até me disse: “*Se te bateu, bateu naquilo que é dele*”. Se os arrependidos fossem ao Céu ele já lá estava. Nunca pensou que nos fosse a dar esta vida, e a tua avó? Não há dia nenhum que o não culpe pelo meu calvário, agora é tarde, aonde eu havia de ir com esta *queira* de filhos?

- Às vezes peço a Nossa Senhora *p'ra* que o tempo passe depressa *p'ra* eu ser grande e os manos *tamém*, até sonho que eles já têm muita força e seguram-lhe os braços *p'ra num* lhe deixar bater.

- Deus queira que até lá ele deixe este maldito vício.

- Era bom *p'ra* ele e *p'ra* nós, olhe que ele às vezes *tamém* as ouve boas, as pessoas *num* lhe têm respeito nenhum. E quando foi da malhada do *ti* João? Lembra-se? Ele à merenda meteu-se na *pinga*, *tamém num* fazia mais nada senão ir-se ao garrafão, começou a implicar com o Cândido da *ti* Maria, por causa do saco que estava preso à malhadeira, este fartou-se de o ouvir resmungar, vai daí, atirou-lhe com o *ingaço* à cabeça. *Carambas*, o susto que apanhámos, o sangue *esguichava p'rá* palha, parecia que tinham aberto uma torneira, *inda* levou cinco pontos! O pai dizia que ia meter o Cândido em tribunal, *inda* chegou a fazer queixa dele?

- Não, que ele *tamém num* é burro, havia muitas testemunhas que iam *a* dizer que foi ele que teve a culpa, depois, *p'ra* se ir *p'ra* tribunal é preciso dinheiro *p'ra* pagar aos advogados. Onde é que ele o tinha? Ficou tudo na mesma, pelo menos, com o rapaz não se volta a meter.

- Pois não, mas mete-se com quem calha, às vezes até com as *pitãs* que andam na rua se mete. No outro Domingo vinha rua abaixo, bêbado que nem um cacho e trazia um pau na mão, se calhar já vinha armado *p'ra* nos bater, andavam na rua as *pitãs* da *ti* Joana, deu uma *acanhogada* numa que ficou logo ali *estiraçada* no chão. Diz que *tamém* ficou bem composto de nomes, tratou-o tão mal, de *borrachão* a *bardino*, que *num* merecia a família que tinha, disse-lhe tudo, foi o que foi. *P'ró* outro dia a *ti* Joana chamou-nos lá a casa, quando vínhamos da escola, deu-nos a *pita* guisada com batatas. Mas também nos disse, que se *num* tivesse medo que ele lhe metesse os dentes até era capaz de *nos* a dar cá *p'ra* casa *p'ra* comermos todos mas, pelo sim e pelo não, o melhor era comermos lá em casa dela. *Num* sei se será pecado minha mãe, mas quando estava a comer ainda pensei, *inda* bem que o pai matou a *pita* da *ti* Joana. Mas deixe que esta sina *num* é só nossa. Encontrei a *ti* Albina Canhota na fonte da Oleira, estava a chorar muito e a dizer à *ti* Alzira que o *home* dela, o Armandinho, ontem à noite tinha perdido a burra Branca na batota e que logo de manhã cedo o Malhadas lha veio *a tocar* à *loje*. Coitadinha dela e da burra! Disse quem viu que até metiam dó, a pobre da dona gritava agarrada à burra e esta que *num* falava, mas que *tamém* estava a chorar, *vossemecê* acredita?

- *Num* sei se a burra chorava, mas de certeza que ia triste, sabes que os animais *tamém* percebem certas coisas e às vezes são mais nossos amigos do que certas bestas que andam por aí. E esse Malhadas é lindo! Está sempre à coca, a ver se apanha o que é dos outros, é um dos amigalhaços do teu pai, mas por aí podemos estar sossegadas, só se lhe ganhar os *socos*, mas *tamém num* lhos quer, já estão gastos.

- Sabe o que eu mais queria? Que acabassem as férias e começasse outra vez a escola, *p'ra num* passarmos tanta fome. Eu, o Carlos e o *Manel* vamos *a* comer à cantina, aquele caldinho de feijão seco com massa grossa e verdura, até consola! E aquele pão que vem da América e o queijo das latas? A senhora Julieta, a mim, dá-me sempre o bocado maior.

- Pois dá, coitada! E que Deus lho agradeça, ela bem sabe que tu não o comes, mete-lo na *saquita* e à tarde já estão as duas pequenas à tua espera, como quem espera por Deus.

- Ai, minha mãe, os olhitos delas até se riem, eu só tenho medo que os americanos se esqueçam de mandar a farinha, o queijo e também o leite em pó aqui *p'ros* pobres, se assim há fome, *atão* é que seria, mas olhe que *inda* há aí alguns que são mais pobres do que nós, os Rebolos! Esses, por onde passam levam tudo *d'afeito*, as *coubes*, as cebolas, os tomates, nas hortas voa tudo. As *pitãs* que desaparecem à *ti* Joaquina diz que foram eles que as roubaram. Sabe o que disse a garota mais nova há dias *p'rá ti* Maria? Que tinham comido *pita* assada, que a roubou o pai na seara.

- Pois é filha, olha que ser pobre *num* é defeito e quem sabe, talvez um dia ainda possamos viver melhor, agora a vida de ladrão é curta, mais dia, menos dia, são apanhados, olha o Chico

Rato que o ano passado foi apanhado a roubar os molhos do rilheiro do *ti* Tonho, que vergonha! Obrigou-o a trazer-lhos aqui à porta, *p'ra* que toda a gente visse, e *inda* por cima encheu-lhe o corpo de ladrão. É muito triste e muito feio ter essa sina, *p'ra* mais, quem tem as coisas bem sabe que as tem e já lhe deram muito trabalho e despesa.

- Eu cá nunca roubei nada a ninguém, mas a minha saca na escola está sempre debaixo *d'olho*. Há algumas que nos recreios, enquanto estão entretidas a jogar à macaca, assaltam-lhe as saquitas e roubam-lhe a merenda, é raro o dia que *num* se vão a queixar à professora.

- É a fome filha, maldita fome. Vá, ajuda-me aqui, são horas de fazermos a ceia. Põe as panelas de ferro cheias de água, uma de cada lado da fogueira. Deram-me umas poucas de batatas, são pequenas, mas cozemo-las com a casca, *p'ró* caldo, apanhei umas *acelgas* ao pé do ribeiro e faz de conta que são as *coubes*, meto-lhe um bocadinho de unto *p'ró* temperar, porque o azeite já se acabou.

Os bêbados

Em casas feitas barro
Cobertas de telha vã
Entre taipas e sobrados
Vivia gente cristá.

Por debaixo dos sobrados
Viviam os animais
Porcos, galinhas e burros
E dejectos nos currais.

A pouca roupa que tinham
Secavam junto à lareira
Para irem limpos à escola
Pobres sem eira nem beiram.

Por vezes faltava o pão
E com fome se deitavam
Sem saber qual a razão
Por tudo e nada ralhavam.

Os homens usavam socos
Vestiam grosso burel
Carregavam nomes simples
João, António, Manuel.

As mulheres vestiam chitas
De remendos já cobertas
E lenços pretos de merino
Apertados nas cabeças.

Nas ruas cheias de lama
Ou na neve a derreter
Viam-se várias pegadas
Duns pézinhos a correr.



Os Ciganos

Há umas décadas atrás a maior parte da população das aldeias transmontanas vivia no limiar da pobreza, com poucos recursos, sem água canalizada, sem luz elétrica e saneamento. As casas eram pequenas para o número de pessoas que as habitavam. As crianças dormiam várias na mesma cama, umas para a cabeceira, outras para os pés.

Se a vida era tão difícil para a população aldeana, os ciganos, nesse tempo, viviam muito para além do limiar da pobreza, da caridade e das esmolas dos que pouco tinham e por isso não podiam dar muito.

Não tinham morada certa. Andavam de terra em terra, ficavam acomodados nos palheiros, ou nos currais de pessoas que, de coração condoído pela miséria, os acolhiam e ali os deixavam pernoitar, a eles e aos seus animais, abrigados da chuva e do frio, durante o tempo que por ali permaneciam.

Por norma, as famílias ciganas eram numerosas. O seu agregado familiar não se cingia apenas ao casal e aos filhos. Não descuravam nunca os seus idosos, por isso, para onde se deslocassem, faziam-se acompanhar pelos pais de ambos, ou tios mais velhos.

Eram as mulheres mais velhas, que já não podiam trabalhar, as mais bem-sucedidas na prática de mendigar.

Ninguém teria coragem de lhe dizer “*vá trabalhar*”.

Eram mulheres sofridas que, pela vida difícil que levaram, aparentavam sempre mais idade do que aquela que tinham.

Mal chegavam ao pé da porta chamavam pela dona da casa, ao mesmo tempo que enrolando a sua saia cumprida às pernas se sentavam ao fundo das escadas, e às vezes até no chão, mostrando-se muito cansadas, com diversos queixumes relacionados com as agruras daquela sina que Deus lhe dera, e que decerto não fizera por merecer.

Quantas mais mulheres viessem no grupo melhor, eram elas que pediam esmola de porta em porta.

Umaz batatinhas, uma pinga de azeite, um pedacinho de *chicha* gorda, uma côdea de pão, qualquer coisa que servisse para matar a fome.

As mais novas traziam consigo os filhos, garotos mal agasalhados e às vezes descalços.

Eram as crianças e as mulheres mais velhas que mais se queixavam enquanto pediam. Com voz lastimosa iam apresentando as suas queixas:

- Ainda não comi nada hoje. O garoto está cheio de fome. Veja se tem aí uns farrapinhos dos seus meninos, olhe *p'ra* ele, está geladinho.

Perante estes argumentos e esta insistência a dona da casa ia à cozinha, ou à adega e trazia alguma coisa que colocava no regaço da cigana, um bocado de pão, uma malga de *gradura*, um caldo de batatas, ou uma pinga de azeite.

Mas também havia aqueles que, espreitando pelo *janeloco* do casebre, ou pela frincha da

porta os despachavam com “*Nosso Senhor a favoreça*”, que era o mesmo que dizer, não tenciono, ou não posso dar-lhe nada.

Quando a esmola era um pouco mais avultada, a cigana tirava do bolso fundo da sua saia um atadilho de cinco agulhas, que serviam para fazer as meias, e dava-as à dona da casa, como sinal de reconhecimento.

Depois de um dia calcorreando as ruas da aldeia, regressavam ao abrigo, onde eram esperadas pelos reparigos e pelos homens, de barrigas vazias, na esperança de que do regaço da cigana saísse alguma coisa que lhes pudesse matar a fome.

Os homens passavam o dia nas tabernas, com a esperança de que aqueles que a frequentavam tivessem algum burro, ou macho, para trocar ou vender, e daí, com essas comercializações, pudessem ganhar uns trocados.

De entre os ciganos que se deslocavam para a Serra, na Primavera, havia uma que, pelas suas características, me marcou. Era a Mercês.

Era uma mulher pequenina, de cara redonda e bem roliça. Por ser portadora de alguma deficiência mental e ter a inocência duma criança, a minha mãe acolhia-a, com pena, mas com muito carinho.

Quando chegava ao início da rua, chamava:

- *Sinhola Malia! Ó sinhola Malia*, tenho medo dos cães.

Tinha que a ir buscar. Subia a escada com alguma dificuldade, devido às roupas compridas que usava e a uma sacola encardida que trazia dependurada no braço e que ia arrastando pela escada.

Sentava-se no último degrau contíguo à varanda, e aí permanecia.

Quando a minha mãe lhe perguntava se tinha fome ela respondia-lhe:

- Fome *num* tenho, mas estou tão *engoniada*. *Ó sinhola Malia*, sabe *cum* que *passava-me* isto, *cum choulicinho* doce.

Era triste, falava sempre como se estivesse a soluçar.

Também ela pernoitava nesses palheiros, ou nalgum cabanal onde se enrolava no xaile, no meio da palha.

Consta-se que numa dessas noites, ao regressar ao palheiro onde iria dormir, alguém a esperava. Sem ter ninguém que lhe pudesse valer foi vítima de abuso sexual e devido à sua fraca capacidade de discernimento, nunca soube explicar o que lhe acontecera.

Com o passar dos meses a barriga foi crescendo e as pessoas foram dizendo à Mercês que estava grávida e que ira ter uma criança.

Primeiro dizia que *num* sabia, depois encolhia os ombros, e com a maior das naturalidades respondia:

- Já tem nome. Se for menino, é *sinhol Flancisco* e se for menina é *Sinhola Telesa*.

Devido à sua deficiência as pessoas tinham pena dela, era sem dúvida a cigana que levava o regaço mais recheado para o abrigo, onde a esperavam outros ciganos.

Quando numa manhã de Primavera, a minha mãe foi buscar a Mercês ao fundo da rua, por causa dos cães, deparou-se com a cigana e um *brejoeiro* barrigudo, que podia ser o pai dela.

Perguntou-lhe, quem era aquele homem que vinha com ela. Respondeu-lhe apenas que era o seu *Balel* e que *tamém* ia a ter um menino, apontando-lhe para a barriga, que o seu *Balel tamém* estava *glavido*, mas que os *tlapinhos* que lhe tinham dado, que eram para o bebé dela.

Vi a indignação e preocupação da minha mãe através dos raios e coriscos que lançou contra o anormal que a colocou naquela situação e levantando os braços ao céu exclamou:

- O que vai ser desta criança?!

Naquela altura não existia nenhum tipo de assistência social, mesmo sendo inimputável a Mercês carregou aquela criança no ventre e no colo durante todo o tempo.

O *Sinhol Flancisco* da Mercês nasceu, e foi crescendo de porta em porta, sempre *escarranchado* nas costas da mãe. Mal chegava a uma porta sentava-se, cansada e sem fôlego. O garoto saltava para o colo e *chuchava* na mama seca da mãe, enquanto esta mendigava e chorava a sua sorte.

Quando começou a comer ela guardava tudo o que lhe davam *p'lo sinhol Flancisco*.

Quanto ao seu *Balel* nunca conseguiu dar relação dele. Umás vezes dizia que tinha morrido, outras vezes que tinha fugido com outra cigana. Certo é que nunca se soube mais nada dele.

A Cigana

Era de fraca estatura
Perna curta torneada
De cara larga, branquinha
Andava sempre corada.

Andava de porta em porta
Tristonha pedia esmola
No braço dependurada
Trazia grande sacola

“*Viva lá sinhola Malia
Há muito que aqui num bim
Dê-me lá uma esmolinha
Tenha peninha de mim*”

*“Já dois dias que num como
Nem um figuinho que fosse
Ando tão ingoniada
Dê-me um choulicinho doce”.*

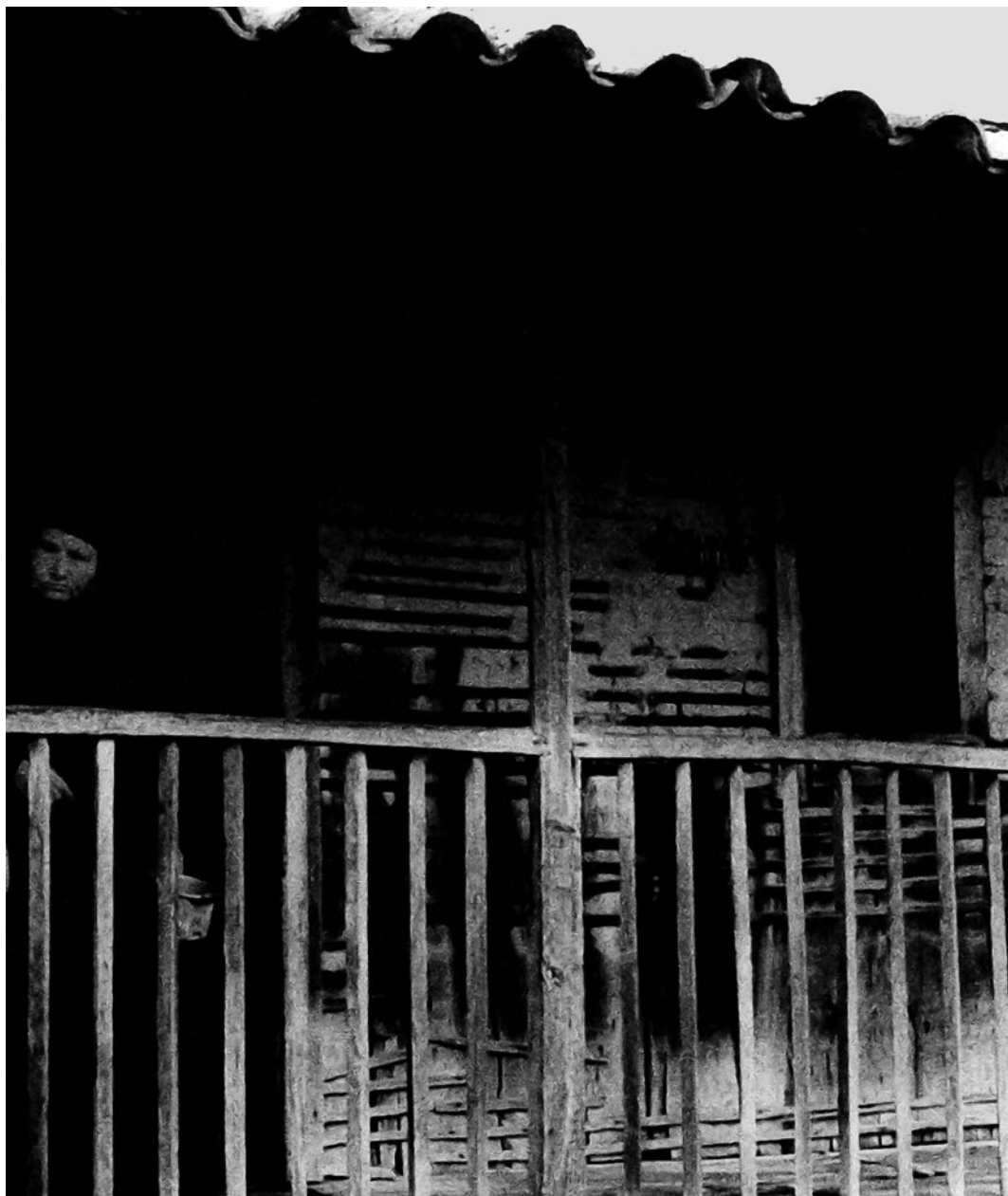
Era assim essa Mercês
Sua ingenuidade era tanta
Que viveu toda uma vida
Com a alma duma criança.

Passou fome, passou frio
Abusada ela pariu
Um filho de qualquer um
Que só para isso serviu.

Com seu menino ao colo
Arrastava sua Cruz
Parecia que pesava
Tanto ou mais que a de Jesus.

Tudo se cria alguém disse
Mesmo sem nada, tão pobre
Cresceu com a ajuda de Deus
Um homem honrado e nobre

Passaram meses e anos
A Mercês que é feito dela
Vive em casa de seu filho
É velhinha, ele cuida dela.



As Bruxas

Tempos houve em que, devido à falta de formação e informação, as pessoas eram susceptíveis de acreditar no sobrenatural e até no surreal.

No meio rural, onde as pessoas nasciam, se criavam e ali permaneciam até à morte, os seus horizontes eram limitados àquele pequeno torrão, às vivências e costumes dos que lhe antecederam.

Viviam desprovidos de qualquer tipo de informação do exterior, onde já havia algum progresso, mas do qual não tinham conhecimento. O seu mundo estava confinado àquele espaço.

Aldeias pequenas, no meio de fragas, com pequenos regatos de água, que acabavam por secar no Verão, tornando-se estes lugares pouco atractivos.

Nos longos Invernos, com dias pequenos e muito frios, sobrepunha-se a noite interminável, ainda mais fria, sombria, duma escuridão aterradora.

Havia necessidade de tornar os dias e as noites menos monótonos, nem que para isso tivessem que recorrer à sua própria criatividade, ou à pura invenção.

Invenção na maior parte das vezes maldosa, em que os protagonistas eram sempre pessoas malformadas e medíocres, desprovidas de quaisquer valores.

Havia ainda aquelas pessoas, mais ingénuas, que acreditavam porque queriam acreditar simplesmente, pessoas fracas, que se agarravam a certas crendices, como sendo a melhor forma de se protegerem ou de protegerem os seus.

Neste tipo de invenção maldosa entravam as pobres bruxas das nossas aldeias.

Normalmente tratava-se de mulheres pouco dadas a conversas, eram pessoas retraídas, com fraca auto-estima, que se isolavam e por medo não frequentavam a Igreja, nem os soalheiros.

Não sendo pessoas sociáveis viam-se muitas vezes a espreitar no *postigo* da porta, como quem tem pavor de enfrentar o mundo.

Havia uma no bairro do Antão. Mulher baixa e gorda, dotada de poucos atractivos físicos, para piorar a situação era dona e possuidora dum farfalhudo bigode preto, que lhe dava uma aparência masculina e por isso alguns lhe chamavam a *zangoa*.

Não tinha filhos e os sobrinhos e irmãos raramente se abeiravam da sua casa.

Casara já tarde, com um *brejoeiro* qualquer que aparecera por ali e de quem pouco ou nada se sabia. Sabe-se apenas que era amante do vinho.

Ela herdara uma pequena vinha por morte dos pais e era lá que ele passava parte dos dias a cuidar das cepas, para produzir o vinho que tanto apreciava.

No Inverno anoitecia muito cedo e era de noite que todos os agoiros se uniam para tramar os que, por necessidade, ou por gosto, tinham que andar na rua.

Quando a cozedura do pão se prolongava noite dentro, era ver as mulheres saírem do forno, com a canastra de pão à cabeça, num passo apressado, como que a fugir de algum mau-

olhado ou *agouro*, capaz de impossibilitar que aquele pãozinho fosse comido com saúde por si e por todos os seus, ou então que o mesmo se acabasse sem que tivesse outro saquito de grão para dar ao moleiro.

Quando os homens regressavam a casa, vindos das tabernas e a cair de bêbados e não tinham equilíbrio capaz de se manterem de pé, era a bruxa que os impedia de caminhar direitos, empurrando-os contra as paredes, acabando por caírem e por vezes dormirem à geadada, até que alguém os procurasse, ou os encontrasse por acaso.

Se nalgum destes arremessos espantava galo ou galinha, que dormira fora do galinheiro e corria em direção à porta da bruxa, era certo e sabido que não se tratava de um animal, mas sim da bruxa, que se transformara num galináceo, só para o atormentar naquela hora.

Quando no cruzamento de vários caminhos se levantava poeira, com a força do vento, eram as bruxas que se juntavam nas encruzilhadas e ali dançavam freneticamente, com a intenção de lhe espantar a cria. Atiravam com a *aguilhada* para o meio do caminho chamando-lhe nomes feios, capazes de as fazer corar.

E nas fontes de mergulho? Era ver as pobres mulheres, debruçadas sobre a fonte a encher o cântaro de água e a confundir o *ronco* desesperado do seu estômago vazio com os *chocalhinhos* que as bruxas usavam nas suas folias da meia-noite e que agora ressoavam bem no fundo da fonte!

E o porco que morreu à *ti* Laurinda? Esse encontrou-se doente depois da bruxa do Antão passar ali, logo calhou estar a porta da *loje* aberta, enquanto a dona lhe enchia o *masseirão* de comida.

Os burros? Esses matava-os ela só com o olhar. Certo! Todos os que ela fixava definhavam e morriam.

Qualquer caçador que passasse de arma ao ombro perto da casa da bruxa do Antão, se tinha o azar de ser visto por ela, era certo e sabido que nesse dia não mataria nada e no regresso a casa havia aquela bela desculpa:

- Viu-me sair a malvada da bruxa! Logo vi que *num* ia matar nada!

Que trabalhadeira dava tocar a porca ao berrão. Não ficou *coberta*? Foi a bruxa que lhe deitou um feitiço. Tinham de a levar lá novamente, mas bem de madrugada, antes que a bruxa se levantasse.

A garotada depressa aprendia a cruzar os dedos atrás das costas se a bruxa se aproximava, ou se a viam ao longe.

Morreu de velha na sua casa escura. Tão escura como a sua pobre alma viveu durante toda uma vida, sentindo-se discriminada, odiada, repudiada pelo seu semelhante.

Ao enterro, para além do Padre, acompanharam-na poucas almas piedosas e algum familiar, que não sendo afastado, viveu dela afastado o mais que pôde.



A Zorra

Na casa grande vivia o Morgadinho com a mulher, as cinco filhas do casal e duas criadas, a velha Maria que já tinha trabalhado para os pais do Morgado e o tinha criado, como ela dizia, e a Idalina, que tinha ido para lá ainda menina, a pedido do feitor da casa, que era seu tio.

Dizia-se à boca cheia que o Morgadinho tinha por ali irmãos e irmãs arranjados pela *curjidade* nas criadas e *jeireiras* que pela quinta tinham passado.

A Idalina era moça para quinze anos quando foi contratada para ajudar a velha Maria.

Ali cresceu e se transformou numa bela moça, de olhar fino e bem constituída de peito e de perna.

A mulher do Morgadinho, dona Isabel, era de estatura alta e seca, era uma mulher muito elegante, tinha tido uma educação esmerada, filha do médico da terra, andou a estudar na cidade do Porto com outras meninas da Vila, mas numas férias do Verão encantou-se pelo Morgadinho e casou muito cedo, ainda não tinha os dezoito anos feitos.

As filhas foram nascendo umas atrás das outras, o que a obrigaram a tornar-se numa verdadeira dona de casa, chegando a juntar dois berços no quarto onde dormiam.

Na quinta vivia ainda o feitor da casa, com a sua família, homem para os seus cinquenta anos, que ali criara os filhos e já *cirandavam* por ali uns pequenos que eram seus netos.

A Idalina, a criada mais nova, era a única filha de Margarida, irmã do feitor, que por ter ficado viúva cedo vivia com muitas dificuldades. Valera-lhe sempre a ajuda do irmão, que lhe dava alguns produtos que colhiam na quinta do patrão e que, na calada da noite, a cunhada embrulhava no avental e à *escapula* lhe levava para as duas matarem a fome.

Foi a pedido do tio que a dona Isabel admitiu a pequena ao seu serviço, com todas as recomendações de que a Idalina era discreta, limpa e séria, principalmente séria, como a mãe, a quem ninguém tinha nada a apontar, não obstante ter ficado viúva muito nova.

A casa grande era a maior e mais bonita de todo o concelho, dizia-se que o avô do Morgado estivera emigrado no Brasil e que ganhara por lá muito dinheiro, quando regressou quis fazer ver aos seus amigos e familiares pobres, pois era filho de um sapateiro.

Comprou uma grande quantidade de terrenos, hortas, olivais, lameiros e foi na zona norte dessas terras que construiu a casa grande, com uma capela, muitos quartos e várias salas, sala de refeições, sala de costura, sala de estar, etc.

Equipou a sua casa do bom e do melhor, à moda brasileira, permitindo-se, já na altura, a confortos que deixavam os seus conterrâneos de boca aberta.

Todos os aposentos da casa grande tinham aquecimento central e tinha um criado só para tratar da caldeira que funcionava a lenha.

Quando aqui se instalou, ele a mulher e o seu único filho, tinha várias criadas, de quartos, cozinheiras, lavadeiras, engomadeira e uma costureira.

Nos arredores da casa grande mandou construir grandes armazéns para guardar os produtos e alfaías agrícolas, ao lado construiu o lagar do azeite e os lagares do vinho.

No lado poente mandou construir a casa para o feitor e mais abaixo uma mais pequena, que seria para o pastor.

Da janela do seu quarto ele conseguia vislumbrar a maior parte das suas terras, olivais, amendoeais, os seus pomares, onde predominavam as figueiras e as laranjeiras. Nos dias claros de Primavera e Verão conseguia ver os seus rebanhos nos lameiros a pastar, ou debaixo das oliveiras velhas, a comerem a sua rama.

O Morgado, filho do brasileiro, como lhe chamavam e o Morgadinho, seu neto, conservaram a herança que receberam, comprando ainda mais alguns *casais* que foram postos à venda por herdeiros que abandonaram a Vila para se instalarem nos grandes centros.

Era o nosso Morgadinho dono e senhor de grandes terras.

Homem com poder, alguma instrução e muito respeitado. Não fosse ele o maior empregador desta localidade que através das jeiras permitia sustentar muitas famílias.

A mulher, dona Isabel, era uma senhora muito querida nesta localidade. Desde menina que se fazia notar pela sua bondade, herdou do seu pai esta grande virtude, a quem apelidavam como “*o médico dos pobres*”.

Não havia órfão, ou viúva, a quem ela não acudisse nas suas necessidades, com uma panela de batatas, uma azeiteira de azeite, *gradura*, até as roupas das suas filhas, quando já não lhe serviam, ou estavam mais usadas, ela mandava entregar na escola, para poderem ser usadas pelas meninas mais pobres.

Embora tenha sido criada com muito mimo pelos pais cedo se transformou numa mulher, aos trinta anos e com cinco filhas sabia muito bem o que era passar noites sem dormir, mudar *cueiros* e *envoltas* e os *lençolitos* dos berços molhados. Não confiava as suas meninas às criadas, uma por ser velha demais, a outra porque era muito jovem e inexperiente e também sabia que ambas andavam sempre ocupadas com os trabalhos da casa grande.

Não obstante o pouco tempo que lhe restava, sempre se preocupou com a sua aparência, sempre muito aseada e bem vestida, de cabelo apanhado, percorria todos aqueles aposentos várias vezes ao dia, num porte altivo mas delicado, acudindo a todas as solicitudes do marido, das filhas e dos criados.

Idalina tornou-se numa mulher muito atraente, foi dar com ela várias vezes ao espelho a frisar bem as ondas do seu cabelo loiro e sempre que podia retirava a farda, fazendo sobressair o seu seio avantajado e alvo.

Muitas vezes dona Isabel brincou com Idalina:

- Anda para aí *moiro* na costa, enfeitas-te muito Idalina!

Ela corava, mas nada dizia!

Quem notou os bons dotes da rapariga foi o Morgadinho que sempre que passava por ela nos corredores lhe mandava um piropo, ou uma palmadinha no rabo.

Ao início ela corava, refilava e fugia.

Com o decorrer do tempo a confiança e os avanços do patrão foram convencendo a Idalina, que acabou por ceder.

Sentia-se a maior culpada naquela relação, todos os dias dizia a si mesma que o que sentia era pecado, que não podia permitir-se a tais desvarios, que dona Isabel não merecia o que lhe andavam a fazer e a mãe e o tio nunca lhe iriam perdoar!

Mas havia sempre forma de o Morgadinho se encontrar com ela às escondidas, mandava-a limpar o armazém, buscar o azeite ao lagar, ou para o campo apanhar as laranjas, as ameixas, ou os figos, sempre com a intenção de se encontrarem a sós.

Idalina começou a aperceber-se de que já falavam dela e do patrão. Maria, a criada velha, já lhe falava com maus modos, e dizia-lhe várias vezes que devia ter vergonha do que andava a fazer!

Com o tempo e com todas estas recriminações ela começou a perder a euforia inicial, esquivando-se aos avanços do patrão. Uma onda de remorsos apoderou-se dela ao ponto de não lhe apetecer comer, nem tão pouco dormir, às vezes caía-lhe mal a comida no estômago e vomitava.

Dona Isabel andava preocupada, não sabia o que se estava a passar com a sua Idalina, era assim tratada carinhosamente pela patroa, mas Maria, mais velha e experiente e porque desconfiava das amabilidades do patrão, aconselhava a patroa a mandar Idalina para casa da sua mãe até ficar boa.

Uma tarde em que o médico, pai de dona Isabel, a foi visitar, reparou que Idalina não estava bem, estava muito pálida, haveria de sofrer de algumas *maleitas*, e insistiu em a observar. O médico ao segundo toque abdominal que lhe fez olhou dona Isabel com ar de pena e reprovação e sentenciou:

- A tua Idalina está grávida!

Dona Isabel empalideceu, sentiu-se petrificar no meio daquele salão. Sem dizer uma palavra saiu dali e foi trancar-se no seu quarto. Não estava à espera daquele veredicto, tanto mais que não tinha conhecimento de que a Idalina tivesse namorado. E o pai da criança? Sim, tinha que ter um pai. Não podia permitir que o seu pensamento divagasse daquela forma. Mas, e o olhar do seu pai? Os arrufos e as observações de Maria? O distanciamento do marido que ela supunha ser devido às gravidezes seguidas a que tinha estado sujeita? Se fosse o que estava a pensar, como era possível nunca ter desconfiado? Não, recusava-se a aceitar esta sentença tão cruel.

Levantou-se devagar, dirigiu-se ao espelho que estava por cima da cómoda, mesmo com aquele olhar triste e abatido achou-se uma mulher bonita!

Não permaneceu muito tempo neste estado de alma, porque ali ao lado, num dos terraços da casa, ouviu gritar, eram as suas duas filhas mais velhas que se tinham travado de razões e ela teve de intervir. No resto da tarde entreteve-se a brincar com as pequenas, talvez para se

libertar daquela angústia que se apoderou do seu coração, mas também para evitar cruzar-se com a criadagem lá de casa.

Quando se dirigiu à sala de jantar já se encontravam todos à mesa. As meninas já tinham sido servidas pelo pai, algo que normalmente não estava dentro das suas atribuições e competências, reparou ainda que quem servia o jantar era a Maria e não a Idalina.

Questionou Maria sobre a saúde da Idalina, se não estava melhor, ou se tinha recolhido ao seu quarto. O Morgado adiantou-se a responder, sem desviar o olhar da sopa, que a Idalina fora despedida, dada a situação embaraçosa em que se encontrava.

Dona Isabel olhou o marido com ar de reprovação e apenas disse:

- Falarei com ela amanhã e não permitirei que ela e essa criança morram de fome.

Os dias que se seguiram foram de muito sofrimento para todos. A Idalina, depois de confessar quem era o pai da criança, foi muito criticada e amaldiçoada pela mãe e pelos seus tios que a tinham metido naquela casa e que tão mal vistos os deixou ficar! Como iriam encarar o patrão e principalmente dona Isabel?

O Morgadinho, roído de remorsos, respeitava solenemente os amuos da esposa, o seu distanciamento, os longos meses em que foi obrigado a dormir num dos quartos de hóspedes. Tornou-se num marido e pai prestativo, adivinhando os pequenos desejos da esposa e ajudando a cuidar das filhas, como que a penitenciar-se.

Dona Isabel, depois de algumas semanas de isolamento e de muitas lágrimas, a que só Maria teve acesso, ergueu-se de novo, contratou mais duas criadas e passou a dedicar mais tempo à sua imagem. Comprava roupas novas, sapatos e pregadores de ouro que usava nas suas blusas.

Ocupou de novo o seu lugar de destaque na Igreja, ao lado do seu marido, contribuindo com a sua ajuda em todas as acções de caridade promovidas pela Igreja e pela Escola e no Verão rumava ao Porto, a banhos, onde tinham adquirido uma casa com um bonito jardim, com vista para a praia de Leça, não dispensando nunca a presença do marido, das filhas e das duas criadas mais novas, de quem não tirava os olhos de cima, não fosse o diabo tecê-las.

A Idalina permaneceu em casa da mãe até à hora do parto. Os partos eram feitos em casa, com a ajuda de uma mulher mais velha. Só que o de Idalina complicou-se, depois de vários dias em trabalho de parto, sem terem a coragem de chamar o único médico que havia, o pai de dona Isabel. Idalina, após o parto, fraca e a esvair-se em sangue, acabou por falecer.

A *zorra* foi criada pela avó Margarida, com a protecção de Isabelinha, que cumpriu a promessa e não deixou que faltasse nada à meia-irmã das suas filhas.

Como diz o velho ditado, “*zorro, ou muito fino, ou muito tolo*”. Esta saiu fina. Depois da morte da avó foi para um colégio em Braga, entrou na Faculdade e tirou um curso superior.



Os Pastores

Zé Até Ver, assim se chamava o nosso pastor.

Logo que concluiu a 4ª classe e com apenas onze anos fora promovido pelo pai a pastor, já que era *zagal* desde os sete anos.

Não eram raras as vezes que reclamava desta sua condição, porque aos Domingos, também queria ir jogar a bola com os amigos, queria dançar no terreiro com as raparigas e rapazes da sua idade e até gostava de ir à missa, para ouvir o sermão do Padre António. Ficar mais um *cibinho* na cama, como os outros, isso sim, é que era bom!

O sermão que ouvia era do pai, sempre o mesmo, já o sabia de cor e salteado.

Eram relatos da sua vida simples e cheia de trabalhos. Não o deixaram ir à escola porque ainda mal se lembrava de ser gente já andava atrás das cabras a ajudar o pai. Que nesse tempo os Invernos eram muito rigorosos, muitos meses de geadas, caíam nevadas na serra que duravam mais de quinze dias e a cria não podia ir para o campo, por isso, às vezes, tinham que ir saber de pastos para a Vilarça e até para Agrobom, que eram terras mais quentes. Ficavam por lá até que a neve derretesse, se a ribeira ia grande também eram obrigados a ficar e quantas vezes tinham de dormir ao pé das cabras! E a comida? Se não fossem as boas almas e o leite das cabras... e continuava a lengalenga.

Se lhe acontecesse como a ele e ao avô, que passaram a vida a guardar as cabradas do senhor Pimenta (o homem mais rico da terra) e quando chegavam ao fim do ano, no acerto das contas, ainda ficavam com dívidas! Não sabia ele o sacrifício que fizera para comprar meia dúzia de cabras que se foram reproduzindo e hoje tinha a *proa* de ter a melhor cabrada da terra.

E a inveja entre os pastores? Sim, porque nesse tempo os pastores eram muitos, havia casais ricos que tinham mais de uma dúzia de rebanhos, andavam ao desafio, a ver qual era o que apresentava o rebanho mais gordo e às vezes travavam-se de razões, *engalfinhando-se* uns nos outros, os mais novos eram os mais atrevidos, andavam de noite nos pastos alheios, fartavam o seu gado, quando iam os dos donos já não tinham pasto que comer.

Acusavam-se uns aos outros, eram invejosos? Se calhar só queriam era fazer boa figura para o patrão não os mandar embora.

No Verão, o maior problema era a água, as ribeiras secavam, os poços ficavam reduzidos a pequenos charcos, até a água das fontelas não dava para matar a sede aos pardais.

Mas os pastores também se ajudavam uns aos outros, quando alguma cria caía à ribeira, bastava o grito do pastor e todos acorriam munidos de paus e ramos de árvores que lançavam à água para a conseguirem salvar. Se algum rebanho era perseguido pelos lobos, os cães dos pastores que se encontravam mais perto davam sinal e iam todos em socorro do rebanho e do pastor atacado.

A seguir vinha o *relambório* dos medos, os que sentira quando criança, ao ouvia contar as histórias das bruxas que *emperravam* as cabras e as não deixavam andar e nas noites de lua cheia, no pino do Verão, nas encruzilhadas a dançar jogos de roda.

Mas ainda faltava o pior. Era a história do seu nome, essa é que *azedava* o Zé, então não é

que quando foi à Vila, para o registar, parou na taberna do senhor Pacheco e depois de comer uns *figuitos* secos que levava no bolso e beber uns copitos de aguardente, toldou-se-lhe o miolo e, quando chegou ao registo, já não se lembrava do nome que a Margarida queria pôr ao garoto.

A menina a perguntar-lhe o nome e ele, *azoeirado* de todo, só conseguiu dizer:

- Já *num* me lembra bem, mas ponha-lhe Zé, até ver...

Que era como quem diz, até se lembrar do nome correto!

O pior foi quando a Margarida abriu a cédula e viu o que lá estava escrito, foi o *bô* e o bonito, ela gritou, barafustou, raios e coriscos não lhe faltaram, ainda lá foi outra vez para mudar o nome ao garoto, mas não adiantou. A menina disse que não havia nada a fazer, que tivesse tido juízo quando lá foi a primeira vez. E assim terminava o dito sermão, com uma certa tristeza no olhar, talvez fossem remorsos. O Zé já não estava a ouvir, e foi-se deitar.

Antes de adormecer, ainda pensou que, afinal, ser pastor também não era assim tão mau, ainda mais que agora os pastos eram no fundo da ladeira, junto à ribeira e se calhar ia lá encontrar a sua amiga, a Maria de Agrobom.

Maria era pastora do outro lado da ribeira, estava sempre à *coca* para ouvir o chocalho das cabras do Zé. Às veze, ouvia primeiro o toque da sua flauta e só depois começava a avistar a figura franzina do Zé e em seguida as cabras.

O caminho era estreito e por isso o rebanho parecia nunca mais terminar, já vinham algumas a meio da ladeira e as últimas ainda lá no alto, tocadas pelos cães, como se duma procissão se tratasse.

O Zé, ao ver a pastora, ou tocava na sua flauta uma melodia alegre e bem conhecida de ambos, ou então começava a cantar:

-Andava a linda pastora

O seu rebanho a guardar

Desde que nascia o dia

Até a noite chegar.

Ao aproximar-se, a Maria sempre lhe dizia:

- Não sabes outra, Zé. Não é linda pastora, mas pobre pastora.

- Olha, cada um canta como gosta mais! E depois tu *num* és pobre, pois não? As cabras são tuas e a avaliar *p'la* merenda que trazes *num* é de quem é pobre!

Enquanto desenrolavam este pequeno diálogo, o Zé já tinha atravessado a ribeira e as cabras iam-se misturando com as da Maria.

- Às vezes parece que as cabras são amigas umas das outras, como nós, Maria. Sabes que quando as vou juntar, *p'ra* ir embora, até tenho medo de levar algumas das tuas *p'ra* Serra, por engano?

- *Num* levás não, porque eu conheço-as bem, chamo-as *p'los* nomes e elas respondem-me com o chocalho, ao mexerem a cabeça.

- *Homessa*, os cães também as conhecem e elas são espertas, conhecem bem o dono. Quando estive com as *maleitas* e o meu pai as ia *botar p'ró* pasto elas *num* queriam sair da *corriça*. A minha mãe diz que era por sentirem a minha falta!

- Sentiram-na elas e sentia-a eu!

Durante o dia os pequenos pastores riam e brincavam. O *Zé* fazia *gaitinhas* com a ajuda da sua pequena navalha, uma *aboíz* que girava com o vento e dava de presente à Maria, jogavam ao seixo junto à ribeira ou nela tomavam banho no tempo de calmaria. À hora da merenda partilhavam o pão e o *peguilho* que levavam nos *sarrões*.

- Toma *Zé*, é *bôla sovada*, a minha mãe cozeu uma fornada de pão ontem e fez bolas, olha que tem azeite e sabe que *regala*!

- Espera aí, que *tamém* trago aqui um bocadito de queijo de cabra *p'ra* comermos com a *bôla*. Hoje a merenda é boa, e estes figos pretos que apanhei na figueira da *ti* Maria, no cimo da ladeira, come, sei que tu gostas. Olha o *Farrusco* e a *Andorinha* até se *lambem* com o resto da *bôla*, ainda comiam mais, mas têm *que* esperar *p'la* noite *p'ra* encherem a barriga, a minha mãe faz-lhe as sopas com o soro fervido e o pão duro, porque os fundos e os requeijões tem *que* os dar às vizinhas *p'ra* matarem a fome aos garotos.

O *Zé* saía mais cedo, que do fundo da Ladeira até Sambade demorava bem mais de uma hora e a subida não era fácil, nem para si, nem para as cabras, principalmente para os cabritos pequenos e as suas mães, muitas vezes tinha de voltar atrás para as obrigar a caminhar.

Despedira-se da Maria dizendo:

- Adeus, Maria, amanhã sou eu que trago a merenda.

Enquanto subia a ladeira ia deitando os olhos para trás, para ver se nenhuma ficava *pasmada* a roer as silvas ou alguma estaca próxima do caminho.

Nesse dia, por azar, focou os seus olhos em dois *tralhões* que estavam juntinhos, no cimo duma fraga, à beira do caminho.

Puxou da fisga que levava no bolso e pensou, pode ser que com este seixo consiga matar os dois e logo à noite tenha ceia melhorada.

O que não viu foi a cabra *Branca* a aproximar-se da dita fraga e em vez de acertar nos *tralhões* acertou na cabrinha que deu uma cambalhota e caiu no chão.

O *Zé* largou a fisga e numa aflição correu para a cabra, que pensou ter matado.

Com as lágrimas a correr abraçou-a e só depois é que viu o estrago que tinha provocado: a mão da frente sangrava, via-se o osso, e a cabra não se tinha de pé.

Tirou o lenço de assoar do bolso das calças, atou-o com toda a força ao joelho da cabra e baixando a cabeça conseguiu pô-la ao seu pescoço transportando-a até à *corriça*, onde chegou *derreadinho* de todo.

Durante duas semanas a Maria não teve notícias do *Zé*, não apareceu como o combinado

e não seria por bom motivo, tanto mais que prometera levar ele a merenda, se não fossem os figos e as uvas que havia no campo teria passado fome nesse dia.

Mas a sua maior preocupação era o Zé. Será que lhe repetiram as *maleitas* e agora com mais força?

Um certo dia, já manhã entrada, pareceu-lhe ouvir o barulho dum chocalho, apurou mais o ouvido, a seguir ouviu outro e outro, o seu coração começou a bater com força, sim, era o seu amigo Zé, já o conseguia ver ao longe bem no cimo da Ladeira.

À medida que ele se ia aproximando a Maria estranhou não ouvir a sua flauta, nem a cantiga da pastora, estaria ainda doente? Até as cabras vinham mais silenciosas e estavam a demorar mais do que era costume. Ainda não tinha atravessado a ribeira já a Maria perguntava em voz alta:

- Que é que te aconteceu? Estava tão preocupada! Estiveste outra vez doente?

Nada de resposta. O Zé foi-se aproximando e com voz *dengosa*, como se tivesse sido vítima duma grande desgraça, contou o que lhe tinha acontecido e que só hoje é que o pai o tinha deixado ir para tão longe.

Maria observou a patinha da cabra, abraçou-a e pediu-lhe desculpa pelo Zé.

- Ele não fez por mal, mas ele e a físga! Coitadinhos dos passarinhos, *num devias* matá-los Zé, eles são tão bonitos e depois *num* fazem mal a ninguém, já imaginastes o que seria esta *choupada* sem os pássaros e os seus ninhos?

- Tu bem falas Maria, mas às vezes estou tão farto de comer batatas com cebola que uns passarinhos assados, ou fritos, até me consolavam.

- Mas *atão* conta-me lá, como te vistes com o teu pai quando lá chegastes com a cabra manca?

- Como me vi? Mal, pois claro, a físga voou por cima do telhado da *corriça* que nunca mais a vi. Vês esta orelha? *Num* sei, mas parece-me que nunca mais vai *a* ficar do tamanho da outra e *relambório*? Fugi que só parei em casa, certo que a minha mãe me ia *a* dar algum apoio. Qual quê?! Se *num* me escapava *inda* levava mais, ela *tamém* quer melhor àquela cabra do que a mim. Sabes que quando nasceu a minha irmã Clara a minha mãe esteve muito doente e *num* tinha leite *p'ra* lhe dar de mamar, foi quando o meu pai comprou a cabra *Branca*, tinha-lhe morrido o cabrito e como tinha muito leite foi ela que criou a minha irmã. Diz que mal chegava a casa subia as escadas e ia-se *escarranchar* em cima do berço que estava na varanda, *p'ra* garota mamar.

- Aí está a razão da tua mãe gostar tanto dela e tu também gostas, dela e de todas, que eu bem sei. É como eu, quando o meu pai resolve vender ou trocar alguma é uma choradeira lá em casa, às vezes nem consigo dormir. São as nossas companheiras dos pequenos e longos dias, todas elas nos conhecem e sabem quando estamos tristes. Olha a *Peinadinha* e a *Bemposta* que se vieram deitar aos teus pés, estão a olhar *p'ra* ti, como se te quisessem consolar.

- Já vistes Zé, até já sei o nome das tuas cabras.

E riram os dois, abraçados às cabritas.

Glossário

A

Abespinhar – aborrecer.

Aboíz – brinquedo que gira com o vento.

Abondar – aproximar, chegar.

Acanhotada – pancada.

Acarrar – transportar.

Acelga – planta silvestre que substitui as couves na sopa.

Achincalhar – diminuir, fazer pouco de alguém.

Afligir – atrapalhar, ter receio.

Agachar – baixar-se.

Aguilhada – vara com ferro na ponta para picar os animais.

Agouro – mau-olhado.

Algazarra – barulho, barulheira.

Ande – em vez de háo-de.

Amanhar – preparar, enfeitar.

Amolgado – desfeito, estragado, destruído.

Á pata – ir a pé.

Arçã – arbusto comum, o mesmo que tomilho.

Árejar – em vez de a arejar.

Arrabeirar – varrer a eira.

Arramar – verter.

Árrebetinha – lançar ao ar e ao acaso.

Arrimar – arrumar.

Arrocho – pau curvo para apertar e segurar as cordas das cargas animais.

Assumar – espreitar, aproximar, chegar.

Atão – em vez de então

Atraganado – traquina, malandro.

Azoeirado – maluco, sem juízo.

B

Bardino – malfeitor, sem carácter.

Bencelhos – Atadilhos feitos com colmo para apertar a fochas de cereal.

Bilhacos – maus.

Binho – em vez de vinho.

Bispar – espreitar, coscuvilhar.

Bô – interjeição usada para traduzir surpresa, admiração.

Bocheiras – chouriças de carne e dos boches do porco.

Bofes – interior, personalidade, competência.

Brejoiro – vadio.

Bota – recipiente tradicional para transportar vinho.

Brochas – tachas.

Bulharaco – bolinhas dos carvalhos resultantes de uma excrescência provocada pela parasitação de um insecto. Também se diz bulhacro.

C

Calços – folares doces.

Caldeado – quente.

Canhono – cordeiro grande.

Carolo – pedaço (de pão).

Cardanho – lugar onde comiam e pernoitavam os trabalhadores da serra no período da apanha da azeitona, na Vila e na Vilarica

Cartear – falar alto, através de um corno de boi aberto nas duas extremidades.

Casulas – vagens secas de feijão.

Cevado – porco gordo, bem alimentado.

Chicha – carne.

Cibaco – de cibo, bocado.

Coca – espreita.

Codear – fustigar.

Contradança – bailado de grupo folclórico com elementos femininos e masculinos.

Cornelho – sementes escuras existentes no trigo, resultantes de ervas daninhas.

Corriça – local de abrigo de ovelhas e cabras.

Coubes – em vez de coves.

Curjidade – habilidade, curiosidade, interesse.

Cria – animais domésticos de carga e de trabalho.

Crocas – esperanças, ilusões.

D

Danados – valentes, corajosos, ou malvados.

Deixas – versos feitos às raparigas no dia de carnaval revelando os seus segredos de namoricos.

Dengosa – arrastada (voz dengosa).

Derreado – cansado, exausto.

Desbulhar – tirar a casca.

Desamarrar – desapertar.

Desavagada – desocupada.

Dezer – em vez de dizer.

E

Embilha – engana.

Emproado – vaidoso.

Encachoeirado – pedante.

Encardida – suja.

Encolocar – entregar.

Enderençar – cambaleiar, andar em ziguezague.

Engalfinhar-se – andar à bulha.

Enversar – versejar, fazer versos.

Enxofrinado – zangado, ofendido.

Escano – banco comprido com encosto.

Escanzelado – magro.

Escarranchar – sentar de pernas abertas.

Esbrinçado – cansado, fatigado.

Esgalgado – com muita fome.

Espritar-se – estar com muito medo.

Esterlicados – desnutridos devido à fome.

Estrafugueiro – pau grande que se coloca na lareira.

Esturreiro – muito calor.

F

Fanico – desmaio.

Ficar por ele – responsabilizar-se.

Fizestens – em vez de fizestes.

Fugide – em vez de fugi.

G

Gabões – elogios.

Comemos gaifonas – comemos nada.

Galgueira – fome.

Gamões – plantas verdes e carnudas.

Ganapada – garotada.

Gorir – estragar, apodrecer.

Gradura – toda a variedade de feijão seco.

Gravãos – grão-de-bico.

Grolo - com falta de dicção, que não diz bem as palavras.

H

Hadem – em vez de háo-de.

I

Inda – em vez de ainda.

Ingarelas – taipas colocadas nos carros de bois.

Ingranahadas – com frio.

Impenhados – em vez de empenhados.

Intesar – ficar teso, duro.

J

Janeloco – pequena janela.

L

Laregos – porco pequenos.

Loas – cantigas de louvor.

Loje – loja dos animais.

M

Maganos – Malandros.

Malga – tigela.

Matabichar – primeira refeição da manhã antes de ir para o trabalho.

Medeiro – monte de palha.

Melgueira – sorte.

Mistela – mistura de vários ingredientes para fazer mezinha.

Mordomos (da festa) – responsáveis pela organização da festa.

N

Num – em vez de não.

O

Obreiros – trabalhadores.

P

Pangelíngua – relambório.

Partide – em vez de parti.

Peguilho – acompanhamento, nomeadamente para comer com o pão (queijo, salpicão, presunto, etc.)

Piçorros – pedaços de gelo que se formavam nos beirais dos telhados.

Pinga – meter-se na pinga, no vinho ou outras bebidas alcoólicas. Também se diz pinga de água.

Piquena – em vez de pequena.

Pitas – galinhas.

Q

Quaisque – em vez de quase que.

Queira - quantidade de qualquer coisa.

R

Rafado – gasto, desgastado.

Ralices – consumições, preocupações.

Rancho – grupo de assalariados para apanha de produtos agrícolas.

Reboque (ir a...) – obrigar a ir atrás.

Rebusco – sobras que ficam no campo depois da colheita.

Reinar – fazer troça.

Relambório – conversa continuada com sentido de chamar alguém à atenção.

Reluzir – brilhar.

Remoques – palavras de censura, de reprovação.

Rialejo – em vez de realejo.

Rilheiros – Amontoado de molhos de cereal.

Ror – grande quantidade de qualquer coisa.

Rosquilha – bolo enrolado tradicional no carnaval.

S

Sapeira – raiva.

Sarrão – saco feito com a pele da ovelha.

Sartá – o mesmo que sertá, frigideira.

Soalheiro – conversa de má-língua.

Sóto – mercearia.

T

Taleigo – gordo.

Tamém – em vez de também.

Tarimba – cama miserável.

Tralhões – pássaros.

Tranqueirada – tarefa.

Triscada – encolhida.

Tulha – lugar onde se guarda o cereal.

V

Verdascada – chicotada.

Vianda – alimento dos porcos.

X

Xieiro – vento frio da serra, o mesmo que cieiro.

Xiragões – colchões enchidos com palha.

Z

Zagal – ajudante de pastor.

Zaina – brava, má.

Zangoa – brava, de mau feitio.

Zina – saber bem.

Zorra – filha ilegítima.

Índice

| | |
|------------------------|-----|
| O Entrudo | 12 |
| As Cascatas | 17 |
| As Segadas | 22 |
| A Malhada | 29 |
| A Festa de Agosto | 35 |
| A Matança do porco | 42 |
| As Castanheiras | 50 |
| A Azeitona | 56 |
| As Padeiras | 61 |
| Acudam, que há fogo! | 64 |
| As Feiras | 68 |
| Os Casamentos | 72 |
| A Coqueluche | 77 |
| Avós - Mães com açúcar | 81 |
| O Sarampo | 85 |
| Os Bêbados | 87 |
| Os Ciganos | 94 |
| As Bruxas | 99 |
| A Zorra | 102 |
| Os Pastores | 107 |
| Glossário | 112 |



Virgínia da Glória Morais Azevedo nasceu em Sambade, concelho de Alfândega da Fé em 1955, onde reside. Casada, tem dois filhos e cinco netos. Frequentou a Escola Primária de Sambade e o Liceu de Bragança. Trabalhou durante trinta e cinco anos nos Municípios da Amadora e de Alfândega da Fé, como Assistente Administrativa e Coordenadora Técnica.

Para além da sua actividade profissional exerceu ainda os cargos de Secretária de uma Instituição particular de Solidariedade Social (Lar de Idosos de Sambade) durante 10 anos, em regime de voluntariado. Foi membro do executivo da Junta de Freguesia de Sambade durante dois mandatos (2004-2012).

Desde cedo manifestou o seu gosto pela leitura e pela escrita, tendo já escrito vários textos e poemas, nomeadamente para as marchas de Carnaval e hinos e canções para os grupos de cantares. A sua grande paixão é a poesia e pensa publicar brevemente uma obra com o título "Um punhado de versos".

Continua a ser uma pessoa activa e participativa na sua comunidade, a dinamizar e organizar diversas actividades. O que mais a satisfaz é estar presente na vida dos seus filhos e netos.